



# **Revista das Faculdades Santa Cruz**

Edição 20, volume 1, número 1, janeiro/junho 2018, ISSN 1676 - 0328



Os artigos publicados na Revista das Faculdades Santa Cruz são de inteira responsabilidade de seus autores. Os pontos de vista deles não espelham, a rigor, a percepção de mundo da Instituição.



## FACULDADES INTEGRADAS SANTA CRUZ DE CURITIBA

Instituição de Ensino Superior, de caráter educacional e científico, fundada em 1º. de agosto de 1993, mantida pela União Paranaense de Ensino e Cultura – UNIPEC – pessoa jurídica de direito privado, sem fins lucrativos, com a missão de promover o ensino, a iniciação científica e a extensão, almejando o estabelecimento de um processo norteador para a educação continuada.

### **Diretor Geral**

Ricardo Carvalho Rodrigues

### **Editora-Chefe**

Gissele Chapanski

### **Editor de Arte**

Pedro Moreira da Silva Neto

### **Conselho Editorial**

Beatriz Borges Essenfelder

Cindy M. Gavioli-Prestes

(Unespar-Guarapuava)

Benito Maeso (IFPR-Curitiba)

Patrícia Maeso (Unespar-Paranaguá)

### **Projeto Gráfico**

Daniel Zanella

### **Tradução**

André Leon da Silveira

### **Revisão Metodológica**

Gissele Chapanski

### **Diagramação**

Daniel Zanella

### **Capa**

Thaís Alessandra Tavares

Revista das Faculdades Santa Cruz –

ISSN 1676 – 0328

1.Administração – Periódicos. 2. Economia – Periódicos.

2.Contabilidade – Periódicos 4. Tecnologia em Processamento de Dados. – Periódicos.

5.Direito – Periódicos. 6. Linguagem e Línguas – Periódicos.

CDD658

330

657

004.9

340

400

Endereço para correspondência: Faculdades Integradas Santa Cruz de Curitiba  
Rua Pedro Bonat, 103  
Novo Mundo - Curitiba/PR - CEP 81110-040  
C-eletrônico: [revistacientificasantacruz@gmail.com](mailto:revistacientificasantacruz@gmail.com).

<b>Nota do Editor</b> .....	6
<b>Assistência de enfermagem a pacientes com transtorno de esquizofrenia</b> <i>Vanessa Pereira da Silva e Prof. Msc. Rejane Ribeiro Herbert</i> .....	8
<b>A percepção dos acadêmicos de enfermagem na prevenção de erros de medicação</b> <i>Edinéia Delfino dos Santos e Rejane Ribeiro Herbert</i> .....	30
<b>Assistência de enfermagem ao paciente dialítico em unidade de Terapia Intensiva</b> <i>Silvia Mara Moreno da Silva e Beatriz Essenfelder Borges</i> .....	52
<b>Hans Ulrich Gumbrecht encontra Alexandre Guarnieri: as casas de presença</b> <i>Daniel Zanella</i> .....	72
<b>Redes sociais online e a arquitetônica bakhtiniana: avaliações axiológicas sobre (i)migração e refúgio em textos/enunciados no Facebook</b> <i>Izabel da Silva</i> .....	82
<b>Memória e magia: felicidade involuntária em Marcel Proust</b> <i>Tarik Vivan Alexandre</i> .....	98
<b>O estado social e o regime político democrático em Tocqueville</b> <i>Robson Francisco da Costa</i> .....	115
<b>Ensino médio integrado: espaço de aprendizagens e fazeres pedagógicos diversificados</b> <i>Flávia Heloísa da Silva, Silvia Renata Sakalauskas e Mércia Freire Rocha Cordeiro Machado</i> .....	142



**A Revista das Faculdades Santa Cruz**, periódico das Faculdades Santa Cruz (ISSN: 1676-0328), orgulhosamente apresenta a sua edição de número 20. Ao longo de mais de 10 anos, trouxemos artigos de diversas áreas acadêmicas, com as mais diversas propostas, abordagens e contextos, sempre prestigiando o diálogo e a multiplicidade de vozes.

Em tempos mais conturbados, onde o raciocínio lógico e a capacidade de audição são elementos cada vez mais raros, produzir uma revista científica que preze pela versatilidade de ideias,

sem cair em pedantismos ou em novos focos de certezas, é apresentar à sociedade a importância da pesquisa e da universidade na formação de um cidadão mais crítico e apto para a vida em comunidade — espaço último onde verte toda a complexidade humana e onde se apresentam as maiores dificuldades.

Pensamos que uma revista acadêmica é resultado de pesquisas e da busca individual de cada pesquisador por um ambiente melhor de se viver.

Boa leitura a todos!



## **ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM A PACIENTES COM TRANSTORNO DE ESQUIZOFRENIA**

Vanessa Pereira da Silva <sup>1</sup>

Prof. Msc. Rejane Ribeiro Herbert <sup>2</sup>

### **RESUMO**

A esquizofrenia é um transtorno psicótico que atinge ambos os sexos, porém em fases diferentes da vida, geralmente ocorre na fase jovem causando uma desorganização psíquica severa e comprometendo a vida social do indivíduo portador desta doença. O diagnóstico é feito com base em uma entrevista minuciosa com o paciente e seus familiares. Esta pesquisa teve como finalidade descrever a assistência de enfermagem em pacientes com transtorno de esquizofrenia, esclarecer as dúvidas dos pacientes e seus familiares responsável pelo tratamento medicamentoso e terapêutico prescrito pelo médico. Para o desenvolvimento desta pesquisa foi adotada a metodologia que inclui estudo descritivo e quantitativo, em uma instituição de saúde de Curitiba-PR. A pesquisa foi realizada com 20 profissionais da enfermagem. Para a coleta de dados, foi aplicado um questionário como principal instrumento de coleta de dados contendo 10 questões fechadas. Com base nas respostas do questionário foi realizado uma análise das respostas e desenvolvida a tabulação dos dados quantitativos que foram apresentados em forma de gráficos mediante estatística básica, com números absolutos (N) e relativos (%), utilizando-se o programa Excel e os dados qualitativos refinados pela teoria de Bardin categorizando as temáticas e transcrevendo os relatos conforme registro.

**Palavras-Chaves:** Esquizofrenia; Cuidados de Enfermagem; Saúde Mental.

### **ABSTRACT**

Schizophrenia is a psychotic disorder that affects both sexes, but in different phases of life, usually occurs in the young phase causing severe psychic disorganization and compromising the social life of the individual with this disease. The diagnosis is made based on a thorough interview with the person and their family members. This research

---

<sup>1</sup> Graduanda no Curso de Enfermagem da Faculdades Integradas Santa Cruz – FARESC.

<sup>2</sup> Professora Orientadora no Curso de Enfermagem da Faculdades Integradas Santa Cruz – FARESC.

aims to describe nursing care in patients with schizophrenia disorder, to clarify the doubts of patients and their relatives responsible for the medication and therapeutic treatment prescribed by the physician. For the development of this research was adopted the methodology that includes a descriptive and quantitative study, in a health institution of Curitiba-PR. The research was carried out with 20 nursing professionals. For the data collection, a questionnaire was applied as the main data collection instrument containing 10 closed questions. Based on the answers of the questionnaire, the analysis of the responses was carried out and the tabulation of the quantitative data was performed as graphs using basic statistics, with absolute (N) and relative (%) numbers, using the Excel program and the qualitative data refined by Bardin's theory, categorizing the themes and transcribing the reports according to the record.

**Keywords:** Schizophrenia; Nursing care; Mental health.

## INTRODUÇÃO

A esquizofrenia é um transtorno mental complexo que dificulta a distinção entre as experiências reais e imaginárias, interfere no pensamento lógico, nas respostas emocionais normais e comportamento esperado em situações sociais (ANTUNES et al., 2009).

Ao contrário do que a maioria das pessoas pensam, a esquizofrenia não é um distúrbio de múltiplas personalidades, porém é uma doença crônica, complexa e que exige tratamento por toda a vida.

É uma doença mental que se caracteriza classicamente por um agrupamento de sintomas, entre os quais alterações do pensamento e do humor, alucinações, delírios e perda do contato com a realidade. Os familiares mais próximos são quem percebem os primeiros sinais da doença, que são o isolamento e a dificuldade de se socializar, além de medos exagerados, excesso de preocupações, muito diferentes daquelas que a pessoa costumava ter. A doença geralmente aparece no final da adolescência e no início da fase adulta (GALLO; TELES, 2010).

O diagnóstico é feito pelo psiquiatra com base em uma entrevista minuciosa com a pessoa e seus familiares. Exames de imagem (como tomografias ou ressonâncias magnéticas) e exames de sangue podem ajudar a descartar outras doenças neurológicas

com sintomas semelhantes à esquizofrenia, porém não são capazes de identificar a esquizofrenia (CORDIOLI, 2005).

Para Cordioli (2008), a esquizofrenia não tem cura, somente visa o controle dos sintomas e a reintegração do paciente na sociedade, o tratamento da esquizofrenia requer duas abordagens: medicamentosa e psicossocial. O tratamento medicamentoso é feito com remédios chamados antipsicóticos ou neuropiléticos (CORDIOLI, 2008).

Esses medicamentos são utilizados tanto na fase aguda quanto na fase crônica da doença para aliviar os sintomas psicóticos, entre as crises e para prevenir novas recaídas da doença. Os pacientes precisam utilizar as medicações sem interrupções, o indivíduo deverá ser submetido a avaliações médicas periodicamente; o médico procura manter as medicações na menor dose possível para evitar recaídas e eventuais efeitos colaterais da medicação (CORDIOLI, 2008).

Com a reforma psiquiátrica no Brasil começou nos anos 70, mudou o modo de cuidar do paciente com transtorno mental, tendo como ponto importante a reestruturação da assistência psiquiátrica e a mudança no modelo de tratamento hospitalar para um modelo que enfatiza os direitos humanos dos pacientes psiquiátricos (BRASIL, 2005).

Após a reforma da psiquiatria foi decretada a Lei n.º 10216, de 6 de abril de 2001 que dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais e redireciona o modelo assistencial em saúde mental (BRASIL, 2001).

Assim, os leitos que atendia pacientes psiquiátricos passaram a ser utilizados somente em casos mais graves, os atendimentos com a equipe multidisciplinar são encaminhados nos ambulatórios ou hospital dia, visando à reinserção social do indivíduo (BRASIL, 2005).

Considerando a atual situação no Brasil pode-se perceber que a amplitude de ações dos profissionais de enfermagem se justifica cada vez mais se especializar na reabilitação de paciente. Diante disso, os profissionais da enfermagem necessitam competências para compreender os sintomas da doença de esquizofrenia.

A esquizofrenia demonstra ser um desafio para todos os profissionais da saúde que trabalham com saúde mental, pois os profissionais têm um papel importante na reabilitação do paciente. Apesar de várias abordagens sobre o tema ainda nos dias de hoje ocorre uma difícil compreensão sobre o tema. Essa pesquisa possibilitará compreender os sintomas da doença referida e diferenciar de outras doenças psiquiátricas, bem como, a importância da assistência de enfermagem aos pacientes acometidos por este transtorno e a importância do familiar responsável no tratamento adequado da doença.

Esta pesquisa é de natureza básica, com abordagem quantitativa cujo local da pesquisa foi no Hospital Espírita de Psiquiatria Bom Retiro situado em Curitiba-PR que atende pacientes com transtornos mentais. Utilizado como palavra-chave na busca: esquizofrenia; cuidados de enfermagem; saúde mental.

Trata-se de uma pesquisa quantitativa e prospectiva, com 20 profissionais da enfermagem. Para a coleta de dados, foi aplicado um questionário como principal instrumento de coleta de dados contendo 10 questões fechadas. Com base nas respostas do questionário foi realizada uma análise das respostas e desenvolvida a tabulação dos dados quantitativos que foram apresentados em forma de gráficos mediante estatística básica, com números absolutos (N) e relativos (%), utilizando-se o programa Excel e os dados qualitativos refinados pela teoria de Bardin categorizando as temáticas e transcrevendo os relatos conforme registro.

Esse trabalho tem como objetivo descrever o cuidado de enfermagem frente ao paciente portador do transtorno de esquizofrenia, identificar os principais sinais e sintomas do transtorno de esquizofrenia e esclarecer as dúvidas dos pacientes e seus familiares responsáveis pelo tratamento medicamentoso e terapêutico prescrito pelo médico

A pesquisa foi realizada no período entre 28/08/2017 a 15/09/2017, no Hospital Espírita de Psiquiatria Bom Retiro de Curitiba, com 20 profissionais, para análise de dados obtidos nos questionários, foi organizada em tabulação no programa Microsoft® Excel.

Esta pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos do Hospital Paranaense de Otorrinolaringologia Ltda (IPO), sob Parecer nº 70524617.4.00005529.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

A esquizofrenia foi descrita pela primeira vez por Emil Kraepelin em 1836. A princípio, era conhecida como “Dementia praecox” (demência precoce), e o diagnóstico era baseado em três características principais, a sintomatologia, observadas nos déficits da atenção, da compreensão, alucinações, pensamentos sonoros, mudança de comportamento, na etiologia e na evolução da doença que era desfavorável para a vida do esquizofrênico (EPISODE et al., 2006).

Em 1908, o psiquiatra suíço Eugen Bleuler propôs o nome “Esquizofrenia”, que do grego significa “mente dividida” e reflete a opinião do estudioso, sendo que ele defendia que as principais características da doença era a dificuldades de associação do pensamento e de criação de vínculos afetivo, ele considerava a esquizofrenia como uma das doenças mentais mais complicadas e severas já descobertas (EPISODE, et al., 2006).

A esquizofrenia atinge 1 cada 100 pessoas da população, é terceira doença mais atingida no mundo, no Brasil estima-se que tem mais de 2 milhões de portadores da doença, nos homens a doença atinge antes, entre 15 aos 25 anos e nas mulheres entre 25 a 35 anos. Acredita-se que essa diferença ocorra devido que os homens passam por algum tipo de estresse mais cedo que as mulheres, já no sexo feminino ocorre a mudança hormonal frequente, por isso os sintomas aparecem mais tardiamente. O final da adolescência e início da vida adulta é uma fase bastante conturbada, pois envolve transformações físicas, emocionais e aquisição de novas responsabilidades (EPISODE, et al., 2006).

Estima-se um aumento na incidência de novos casos da doença, deve estar entre 1 a 7 casos novos para cada 10.000 habitantes por ano. A fase inicial da doença chama-se prodrômica, onde a pessoa apresenta sinais e sintomas como isolamento social e abandono nas atividades diárias importantes, sintomas que às vezes passam despercebidos pela família, logo já apresenta o primeiro surto da doença, propriamente dito (ASSUMPCÃO, 2009).

As manifestações clínicas iniciais que a esquizofrenia pode apresentar são aguda ou insidiosa, com características distintas evoluindo para uma sintomatologia própria (GIACON; GALERA, 2006).

Os sintomas positivos (Síndromes Produtivas nas Psicoses) são considerados como manifestações novas e produtivas do processo esquizofrênico, que são eles: pensamentos delirantes, alucinações de conteúdo paranoico, alterações linguísticas e agitação psicomotora (DALGALARRONDO, 2000).

Os sintomas negativos (Síndromes Deficitárias nas Psicoses) são considerados pela perda das funções psíquicas, que são: distanciamento afetivo de outras pessoas, mesmo das pessoas mais próximas, diminuição da comunicação verbal, lentidão de pensamentos e psicomotora (DALGALARRONDO, 2000).

O diagnóstico é definido através de resultados clínicos que o paciente apresenta para o psiquiatra ao longo das terapias, muitas vezes é difícil fechar um diagnóstico precoce, para isso é necessário excluir outras situações que possam produzir os mesmos

sintomas semelhantes, como abuso de álcool e drogas, o médico aplica alguns testes e realiza exames de imagens a fim de descartar outras doenças neurológicas com a epilepsia, tumor cerebral e alterações metabólicas,

Após algumas sessões o profissional consegue classificar o tipo de esquizofrenia (CORDIOLI, 2005).

#### Quadro 1: Tipos de esquizofrenia

<b>TIPO</b>	<b>CONCEITO</b>
<b>Paranoide</b>	Presença de delírios de perseguição, alucinações visuais e auditivas.
<b>Desorganizada</b>	Discurso e comportamento desorganizado.
<b>Catatônica</b>	Imobilidade motora, nesses tipos de esquizofrenia o indivíduo é capaz de ficar na mesma posição por dias, como uma estátua.
<b>Indiferenciada</b>	Nem sempre o portador da esquizofrenia apresenta os sintomas dos outros tipos da doença, então o médico diagnostica como esse tipo de esquizofrenia.
<b>Residual</b>	É a forma mais antiga da doença, caracterizada pelo isolamento social.

Fonte: Oliveira et al. (2006)

A esquizofrenia tem causa multifatorial, envolvendo fatores genéticos e ambientais ainda não muito conhecidos. A hereditariedade, entretanto, não parece ser o fator determinante, a genética é responsável por cerca de 50% da chance de adoecer, cabendo a outra metade aos fatores ambientais (PALMERAS et al.,2013).

A adolescência é uma fase onde ocorrem muitas mudanças na vida do indivíduo tanto emocional, quanto hormonal, o cérebro começa a moldar-se para a vida adulta. Essa transformação é conhecida como poda neuronal, fatores ambientais na adolescência podem influenciar esse processo, desencadeando o primeiro surto da doença.

Acredita-se que os fatores do ambiente sirvam como ativadores desse efeito, algumas pessoas que possuem determinado alelo de um gene relacionados à doença têm

até 5 vezes mais risco de desenvolver psicose se usarem maconha aos 15 anos. O risco é diminuído se a exposição à droga ocorrer após os 18 anos de idade, o fator ambiental nessa situação poderá influenciar (PALMERAS et al., 2013).

Os fatores biológicos estão ligados diretamente com a parte genética ou influenciados quimicamente, a hipótese que explica os fenômenos ilusórios que provém da esquizofrenia é uma alteração neuroquímica das funções dopaminérgicas. Acredita-se que a dopamina ou ainda que número de seus receptores, em determinadas partes do cérebro, fica desregulado. Isso significa que o indivíduo tem uma quantidade certa de dopamina, mas a expressão dela é diferenciada porque o número de receptores não equivale à quantidade desse hormônio no indivíduo (TOWNSEND, 2002).

As ações do glutamato como um neurotransmissor é essencial para que o processamento cognitivo seja bom ou satisfatório, responsável pelo aprendizado e memória pela sua ação substancialmente importante no córtex cerebral (LUCIA; ARRUDA, 2011).

Atualmente, já não há mais dúvida de que a esquizofrenia é um transtorno que acomete o funcionamento cerebral. Diferentes estudos vêm demonstrando alterações neuroanatômicas, neurofisiológicas e neuroquímicas, mas até o momento poucos achados resultaram em real benefício para os pacientes, portanto um maior entendimento da fisiopatologia da esquizofrenia possibilitará diagnósticos mais específicos, tratamentos mais eficazes e, possivelmente, prevenção (BRESSAN et al., 2001).

Os fatores ambientais são aqueles que estão relacionados à questão sociocultural de cada indivíduo, acredita que existe um número mais elevado de portadores de esquizofrenia em pessoas em classes socioeconômicas baixa, devido à exposição a toxinas, vírus e à má nutrição dentro do útero da mãe, especialmente nos dois primeiros trimestres da gestação, entre outras situações predisponentes a doença (TOWNSEND, 2002).

O uso de medicamentos é eficiente principalmente para controle dos sintomas que a doença apresenta. Com os anos foram descoberta uma nova geração de medicamentos chamados de antipsicóticos atípicos e esses se mostraram eficazes para tratamento (ALMASAN, 2006).

Nos anos 70, aconteceu o movimento social na psiquiatria, onde os trabalhadores, familiares e sindicalistas visavam mudança em hospitais psiquiátricos, as intervenções ocorreram de forma que os pacientes não deveriam ficar internados sem previsão de alta e sim um novo modelo de tratamento, quanto menos tempo o paciente ficasse internado

seria melhor para o tratamento, com isso surgiu em 1987 em São Paulo o primeiro Centro de Atenção Psicossocial (BRASIL, 2005).

No Brasil existem centros de atenção psicossocial (CAPS) fornecido pelo SUS, alguns planos de saúde também fornecem os serviços em centros especializados para terapias psicossociais, individuais e em grupos, a fim de resgatar a autonomia e a capacidade de socialização do indivíduo, também trata os familiares dos pacientes que acaba adoecendo junto (BRASIL, 2005)

Na esquizofrenia catatônica são realizadas sessões de eletroconvulsoterapias que é um tratamento eficaz e seguro para doenças psiquiátricas graves, principalmente na depressão profunda e na esquizofrenia tipo catatônica, O objetivo é promover uma estimulação elétrica no cérebro com a finalidade de induzir uma crise convulsiva que dura ao redor de 30 segundos, realizada após uma avaliação detalhada e com o uso de sedativo para o paciente para sentir dor, é realizada diversas sessões a fim de aliviar os sintomas das doenças, (ANTUNES et al., 2009).

O enfermeiro é o profissional que está mais perto de quem está internado com o transtorno mental em hospitais psiquiátricos, ou quem faz acompanhamento ambulatorial, também auxilia a equipe de enfermagem a lidar com os pacientes orienta o paciente e seus familiares sobre as características da doença, o tratamento e sobre os recursos disponíveis, bem como: manejar e coordenar sistemas de integração de cuidados que integrem as necessidades do paciente; atender a cada paciente individualmente; usar uma abordagem calma e segura; ouvir atentamente; criar uma atmosfera que facilite a confiança; encorajar a verbalização de sentimentos; percepções e medos; ajudar o paciente a identificar situações de ansiedade; manejar alucinações; orientar para a realidade e proporcionar um ambiente seguro (BRASIL, 2009).

O enfermeiro ainda desenvolve a sistematização da assistência de enfermagem (SAE) que é a assistência de enfermagem em fases de forma organizada, que visa promover a qualidade nos cuidados prestados ao pacientes, deve ser realizado em todos os serviços de saúde que atende o paciente, tanto na rede pública quanto na rede privada (BRASIL, 2009).

A reabilitação psicossocial necessita de três pontos importantes na vida do indivíduo: trabalho, casa e lazer. Com isso cabe a equipe de saúde mental envolver o paciente e a família em prol da reabilitação juntamente em conjunto de táticas capazes de desempenhar a singularidade, respeitando à pessoa com sofrimento psíquico, visando melhorar a qualidade de vida (VALLADARES, 2003).

Apesar da doença, o profissional da enfermagem deve acreditar na remissão dos sintomas e na capacidade de reinserção desses pacientes a sociedade. O enfermeiro e os demais profissionais da saúde devem estabelecer um vínculo e ações que visam atender as necessidades do paciente com esquizofrenia (CASTRO et al, 2008).

Devemos ressaltar que a enfermagem junto com outros profissionais da saúde tem um papel importante na assistência aos pacientes com transtorno mental de um aspecto geral, tanto em ambiente hospitalar, quanto laboratorial, promover um entendimento sobre a doença, levando assim a uma melhor adesão do tratamento, e uma melhor reabilitação social; estimular o paciente esquizofrênico de primeiro surto a usar recursos disponíveis na sociedade, como: trabalhos voluntários, atividades em grupos, exercícios físicos; orientar o paciente e sua família sobre as características da doença, do tratamento e sobre os recursos disponíveis; manejar e coordenar sistemas de integração de cuidados que integrem as necessidades do paciente; atender cada paciente de forma individualizada (ORIGINAL, 2008).

## DISCUSSÃO E RESULTADOS

**GRÁFICO 1: Qual a sua função na instituição? Curitiba, 2017.**



Fonte: SILVA, V (2017).

No que se refere aos dados de identificação, este gráfico demonstra que dos 20 funcionários da instituição que foram submetidos à pesquisa, 11 (55%) são Técnicos em

enfermagem, 5 (25%) Auxiliares em enfermagem e 4 (20%) são Enfermeiros, o hospital dispõem de 134 leito, sendo acomodações coletivas.

Segundo a Portaria GM nº 251 de 31 de janeiro de 2002, onde: para as 24 horas de assistência de enfermagem à pacientes psiquiátricos deve haver 04 Auxiliares de Enfermagem para cada quarenta (40) leitos e um (01) Enfermeiro para cada quarenta (40) em vinte (20) horas semanais. Esta Portaria estabelece as diretrizes e normas para assistência hospitalar em psiquiatria, reclassifica os hospitais psiquiátricos de acordo como o número de leitos e pontuação no Programa Nacional de Avaliação do Sistema Hospitalar/Psiquiatria (PNASH), define e estrutura a porta de entrada para as internações psiquiátricas na rede do SUS (BRASIL, 2002).

Conforme a RESOLUÇÃO COFEN-293/2004 – Revogada pela Resolução Cofen nº 543/2017, Estabelece Parâmetros para o Dimensionamento do Quadro de Profissionais de Enfermagem nas Unidades Assistenciais das Instituições de Saúde e Assemelhados

§ 5º – Para unidades especializadas como psiquiatria e oncologia, deve-se classificar o cliente tomando como base as características assistenciais específicas, adaptando-as ao SCP.

§6º – O cliente especial ou da área psiquiátrica, com intercorrência clínica ou cirúrgica associada, deve ser classificado um nível acima no SCP, iniciando-se com cuidados intermediários.

– 5,6 horas de Enfermagem, por cliente, na assistência intermediária

**Gráfico 2: Quanto tempo você trabalha na instituição?**



Fonte: SILVA, V (2017).

Constatamos através deste gráfico que 2(10%) trabalham na instituição de 2 à 3 anos, 3 (15%) trabalha menos que 1 ano na instituição e 15(75%) dos funcionários entrevistados trabalham na instituição mais de 3 anos, podemos concluir que apesar da rotina no hospital psiquiátrico exigir mais da psicológico do profissional, ainda a média que permanência dos profissionais em hospital é de muitos anos, comparado ao hospital geral.

Para Santos e Cardoso (2011), o tempo médio de serviço que os profissionais da enfermagem trabalham na psiquiatria são em torno de 7 anos a 9 anos e a maioria são profissionais do gênero feminino, com idade média entre 39 a 59 anos.

**GRÁFICO 3: Você sente se mais cansado em trabalhar com pacientes com transtorno mental?**



Fonte: SILVA, V (2017).

Os dados apresentado retratam que 1 (5%) relatou que sente cansado por trabalhar com pacientes psiquiátricos, 9 (45%) relataram que as vezes se sentem mais cansados e 10 (50%), relataram que não se sentem cansados.

Os profissionais, de modo geral, estão satisfeitos com o trabalho na instituição e não se sentem sobrecarregados com o trabalho em saúde mental. Eles, porém, demonstram insatisfação com outras questões em relação a salários baixos, entre outros.

**GRÁFICO 4: Existe um apoio psicológico para os profissionais na instituição?**

Fonte: SILVA, V (2017).

Constatamos através deste gráfico que 2(10%) dos profissionais relataram que às vezes eles tem não um apoio psicológico e 18 (90%) afirmaram que não.

Para Vianey e Brasileiro (2003), a maioria dos profissionais de enfermagem que atuam na área psiquiátrica ingressa no mercado de trabalho específico, apenas com o conhecimento adquirido nas escolas/faculdades, sem o devido preparo e um treinamento formal que essa especialidade requer. Com base nos resultados o autor, percebe que é preciso criar um programa de prevenção e redução de estresse tais como: despertar sentimentos de grupo, gostar do que faz opção por atuar na área que escolher melhorar as condições de trabalho, sendo que essas melhorias se estendam à vida pessoal.

Confirma-se essa ideia quando diz que se de um lado o hospital tem como missão salvar vidas e recuperar a saúde dos indivíduos enfermos, por outro, favorece o adoecer das pessoas que nele trabalham. E dificilmente têm a preocupação de promover e manter a saúde de seus funcionários. Tal contradição é verificada em outras profissões, porém a enfermagem parece ser a mais afetada neste aspecto onde trabalhar para cuidar/tratar/curar/ versus trabalhar para sobreviver afeta de forma profunda a identidade do trabalhador de enfermagem.

**GRÁFICO 5: Existe um bom vínculo entre o profissional e o paciente?**

Fonte: SILVA, V. (2017).

Os dados apresentados no gráfico retratam que 5(25%) em algumas situações apresenta mais dificuldade de realizar um vínculo com o paciente e 15 ( 75%) afirmaram ter um bom vínculo.

Conforme Jorge, Pinto e Quinderé (2011), uma das possibilidades para edificar novas formas de se fazer saúde seria a potencialização do dispositivo acolhimento, articulado ao estabelecimento de vínculo entre usuários, trabalhadores de saúde e gestores do sistema de saúde, em busca da humanização do atendimento.

O vínculo pode ser uma ferramenta que agencia as trocas de saberes entre o técnico e o popular, o científico e o empírico, o objetivo e o subjetivo, convergindo-os para a realização de atos terapêuticos conformados a partir das sutilezas de cada coletivo e de cada indivíduo.

**GRÁFICO 6: Qual é a sua maior dificuldade para trabalhar com pacientes psiquiátricos?**



Fonte: SILVA, V (2017).

Constatamos através deste gráfico que 3 (15%) informaram que a maior dificuldade é a falta de comprometimento da família, 4 (20%) considera que a maior dificuldade é quando paciente não adere ao tratamento e 13 (65%) é quando o paciente apresenta agressividade.

Faria e Chicarelli (2009) afirmam que muitos enfermeiros ainda têm medo de lidar com pacientes esquizofrênicos, mesmo tendo anos de profissão. O comportamento agressivo, o delírio e as alucinações são fatores que trazem insegurança para assistência de enfermagem. Segundo as autoras, é importante que o enfermeiro tenha consciência que apesar das dificuldades encontradas, ele é o profissional responsável para encorajar e apoiar o paciente e a família, facilitando assim a aceitação da doença, onde resultará em um melhor tratamento e em uma melhor qualidade de vida

Conforme Souza (2008), a família deve adaptar-se com as vistas a manter um equilíbrio que propicie uma melhor qualidade de vida tanto para o doente quanto para os familiares. A falta de adaptação pode contribuir negativamente para a evolução da doença e aquelas famílias que experimentam dificuldades de adaptação para incorporar o gerenciamento da doença no seu cotidiano, permanece como um foco desagradável na vida familiar.

Cordeiro (2012) sugere que o cuidado de enfermagem ao paciente esquizofrênico deve incluir a sua família, evidenciando-se a necessidade de planejamento e investimentos nas abordagens grupais.

Nicolino, Giacchero, Vedana (2011) acreditam que a adesão a tratamentos medicamentosos é um processo complexo que envolve uma multiplicidade de fatores, entre os quais se destacam aqueles diretamente ligados ao paciente.

**GRÁFICO 7: Qual desses transtornos você acredita ser motivos para reinternação?**



Fonte: SILVA, V (2017).

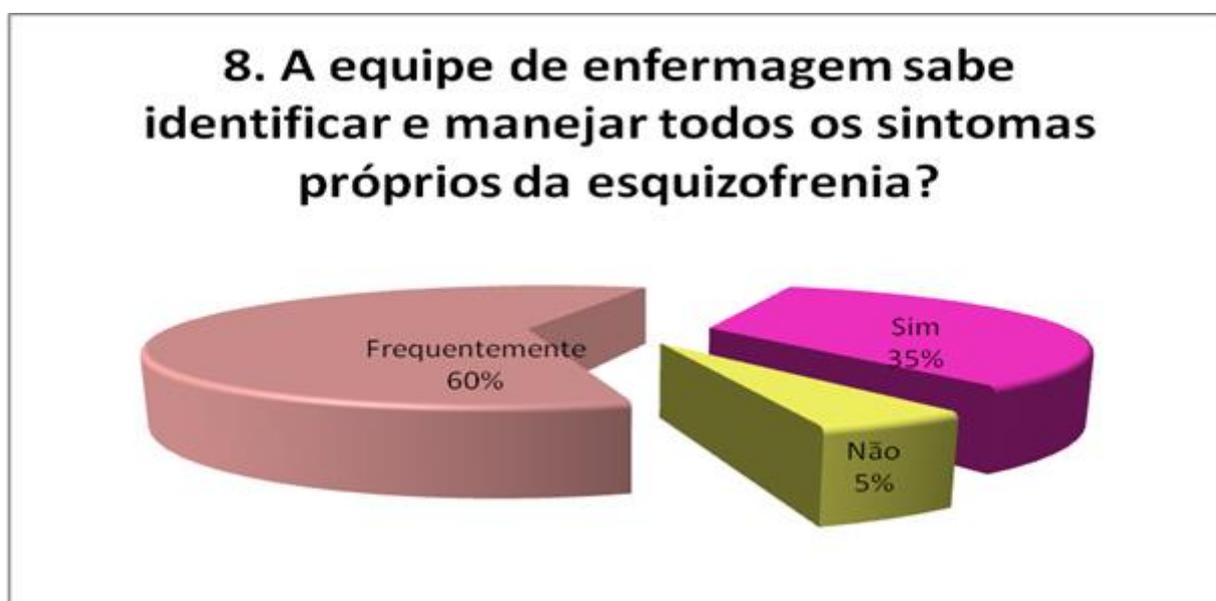
Esse gráfico apresenta que 2 (10%) os entrevistados acreditam que o maior motivo de reinternações na instituição são pelos transtorno de personalidade, 3 (15%) pela depressão, 7 (35%) pelo transtorno de esquizofrenia e por fim, 8 (40%) pela Dependência química/ alcoólica.

Para Moll, Silva e Magalhães (2017) estudos evidenciaram que os diagnósticos psiquiátricos mais prevalentes no internamento são: transtornos de humor (35%); transtornos de ansiedade (20%); transtornos mentais devido ao abuso/uso de substâncias (20%); transtornos mentais orgânicos (20%); e outros tipos de transtornos mentais (5%).

Morgado, Silva, Coutinho (1985) mostra que esquizofrenia e alcoolismo são o carro-chefe dos hospitais psiquiátricos do país. Entretanto, destaca-se que, na rede particular-conveniada, as internações por neurose têm alcançado níveis excessivos, ultrapassando 20% do total de pacientes. Isso decorre devido à falta de um bom acompanhamento ao nível de ambulatório.

Lima, Garcia e Toledo (2013) afirmam que o paciente esquizofrênico alterna entre episódios agudos com internação e períodos de estabilidade quando fica na comunidade, situação que acomete com mais frequência em pacientes crônicos, com maiores comprometimentos e maior tempo de permanência em instituições psiquiátricas hospitalares. Esse fenômeno traz uma grande problemática para o campo da saúde mental, já que envolve reinternações frequentes e experiências repetitivas de reclusão, o que pode desencadear rupturas nos laços familiares e na permanência desses indivíduos na sociedade, o que vai contra os princípios da reforma psiquiátrica.

**GRÁFICO 8: A equipe de enfermagem Sabe identificar e manejar todos os sintomas próprios da esquizofrenia?**



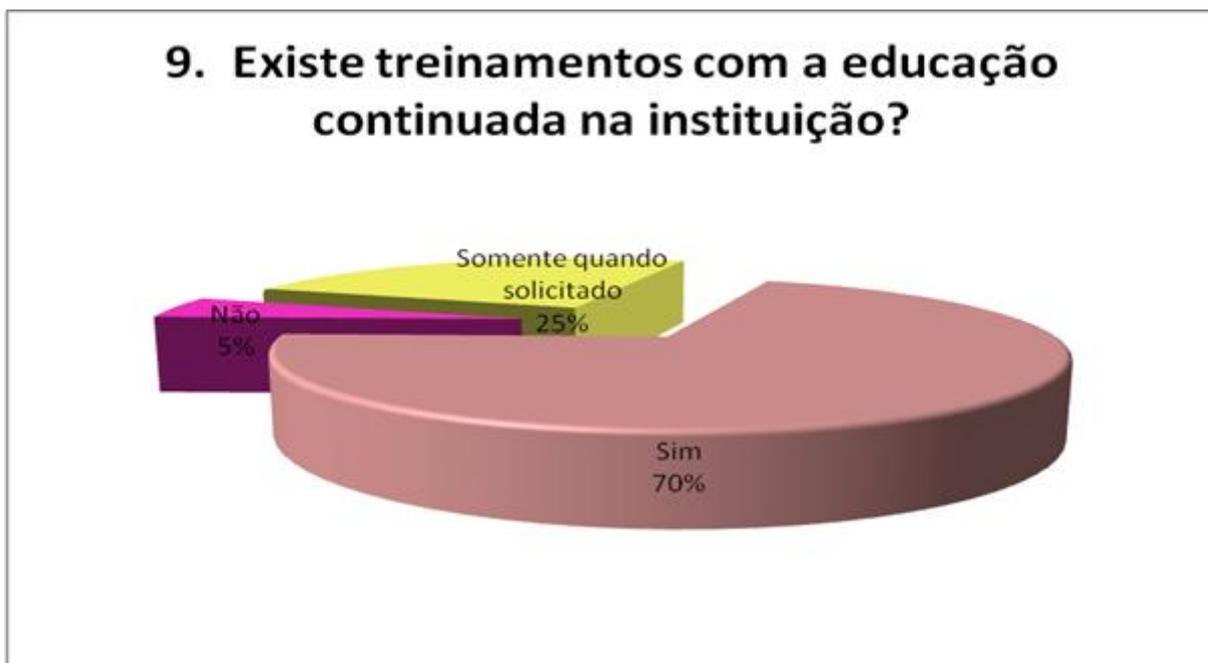
Fonte: SILVA, V (2017).

Conforme o gráfico demonstra que 7 (35%), reconhece os sintomas da esquizofrenia, 1 (5%), relataram que não reconhece e 12 (60%) afirmaram que frequentemente reconhecem os sintomas apresentados pelos pacientes com o transtorno.

Conforme LIMA, GARCIA E TOLEDO (2013), confirmam que os profissionais da enfermagem reconhecem a diferença e descreve as peculiaridades da esquizofrenia com relação às demais doenças, o que aponta para uma questão significativa de que a doença mental não é considerada uma patologia como as demais existentes, por não ter suas especificidades manifestadas no corpo.

Evidencia-se que ao cuidar de um paciente esquizofrênico a equipe de enfermagem estudada espera encontrar manifestações físicas da patologia, como são encontrados em outras doenças, e se deparam com a ausência destas. Ao encontrar manifestações de outra ordem, como alucinações e delírios, reconhecem a peculiaridade da esquizofrenia.

**GRÁFICO 9: Existe treinamentos com a educação continuada na instituição?**



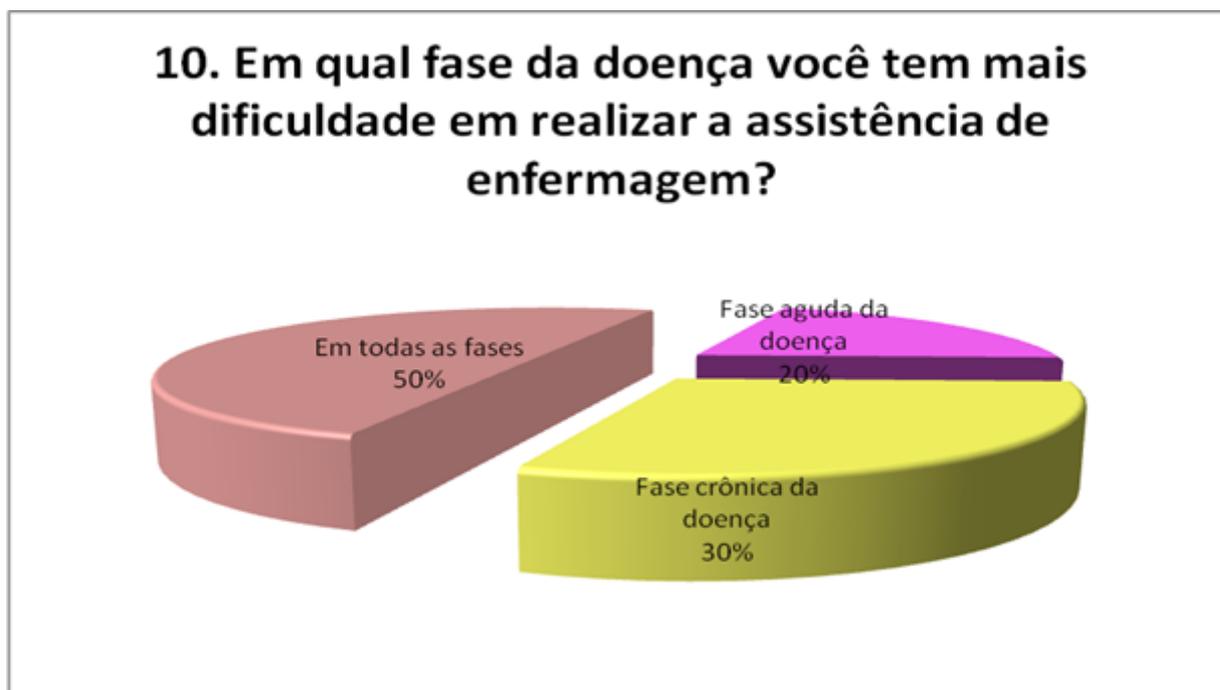
Fonte: SILVA, V (2017).

Constatamos através deste gráfico que 1 (5%) relataram que não existe educação continuada, 14 (70%) afirmaram que a instituição realiza treinamentos freqüentes e o restante 5 (25%) confirmaram que só é realizado treinamentos de educação continuada somente quando solicitado.

Para Souza, Cruz e Stefanelli (2007), o enfermeiro tem que encontrar caminhos que complementem sua formação básica, e manter-se atualizado em tempo real face à acelerada disseminação do conhecimento.

Ele tem de ser hábil para integrar esses conhecimentos à sua prática em prol da qualidade da assistência psiquiátrica, seja em serviços intra ou extra hospitalares, e a educação continuada em serviço é um dos principais recursos para garantir essa integração.

**GRÁFICO 10: Em qual fase da doença você tem mais dificuldade em realizar a assistência de enfermagem?**



Fonte: SILVA, V (2017).

Conforme o gráfico demonstra que 4 (20%) relataram que tem mais dificuldades em realizar a assistência de enfermagem na fase aguda da doença psiquiátrica, para 6 (30%) afirmaram que a dificuldade na assistência é na fase crônica do transtorno e por fim 10 (50%) confirmaram que em todas as fases encontram dificuldade em prestar assistência de enfermagem.

LIMA et al. (2013) afirmam que ao desenvolver os cuidados, é de fundamental importância que o profissional reconheça os fatores relevantes para desenvolvê-lo. Cuidar de um paciente com um transtorno crônico faz com que os enfermeiros se sintam limitados na assistência, aflorando sentimentos como frustração e impotência.

Bressan, Scatena (2002) acreditam que há profissionais de saúde mental, que duvidam que os pacientes crônicos possam responder favoravelmente às técnicas reabilitadoras e viver em sociedade com certo grau de independência.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O resultado obtido no decorrer deste estudo nos permitiu compreender com clareza que a enfermagem tem um papel de extrema importância no tratamento do paciente, Portanto a enfermagem necessita de capacitação frequentemente para contribuir com a melhoria do tratamento como o meio social e familiar do paciente psiquiátrico.

Além da possibilidade de somar suas capacidades a outros profissionais da área, a fim de poder compartilhar conhecimentos e experiências vividas com estes pacientes, os profissionais da enfermagem a melhorarem a qualidade da assistência prestada ao paciente psiquiátrico, são indispensáveis à percepção do profissional para a realização do diagnóstico e tratamento ao paciente.

O cuidado de enfermagem também pode ser baseado na realização de atividades grupais, tem se mostrado uma ferramenta importante na integração social dos pacientes com esquizofrenia. No entanto, essas atividades ainda têm sido pouco exploradas, tendo um tempo de funcionamento ainda insuficiente para tornar-se eficaz, nesse caso cabe ao enfermeiro atuar como líder desses grupos, utilizando meios que possam manter o foco na atividade, além de fazer com que o enfermeiro sintam-se capacitado por participar de tal iniciativa.

É evidente que ainda nos dias de hoje existe uma tendência em direcionar o tratamento dos portadores de esquizofrenia em um modelo de assistência e atuação na saúde mental antigo, caracterizado pelo isolamento social e perda da autonomia. A pesquisa possibilitou identificar que tem sido produzido a enfermagem intervir no tratamento para a esquizofrenia, investindo em abordagem grupal e no tratamento individual humanizado ao paciente esquizofrênico, para que os cuidados com os portadores dessa enfermidade não sejam tratados por profissionais despreparados e incapazes em comprometer-se nas ações de educação em saúde à pessoa com esquizofrenia e seus familiares.

Os resultados encontrados aponta a dificuldade encontrada pelos profissionais de enfermagem no desenvolvimento da assistência ao cuidado para com os pacientes psiquiátricos, em especial, os portadores de esquizofrenia. Os profissionais, em sua grande maioria, encontram como principal dificuldade a agressividade do paciente com outros pacientes ou com a própria equipe de profissionais que o assiste.

---

## REFERÊNCIAS

- ALMASAN, D. A. E.; GIMENEZ, R. Formas de tratamento do paciente esquizofrênico. **Revista Científica Eletrônica de Psicologia**, v. Único, n. 7, p. 0–10, 2006.
- ANTUNES, P. B. et al. Eletroconvulsoterapia na depressão maior: aspectos atuais. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, v. 31, p. S26–S33, 2009.
- BRASIL, C. **Reforma Psiquiátrica e política de Saúde Mental no Brasil**. Conferência Regional de Reforma dos Serviços de Saúde Mental. Brasília, 2005.
- BRASIL. **Lei n. 10.216** de 06 de abril de 2001. Dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais e redireciona o modelo assistencial em saúde mental. Brasília, 2001.
- BRESSAN, R.V.; SCATENA, M.C.M O cuidar do doente mental crônico na perspectiva do enfermeiro: um enfoque fenomenológico **Ver. Latino-am Enfermagem** 2002 10(5):682-9, São Paulo, 2002.
- BRESSAN, R. A.; BIGLIANI, V.; PILOWSKY, L. S. Neuroimagem de receptores D2 de dopamina na esquizofrenia. **Rev. Bras. Psiquiatria**, v. 23, n. 1, p. 46-9. 2001.
- CASTRO, S. A.; FUREGATO, A. R. F. Conhecimento e atividades da enfermagem no cuidado do esquizofrênico. **Rev. Eletr.** São Paulo, n. 10, v. 4, p. 957-65, 2008. Disponível em: [www.fen.ufg.br/revista/v10/n4/v10n4a08.htm](http://www.fen.ufg.br/revista/v10/n4/v10n4a08.htm). Acesso em: 14/abr./2017
- COFEN - Conselho Federal de Enfermagem. Revogada pela Resolução Cofen nº 543/2017. **Estabelece Parâmetros para o Dimensionamento do Quadro de Profissionais de Enfermagem nas Unidades Assistenciais das Instituições de Saúde e Assemelhadas**. Brasília.
- CORDEIRO, F. R.; TERRA, M. G.; PIEXAK, D. R.; FREITAS, G. Z.; SILVA, A. A. Cuidados de enfermagem à pessoa com esquizofrenia: revisão integrativa. **Rev Enferm. UFSM** 2012 Jan/Abr;2(1):174-181
- CORDIOLI, A. V. et al. Psicoterapia de apoio. In: CORDIOLI, A. V. (Org.). **Psicoterapias: abordagens atuais**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008. cap. 11, p. 188-203.
- EPISODE, F. et al. **Primeiro episódio da esquizofrenia e assistência de enfermagem**. FIRST EPISODE OF SCHIZOPHRENIA AND NURSING CARE. São Paulo, 2006.
- FARIA, E. F.; CHICARELLI, A. M. Assistência de enfermagem ao paciente portador de esquizofrenia: o desafio do cuidado em saúde mental. **Rev. Tecer**, 2009, 3(2) : 30-40.

- GIACON, B. C. C.; GALERA, S. A. F. Primeiro episódio da esquizofrenia e assistência de enfermagem. **Rev. Bras. Esc. Enferm. USP**, v. 40, n. 2, p. 286-91, 2006.
- GALLO, A. R. D. S.; TELES, M. S. et al. Livro: **Entendendo a esquizofrenia**. v. 2º, p. 1–10, Rio de Janeiro: v. 2º Interciência, 2013
- JORGE, M.; PINTO, D.; QUINDERÉ, P. et al. Promoção da Saúde Mental – Tecnologias do Cuidado: vínculo, acolhimento, co-responsabilização e autonomia. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 16, n. 7, p. 3051-3060, 2011
- KIRSCHBAUM, D. I. R.; PAULA, F. K. C. Contradições no discurso e na prática do trabalho de enfermagem nos serviços-dia de saúde mental. **Rev Esc Enferm USP** 2002; **36(2): 170-6**.
- LIMA, D. U. GARCIA, A. P. R. F.; TOLEDO, V. P. Compreendendo a equipe de enfermagem na assistência ao paciente esquizofrênico. **Rev Rene**. 2013; 14(3):503-11.
- LUCIA, A.; ARRUDA, A. Fisiopatologia da esquizofrenia baseada nos aspectos moleculares da hipótese glutamatérgica Pathophysiology of the schizophrenia based on the molecular aspects of glutamatergic hypothesis. **Rev Eletr**. Mato grosso do Sul, v. 92, n. 3, p. 118–122, 2011.
- BRASIL. Portaria GM nº 251 de 31 de janeiro de 2002. **Estabelece as diretrizes e normas para assistência hospitalar em psiquiatria, reclassifica os hospitais psiquiátricos, define e estrutura a porta de entrada para as internações psiquiátricas na rede do SUS e dá outras providências**. Brasília, 2001.
- MORGADO, A.; SILVA, E. COUTINHO, F. **Dados de epidemiologia descritiva de transtornos mentais em grupos populacionais do Brasil**. Escola Nacional de Saúde Pública — FIOCRUZ-RJ rio de janeiro, 1985.
- NICOLINO, P. GIACCHERO, K.; VEDANA, MIASSO, A. et.al **Esquizofrenia: adesão ao tratamento e crenças sobre o transtorno e terapêutica medicamentosa** Revista da Escola de Enfermagem da USP, v.45, n.3, p.708-715, são Paulo, 2011.
- OLIVEIRA, A. G. B.; VIEIRA, M. A. M.; ANDRADE, S. M. R. **Saúde Mental na Saúde da Família: subsídios para o trabalho assistencial**. São Paulo: Olho d'Água, 2006.
- ORIGINAL, A. Conhecimento e atividades da enfermagem no cuidado do esquizofrênico 1 Nurses' knowledge and expectations regarding the schizophrenic care Conocimiento y expectativas de los enfermeros en el cuidado de lo esquizofrenico Sueli Aparecida de Castro. **Rev Eletro**. São Paulo v. 10, n. 4, p. 4–12, 2008.

- PELISOLI, C.; MOREIRA, A.; KRISTENSEN, C. **Avaliação da satisfação e do impacto da sobrecarga de trabalho em profissionais de saúde mental.** ano V - n. 9 - Barbacena - nov. 2007 - p. 63-78
- SANTOS, A; CARDOSO, D.; VIEIRA, D. et al. **Análise dos níveis de satisfação de trabalhadores de saúde mental de um hospital público de referência psiquiátrica.** **Revista Baiana de Saúde Pública**, v .35, n.4, p.813-825 out./dez. 2011
- SOUZA, A.S. **O impacto do transtorno bipolar afetivo na família.** Escola de Enfermagem da USP, Ribeirão Preto, 2008.
- SANTOS, A. CARDOSO, D.; VIEIRA, D. et al. Análise dos níveis de satisfação de trabalhadores de saúde mental de um hospital público de referência psiquiátrica. **Revista Baiana de Saúde Pública**, v.35, n.4, p.813-825 out./dez. 2011
- SOUZA, A.S. **O impacto do transtorno bipolar afetivo na família.** Escola de Enfermagem da USP, Ribeirão Preto, 2008.
- SOUZA, M.; CRUZ, E.; STEFANELLI, M. Educação continuada e enfermeiros de um hospital psiquiátrico. **Revista Enfermagem UERJ**, Rio de Janeiro, 2007 abr/jun; 15(2):190-6
- TEIXEIRA, M. B.; BARROS, S. Assistência de enfermagem a pacientes com manifestação de comportamento decorrente de alheamento da realidade. **Rev Escola Enferm USP**, 1991; 25 (3) 335-346.
- TOWNSEND, M.C. **Enfermagem psiquiátrica: CONCEITOS DE CUIDADOS.** 3º Ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, V. 3, 2002.
- VALLADARES, A.; BOTTI, MELLO, R. et al. **Reabilitação como cidadania. Através das oficinas terapêuticas e/ou cooperativas sociais.** Revista eletrônica de enfermagem, v. 5 n. 1, 2003.
- VIANEY, E.; BRASILEIRO, M. Saúde do trabalhador: condições de trabalho do pessoal de enfermagem em hospital psiquiátrico. **Revista Brasileira de Enfermagem**, vol. 56, núm. 5, 2003, pp. 555-557.

## **A PERCEPÇÃO DOS ACADÊMICOS DE ENFERMAGEM NA PREVENÇÃO DE ERROS DE MEDICAÇÃO**

Edinéia Delfino dos Santos<sup>1</sup>

Rejane Ribeiro Herbert<sup>2</sup>

### **RESUMO**

Administração ou manipulação de medicamentos é um processo multidisciplinar e multiprofissional que envolve três áreas: a medicina, a farmácia e a enfermagem. Porém o profissional de enfermagem configura-se nesse grupo como um elemento primordial, haja vista seu maior contato com o paciente nos procedimentos técnicos de manejo, cuidado e intervenção direta no paciente. O processo se inicia no momento da prescrição médica, seguido da provisão do medicamento pelo farmacêutico e termina com o seu preparo e administração aos clientes. Este estudo objetiva analisar o conhecimento dos acadêmicos de enfermagem em período de estágio sobre o processo de administração de medicação em relação aos nove certos, identificar e analisar os principais erros cometidos pelos profissionais de enfermagem durante o processo de administração de medicação e apontar possíveis medidas a serem tomadas na prevenção de erros da administração de medicamentos. Quanto a metodologia para esta pesquisa adotou-se a abordagem qualitativa e quantitativa de campo. A mesma foi realizada na faculdade Faculdades Integradas Santa Cruz, localizado no Bairro Novo Mundo Curitiba-PR. Para coleta de dados elaborou-se um questionário estruturado contendo dez (10) questões do tipo fechadas e respostas únicas. O público-alvo foi de trinta (30) acadêmicos de enfermagem acima de 18 anos. Concluiu-se que entre os entrevistados, 76,7% conhecem os nove certos, 23,3% relataram não ter conhecimento, no decorrer do estudo, os acadêmicos demonstraram conhecimento sobre o tema.

**Palavras-chave:** Acadêmicos de Enfermagem; Erros de medicações; Segurança do paciente.

### **ABSTRACT**

---

<sup>1</sup> Graduanda de enfermagem da Faculdades Santa Cruz – FARESC.

<sup>2</sup> Professora-orientadora do curso de Enfermagem da Faculdades Santa Cruz – FARESC.

Administration or manipulation of medicines is a multidisciplinary and multiprofessional process that involves three areas: medicine, pharmacy and nursing. However, the nursing professional configures itself in this group as a primordial element, due to its greater contact with the patient in the technical procedures of handling, care and direct intervention in the patient. The process begins at the moment of the medical prescription, followed by the provision of the drug by the pharmacist and ends with its preparation and administration to the clients. This study was able to analyze the knowledge of nursing academics in the period of training on the medication administration process in relation to the right nine, to describe the role of the nurse in the administration of medication; identify and analyze the main mistakes made by nursing professionals during the medication administration process and indicate possible measures to be taken in the prevention of medication administration errors. As for the methodology for this research the qualitative and quantitative field approach was adopted. The same was held at Faculdades Integradas Santa Cruz, located in the Novo Mundo Curitiba-PR neighborhood. For data collection, a structured questionnaire containing ten (10) closed-ended questions and unique responses was prepared. The target audience was 30 nursing students over the age of 18. Among the interviewees, 76.7% knew the right nines, 23.3% reported not knowing during the course of the study, academics have demonstrated the knowledge, the academic experience is satisfactory, as it demonstrates that most know the importance of prevention of medication errors.

**Keywords:** Academics in nursing; error in medication; safety of patient.

## INTRODUÇÃO

A administração de medicação é uma das maiores responsabilidades da enfermagem, para realizar sua execução é necessário conhecer a droga a ser administrada, técnicas, ação, via de administração, interações e efeitos adversos para promover a segurança necessária do paciente.

O processo de administração de medicamentos pode ser dividido em algumas etapas que possibilitam que o profissional cheque e confira os dados na tentativa de que o passo a passo reduza a ocorrência comum a esta prática. Estes podem ser classificados

em intencionais e não intencionais de acordo com a etapa do processo ao qual ele se vincule: droga errada, paciente errado, medicação errada, dose errada, via de administração errada, horário errado, local errado de administração, medicação não prescrita, dose extra e medicações incompatíveis.

Já o erro intencional de autoridade ocorre quando uma medicação não prescrita é deliberadamente administrada a um paciente enquanto que o não intencional seria quando o paciente acidentalmente recebe uma medicação não prescrita ou é administrada uma medicação prescrita de uma maneira não planejada (CARVALHO et al., 1999).

Porém, a literatura tem apresentado uma defasagem no conhecimento de farmacologia, fisiologia e anatomia por parte desses profissionais e que tem acarretado deficiências no processo de administração de medicamentos e não observância de procedimentos técnicos. Dentre os principais riscos, pode se elencar reações indesejadas, como complicações, danos a situação patológica dos pacientes, muitas vezes irreversíveis e que podem levar a morte (CARVALHO; CASSIANI, 2000).

Administração ou manipulação de medicamentos é um processo multidisciplinar e multiprofissional que envolve três áreas: a medicina, a farmácia e a enfermagem. Porém o profissional de enfermagem configura-se nesse grupo como um elemento primordial, haja vista seu maior contato com o paciente nos procedimentos técnicos de manejo, cuidado e intervenção direta no paciente. O processo se inicia no momento da prescrição médica, seguido da provisão do medicamento pelo farmacêutico e termina com o seu preparo e administração aos clientes (CARVALHO; CASSIANI, 2000).

Os erros se verificam ao se administrar medicamento para uma pessoa para a qual esse não havia sido prescrito, não se respeitando nem checando o passo a passo previsto para a manipulação do medicamento até o momento final, utilizando-se de um procedimento técnico inadequado (CARVALHO; CASSIANI, 2000).

Na enfermagem a administração de medicação e o preparo são um dos procedimentos realizados com frequência, onde existem maior risco para executar esta prática (FRANCO et al., 2010).

Os diversos estudos que abordam os erros de medicação no Brasil nos últimos dez anos tem sinalizado uma preocupação premente dos órgãos e instituições de ensino na mensuração e avaliação dos erros de medicação para a segurança do paciente a partir da prevenção de erros no cuidado e a eliminação ou redução de danos causados ao paciente.

Este erro, por sua vez, verificado durante uma das fases da administração medicamentosa, por uma falha desenvolvida por algum profissional da saúde, muitas

vezes de forma não intencional e percebida apenas se desencadear algum efeito colateral ao paciente como danos e mortes, precisa ser evitado e mesurado como forma de sinalizar e antecipar eventos adversos posteriores (PENA, BRAGA et al., 2016).

Os principais fatores que incidem sobre esses erros, além da conduta profissional de um dos envolvidos no processo, também estão relacionados aos produtos para saúde, aos procedimentos e sistemas, incluindo: prescrição comunicação da ordem; rótulo, embalagem e nomenclatura dos produtos; preparo; dispensação; distribuição; administração; educação; monitoramento e uso (BOHOMOL; RAMOS, 2006).

Lemos, Silva, Martinez (2012) também trazem uma categorização de erros em seu estudo sobre a administração de medicamentos em unidades de terapia intensiva. Estes podem ser divididos em potencialmente não significantes, quando não há nenhuma relevância clínica; potencialmente significantes, quando há a necessidade de monitorização do paciente embora não seja necessário nenhum tratamento corretivo; potencialmente sérias, quando resulta em efeitos colaterais sérios que requerem tratamento e prolongamento da internação hospitalar, gerando trauma físico ao paciente e encargos para a instituição; e potencialmente fatais, quando podem resultar em morte.

Carvalho e Cassiani (2000) apontam que no entendimento dos erros que englobam a administração de medicamentos faz-se necessário compreender não só os aspectos técnicos, mas uma gama de fatores externos que podem potencializar os erros e que muitas vezes passam despercebidos.

Fatores relacionados à organização do trabalho, como o acúmulo de atividades, recursos humanos insuficientes e mal qualificados, locais desprovidos de materiais, aparelhos e recursos financeiros; fatores ambientais, como planta física inadequada, frequentes interrupções de outros profissionais durante o preparo da medicação pelo profissional de enfermagem, presença de ruídos, luminosidade são fatores determinantes na eclosão de um erro e que precisam ser considerados no contexto geral (CARVALHO E CASSIANI, 2000)

Os autores acima citados, também destacam a dura realidade dos profissionais de enfermagem, sujeitos em sua maioria a duplas jornadas de trabalho, com vínculo empregatício em duas ou mais instituições de saúde, o que gera sobrecarga de trabalho, promove a fadiga, estresse e desatenção no ambiente

A formação de grupos de discussão entre a enfermagem, melhorias do ambiente de trabalho, utilização das prescrições durante o preparo e administração, colocação dos nomes dos pacientes nos medicamentos preparados, pulseiras de identificação nos

pacientes, fornecimento de informações aos pacientes a respeito dos medicamentos, fazendo com que eles participem de seus tratamentos, cursos e treinamentos contínuos e presença efetiva da enfermeira no processo, conferindo as prescrições de medicamentos e supervisionando a equipe, são algumas sugestões para maior qualidade e segurança na assistência aos pacientes, e implantação da prescrição por sistema computadorizado (MIASSO et al., 2006)

Uma das medidas que podem contribuir neste contexto é a implantação de instrumentos chamados indicadores, como forma de traçar numericamente o desempenho das funções, processos e resultados de uma instituição em um determinado período e tempo.

Colaboram no sentido de verificar e monitorar as práticas desenvolvidas e a que ponto as atividades empregadas e as expectativas da demanda estão sendo atingidas garantindo o equilíbrio de ambas e apontando ações para planos de melhorias. Só assim é possível se ter um espelho das condições de uma organização, oferecendo condições para que os colaboradores possam qualificar seus métodos de trabalho (PENA, BRAGA et al. 2016).

A notificação é um importante mecanismo de controle do trabalho que vem sendo desenvolvido e atua de forma significativa na qualidade dos serviços prestados. Através dela, é possível identificar as fases que mais causam distorções e enganos a equipe de saúde fazendo com que novos erros sejam cometidos e novos pacientes sejam atingidos. Sem a notificação do erro nunca haverá um diagnóstico do que está sendo feito nem dos principais agentes atingidos. O enfermeiro deve aproveitar este momento e identificar as dificuldades do profissional e iniciar imediatamente orientação e treinamento (FRANCO et al., 2010).

Na administração dos medicamentos, os profissionais de enfermagem são a última barreira para evitar o erro. Para que o mesmo não aconteça foram criados os nove certos, segundo o Protocolo de Segurança lançado pela ANVISA (2013), são eles:

1. Paciente Certo: para se ter certeza que a medicação será realizada no paciente certo.
2. Medicamento Certo: conferir se a medicação em mãos é a mesma que está prescrita.
3. Via Certa: é fundamental certificar se a via de administração prescrita é a via tecnicamente recomendada para a administração da medicação.
4. Hora Certa: o medicamento deve sempre ser administrado no horário prescrito.
5. Dose Certa: conferir atentamente a dose prescrita principalmente em casos de doses fracionadas conferir a velocidade de gotejo.

6. Registro Correto na Administração de Medicamentos: o registro correto da administração de medicamentos garante a continuidade correta no tratamento.
7. Orientação Correta: o paciente deve ser informado sobre qual medicamento será administrado.
8. Forma Certa: a forma farmacêutica também deve ser checada.
9. Resposta Certa: observar atentamente o paciente, para se certificar que o medicamento atingiu o efeito esperado.

Este estudo teve como objetivo geral analisar o conhecimento dos acadêmicos de enfermagem em período de estágio sobre o processo de administração de medicação em relação aos nove certos. O mesmo justifica-se pela importância do papel da enfermagem na administração de medicamentos e a utilização dos nove certos da enfermagem.

## **METODOLOGIA**

A presente pesquisa possui abordagem quantitativa, realizada na Faculdades Integradas Santas Cruz, localizada na Rua Dr. Affife Mansur, 565, Novo mundo, em Curitiba (PR). Para coleta de dados elaborou-se um questionário estruturado contendo dez (10) questões do tipo fechadas e respostas únicas.

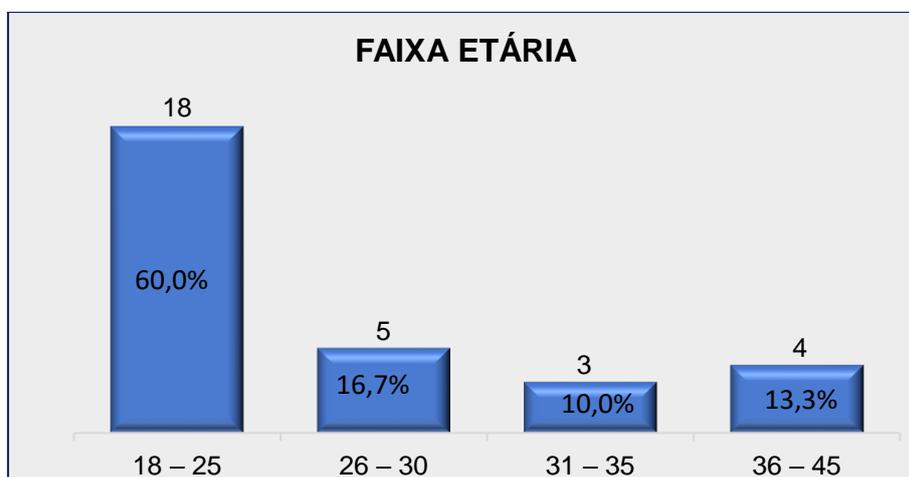
A população alvo deste estudo foi constituída por acadêmicos de enfermagem que iniciaram os estágios, ou estão em período de estágio, cuja faixa etária será acima de 18 anos. A amostra total se constituiu de trinta (30) alunos (n=30) escolhidos aleatoriamente nos turnos manhã e noite. Utilizou-se como palavra-chave na busca: acadêmicos de enfermagem, erros de medicações, segurança do paciente.

A pesquisa ocorreu nos meses de agosto e setembro de 2018, após autorização do Comitê de Ética e Pesquisa do Instituto Paranaense de Otorrinolaringologia (IPO), tendo como base a resolução n.º 466/ 2012 do conselho nacional de saúde (BRASIL, 2012), no que diz respeito aos critérios éticos e sob o parecer do CAAE (Certificado de Apresentação para Apreciação Ética) nº 92952218.5.0000.5529.

Com base nas respostas do questionário foi realizada uma análise das respostas e desenvolvida a tabulação dos dados quantitativos que foram apresentados em forma de gráficos mediante estatística básica, com números absolutos (n) e relativos (%), utilizando-se o programa Excel e os dados qualitativos refinados pela teoria de Bardin categorizando as temáticas e transcrevendo os relatos conforme registro.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

**GRÁFICO 1: FAIXA ETÁRIA**



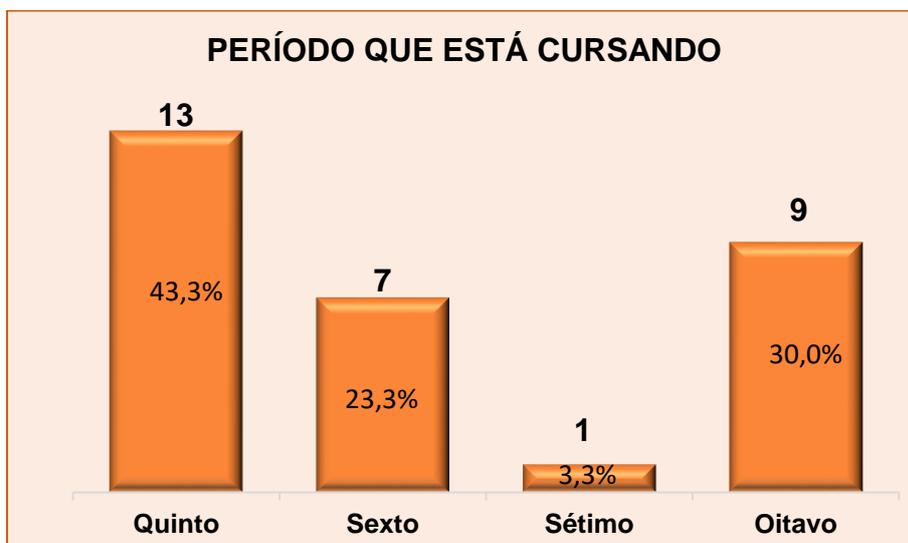
Fonte: Autor, (2018).

No que se refere à faixa etária, este gráfico demonstra que dos 30 funcionários da instituição que foram submetidos à pesquisa 60,0% (n=18) se encontram na faixa etária de 18 a 25 anos, 16,7% (n=5) se encontram entre 26 a 30 anos, 10,0% (n=3) entre 31 a 35 anos e 13,3% (n=4) entre de 36 a 45 anos.

Isso revela o percentual de interesse predominante entre os acadêmicos de enfermagem, jovens em sua maioria, recém-formados no ensino médio, sem experiência de trabalho e que veem na assistência enfermagem um meio de se inserir no mercado. Assim, tratar sobre a temática em questão e aproximar o aluno das questões referentes à administração de medicamentos, bem como, da sua relevância no ambiente de trabalho expressa uma das funções prementes da didática universitária e do currículo profissional destes estudantes. Por outro lado, sinaliza uma oportunidade de readequar comportamentos inadequados utilizados pelos técnicos de enfermagem, num trabalho de reciclagem de conhecimentos e práticas observados.

Isso vai ao encontro das ideias de Franco et.al. (2010) ao mencionar que o enfermeiro é o profissional responsável pelo paciente em si e de todo o processo a que este está sendo submetido, estando assim encarregado de observar todas as alterações a qual paciente está sujeito desde a administração incorreta até os possíveis efeitos da droga no organismo.

## GRÁFICO 2: PERÍODO QUE ESTÁ CURSANDO



Fonte: Autor, (2018).

Quanto ao período da faculdade em que o aluno está cursando, observou-se que 43,3% (n=13) do total de entrevistados encontram-se no quinto período, sexto período com apenas 23,3% (n=7) participantes, sujeito do sétimo período 3,3% (n=1) seguido de 30,0% (n=9) participantes do oitavo período.

Por meio destes dados, pode-se observar que a maioria dos estudantes já estão na metade do curso para o final, subentendendo um bom nível de preparação técnica acerca do objeto de estudo desta pesquisa.

Nesse contexto, de acordo com a bibliografia selecionada para fundamentar essa pesquisa, é quase unanimidade a importância da qualificação técnico-profissional dos agentes de promoção da saúde envolvidos na terapêutica assistencial, principalmente quando se considero o objeto dessa pesquisa.

Observar o ensino centralizado, a capacidade técnica o conhecimento do aluno, sua integralidade, compreendendo o indivíduo, que apresenta qualidade pessoais, alguns sentimentos ao decorrer atitudes profissionais (ESPERIDIÃO,2004).

## GRÁFICO 3. TURNO DOS ALUNOS PESQUISADOS

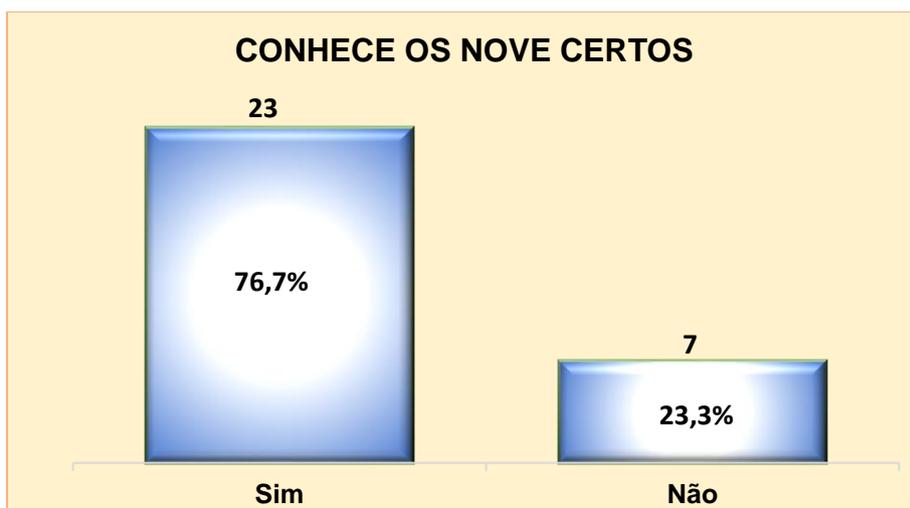


Fonte: Autor, (2018).

Segundo o gráfico 3 (n=30) alunos que corresponde 100% que a totalidade dos alunos entrevistados são do período noturno. Isso é um dado que reflete sobre o atual sistema de ensino universitário no país.

A grande maioria que está cursando o ensino superior noturno, frequenta em instituição privada, cuja realidade reflete o grande número de alunos que são os próprios mantenedores do seu processo de qualificação superior, necessitando assim trabalhar durante o dia e estudar à noite (CAVALCANTE,2007).

#### GRÁFICO 4: CONHECE OS NOVES CERTOS



Fonte: Autor, (2018).

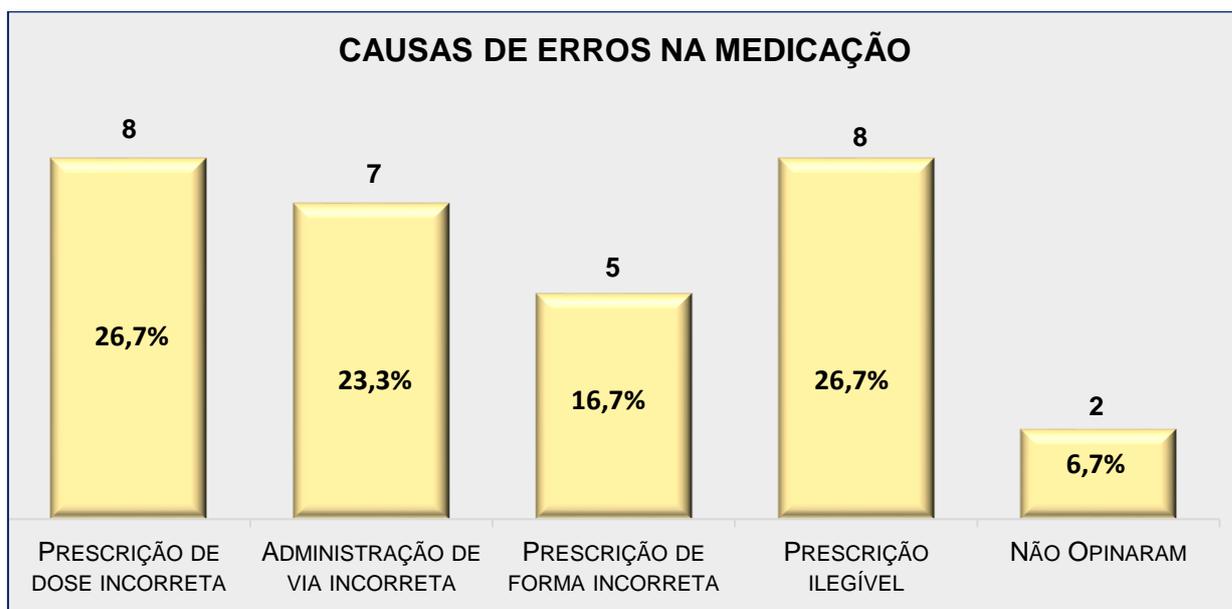
De acordo com os dados levantados no gráfico 4, dos 30 participantes, 76,7% (n=23) afirmaram que “sim”, e 23,3% (n=7) disseram que “não”. Pode-se apurar que a

grande maioria dos entrevistados tem conhecimento da metodologia dos nove certos para a administração de medicamentos, demonstrando conhecer a importância do passo a passo para a medicação, destacando que a adequação dos profissionais de enfermagem às normas da boa conduta da administração de medicamentos é importante e demonstrar o preparo técnico recebido ao longo da graduação.

De acordo com o Ministério da Saúde (2014) os protocolos de segurança na prescrição, uso e administração de medicamentos, que correspondem aos 9 certos são: Paciente certo; Medicamento certo; Via certa; Hora certa; Dose certa; Registro certo da administração; Orientação correta; Forma certa; Resposta certa.

Estas etapas são responsáveis pelo processo de manipulação correta dos medicamentos, haja vista que existem uma gama de erros passíveis neste processo, principalmente porque diversos profissionais da saúde estão envolvidos no cuidado ao paciente (WOLF, 1989; BOHOMOL E RAMOS, 2006).

#### GRÁFICO 5: CAUSAS DE ERROS NA MEDICAÇÃO



Fonte: Autor, (2018).

Dentre os principais fatores de risco aos erros de administração medicamentosa, os entrevistados apontaram a prescrição de dose incorreta, a prescrição ilegível e a administração de via incorreta como os principais fatores de ocorrência desses eventos adversos. Pode se observar, pelas respostas obtidas, que os acadêmicos opinaram prescrição ilegível 26,7% (n=8) com os mesmos números de respostas obtidas 26,7%

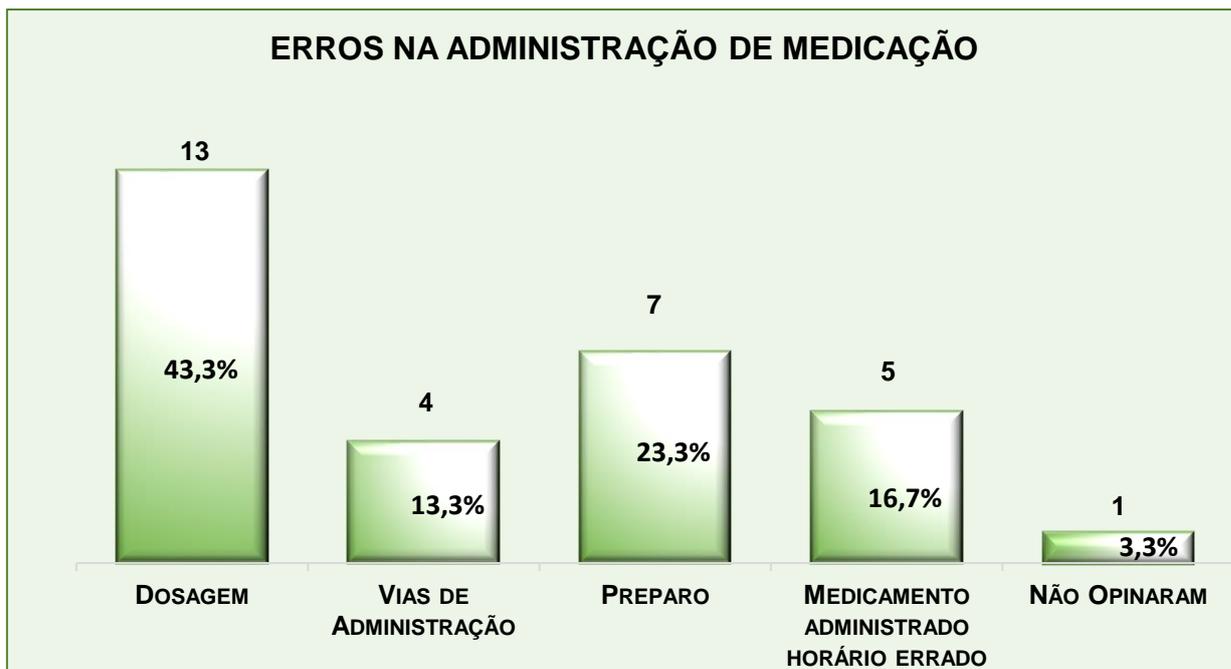
(n=8) prescrição de dose incorreta, administração de via incorreta 23,3% (n=7) afirmaram, prescrição de forma incorreta 16,7% (n=5) apenas que correspondem 6,7% (n=2) dos entrevistados não opinaram.

Desta forma, fica evidente uma constatação preocupante no que se refere a ao tema de estudo: Todos estes tópicos versam sobre a aplicação prática do medicamento em si revelando que, na opinião dos entrevistados, os piores problemas são aqueles relacionados ao processo em si da atividade, aos passos que ocorrem durante a prática da administração e que incidem de maneira efetiva sobre o paciente durante o procedimento desenvolvido pelo profissional de enfermagem.

Assumir a responsabilidade de qualificação periódica e atualizada em relação à administração de medicamentos é atitude obrigatória do enfermeiro, no sentido de prevenir danos e potencializar benefício. Transformar a prática da administração de medicamentos é papel de destaque do enfermeiro (FILHO; CASSIANI, 2004).

Uma solução apontada pela literatura é a modificação dos sistemas de trabalho, à medida que desta forma os erros são considerados como consequências em vez de causas, incluindo a recorrência de erros ocasionados por armadilhas no local de trabalho ou nos processos organizacionais, demonstrando a fragilidade dos sistemas operacionais e organizacionais (SILVA, SILVA, GOBBO et. al. 2007p. 714).

## **GRÁFICO 6: ERROS NA ADMINISTRAÇÃO DE MEDICAÇÃO**



Fonte: Autor, (2018).

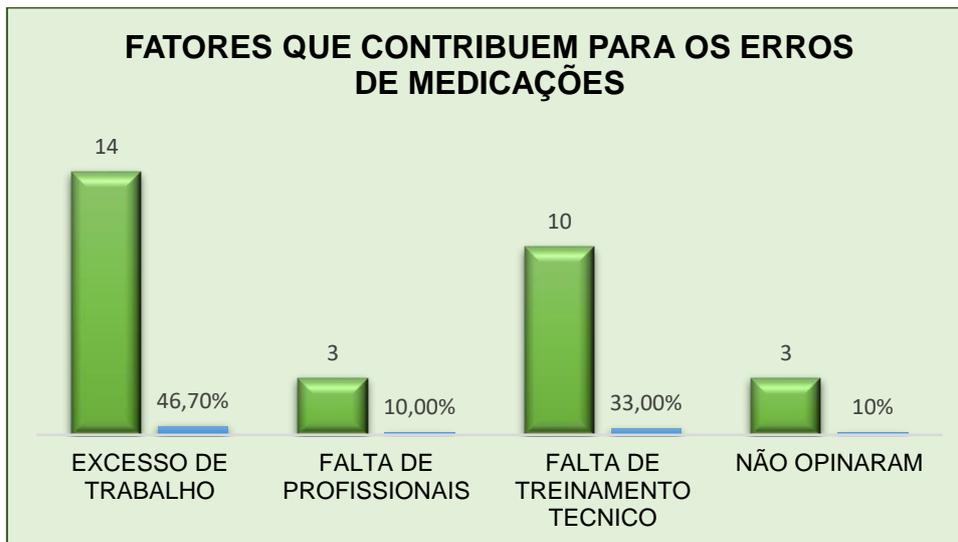
O gráfico em questão revela que os acadêmicos apontam como os principais erros mais observados na administração dos medicamentos a dosagem incorreta, o preparo da medicação e o horário errado em que manipulam as aplicações, seja oral ou endovenosa.

Referente aos erros mais comuns durante administração de medicação 43,3% (n=13) dosagem, 23,3% (n=7) no preparo, 16,7% (n=5) medicamento administrado horário errado, via de administração 13,3% (n=4), apenas uma pessoa não opinou (=n1), 3,3%.

Para realizar qualquer administração medicamentosa, exige responsabilidade, é necessário o conhecimento de técnicas de administração, ação medicamentosa, as vias de administração (TELLES FILHO, p.140,2001).

Nesse contexto, Bohomol e Ramos (2006) ao se debruçarem sobre a questão, caracterizam o erro de medicação como qualquer erro no processo de prescrição, dispensação ou administração dos medicamentos, desencadeando medidas adversas quando realizada uma conduta inadequada e que atuará de maneira direta na saúde do paciente diante de qualquer evento previsível que pode causar ou conduzir a erros em algumas das etapas do processo, enquanto o medicamento está sob o controle do profissional da saúde, paciente ou consumidor.

## GRÁFICO 7: FATORES QUE CONTRIBUEM PARA OS ERROS DE MEDICAÇÕES



Fonte: Autor, (2018).

O gráfico 7, nos mostra que as ações propostas, segundo os erros que mais ocorrem com frequência e o excesso de trabalho, a falta de treinamento e técnica é fundamental para prevenções de erros na medicação.

Vale ressaltar que o excesso de trabalho foi mencionado 46,7% (n=14) pelos participantes como uma ação necessária para redução de erros, falta de treinamento, técnica 33,3% (n=10), verificou se ainda que a falta de profissionais 10,0% (n=3), apenas relataram 10,0% (n=3) não se aplica.

As causas mais comuns dos erros de administração de medicamentos versam sobre aquelas relacionadas as questões organizacionais das escalas de trabalho e ao preparo técnico dos profissionais.

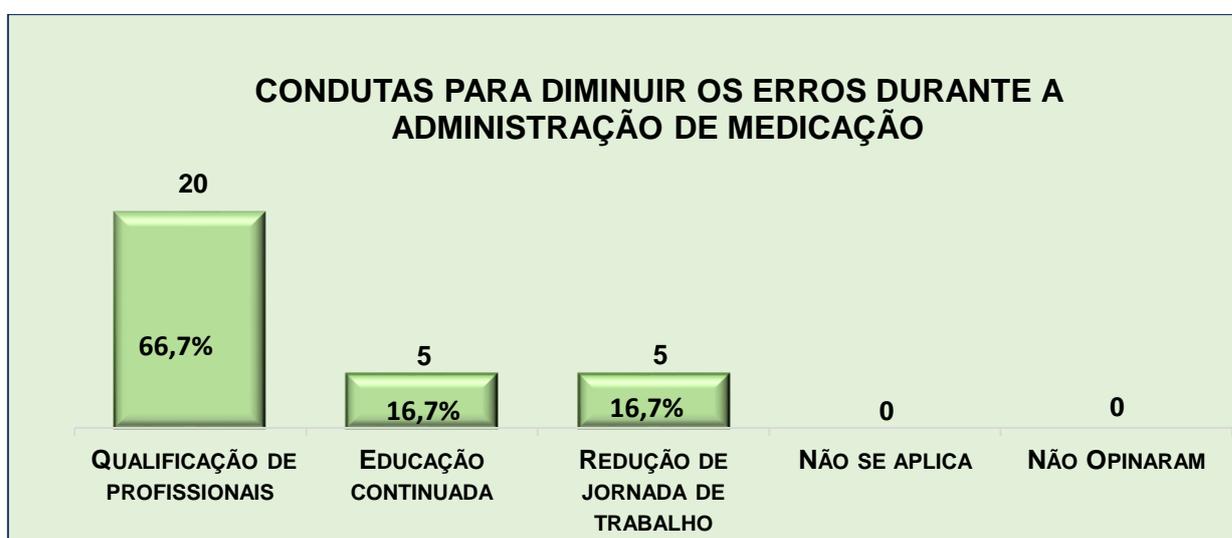
As principais causas dos erros cometidos segundo os entrevistados estão ligadas à falta de treinamento técnico das equipes e ao excesso de trabalho. Isso demonstra a autoconsciência dos profissionais de enfermagem sobre a probabilidade de erros e falhas humanas que podem ser cometidos na administração de medicamentos e no papel da própria enfermagem em tentar controlar esses eventos.

Fatores relacionados à organização do trabalho, como o acúmulo de atividades, recursos humanos insuficientes e mal qualificados, locais desprovidos de materiais, aparelhos e recursos financeiros; fatores ambientais, como planta física inadequada, frequentes interrupções de outros profissionais durante o preparo da medicação pelo

profissional de enfermagem, presença de ruídos, luminosidade são fatores determinantes na eclosão de um erro e que precisam ser considerados no contexto geral.

Carvalho e Cassiani (2000) também destacam a dura realidade dos profissionais de enfermagem, sujeitos em sua maioria a duplas jornadas de trabalho, com vínculo empregatício em duas ou mais instituições de saúde, o que gera sobrecarga de trabalho, promove a fadiga, estresse e desatenção no ambiente de trabalho, o que atua como um agravante potencial na produção de erros (CARVALHO E CASSIANI, 2000).

### GRÁFICO 8: CONDUTAS PARA DIMINUIR OS ERROS DURANTE A ADMINISTRAÇÃO DE MEDICAÇÃO



Fonte: Autor, (2018).

De acordo com o gráfico 8, os respondentes, em sua maioria, a cerca de 66,7% (n=20) levantaram que o investimento na qualificação dos profissionais como forma de preparar a equipe de trabalho para a prática das atividades. Vale ressaltar que foi mencionado educação continuada 16,7% (n=5).

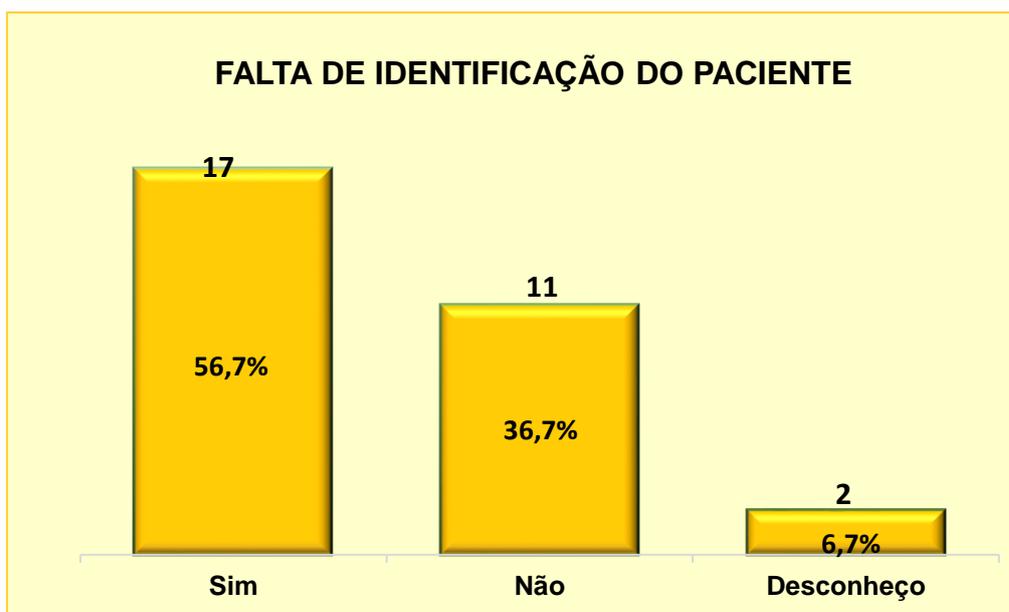
Isso confirma a significância dessa metodologia como medida auxiliadora na prática da enfermagem como um todo e norteadora quando se trata da administração de medicamentos, a redução de trabalho 16,7% (n=5) revelando que grande parte da amostra de pesquisa está integrada a utilização do objeto deste trabalho e dos benefícios que este representa para a biossegurança do paciente.

Os entrevistados reconhecem e utilizam a metodologia, em sua grande maioria, reforçando os conhecimentos teóricos absorvidos na promoção de uma política assistencial de retenção de erros.

Vale destacar que, nesse processo, grande parte dos erros observados no processo de administração de medicamentos são de origem sistêmica estando assim ligados as práticas incorretas do processo de trabalho, aliado a algumas condutas profissionais de risco, de omissão, de negligência.

Outro agravante importante refere-se a um dos maiores riscos dos erros cometidos na medicação e que colocam o enfermeiro no centro dessa discussão dada a sua relevância no trato com o paciente é o fato de que o erro só é percebido quando o paciente apresenta alguma manifestação clínica após a administração, ou algum dano foi percebido ao cliente. Porém, perceber que esta alteração tem relação direta com o medicamento inadequado também é outra tarefa que nem sempre é fácil de ser diagnosticada, passando encoberta aos olhos das equipes de trabalho (FRANCO, RIBEIRO E D'INNOCENZO et al., 2010).

#### GRÁFICO 9: FALTA DE IDENTIFICAÇÃO DO PACIENTE



Fonte: Autor, (2018).

A identificação correta do paciente é o processo pelo qual se assegura ao paciente que a ele é destinado determinado tipo de procedimento ou tratamento, prevenindo a ocorrência de erros e enganos que o possam lesar. A pulseira de identificação é uma ferramenta, que promove o cuidado pela segurança do paciente, e de baixo custo para as instituições, de fácil manuseio, facilita a execução do trabalho do profissional.

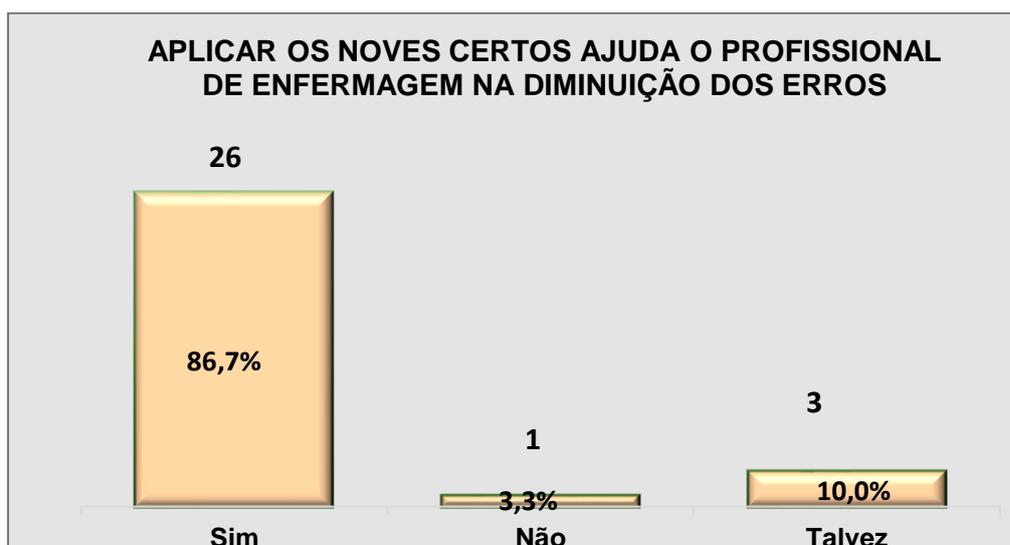
O gráfico 9 permite a verificar que a maioria dos participantes 56,7% (n=17) considera que um dos erros mais comuns na administração de medicação é a falta de identificação ao paciente, para 36,7% (n=11) não é um dos erros mais comum durante um procedimento, apenas 6,7% (n=2) pessoas desconhecem.

Ressaltam ainda a importância da participação do paciente para minimizar o risco de dados errôneos e a preocupação com o uso do dispositivo em algumas circunstâncias clínicas especiais, como transfusão de sangue e administração de medicamentos (Ministério da Saúde/ Anvisa/ Fio cruz). Regras básicas para a identificação do paciente.

- Todo o paciente deve ser identificado antes da internação ou atendimento ambulatorial;
- Conferir com o paciente ou acompanhante os dados da etiqueta ou pulseira;
- Em caso de danificação da etiqueta ou pulseira, efetuar a troca imediatamente;
- Não usar caneta para identificar.

Miasso et al., (2006) apresentam as obrigações do enfermeiro no planejamento das suas ações no que concernem a administração de medicamentos com o intuito de garantir a biossegurança dos envolvidos no processo, sejam eles recursos materiais ou humanos.

#### **GRÁFICO 10: APLICAR OS NOVES CERTOS AJUDA O PROFISSIONAL DE ENFERMAGEM NA DIMINUIÇÃO DOS ERROS**



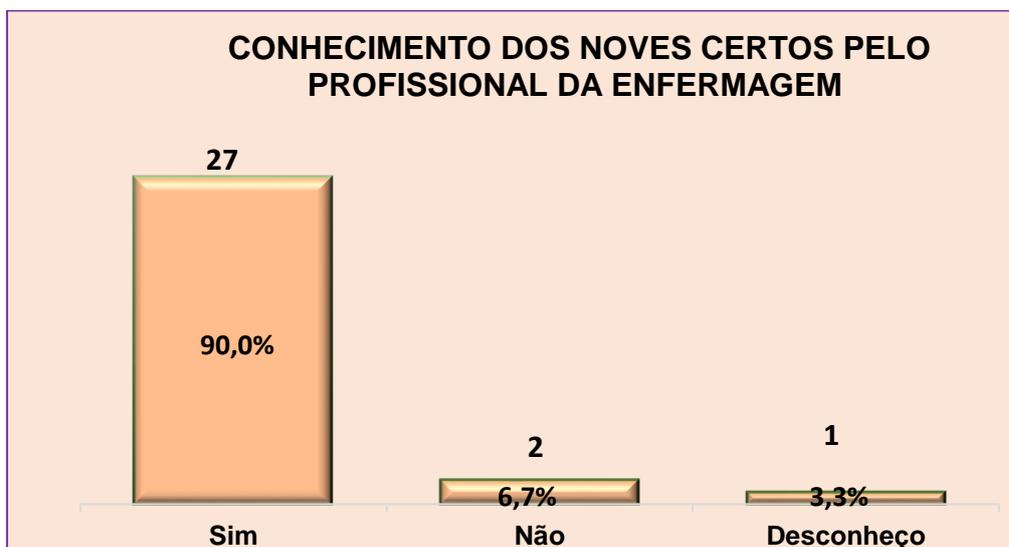
Fonte: Autor, (2018).

O gráfico 10 nos mostra a importância dos profissionais de saúde conhecerem e aplicarem a metodologia dos nove certos para a prevenção dos erros de medicação.

Referente ao gráfico 10, 86,7% (n=26), disseram sim, 10,0% (n=3), talvez, e apenas 3,3% (n=1) acreditam que não, aliado a isso, Lemos, Silva, Martinez (2012) contribuem ao relacionarem a dimensão dos danos que os erros podem acarretar e trazem uma categorização de erros em seu estudo sobre a administração de medicamentos em unidades de terapia intensiva.

Estes podem ser divididos em potencialmente não significantes, quando não há nenhuma relevância clínica; potencialmente significantes, quando há a necessidade de monitorização do paciente embora não seja necessário nenhum tratamento corretivo; potencialmente sérias, quando resulta em efeitos colaterais sérios que requerem tratamento e prolongamento da internação hospitalar, gerando trauma físico ao paciente e encargos para a instituição.

#### **GRÁFICO 11: CONHECIMENTO DOS NOVES CERTOS PELO PROFISSIONAL DA ENFERMAGEM**



Fonte: Autor, (2018).

Corroborando com o gráfico anterior, o gráfico 11 revela que grande parte dos entrevistados conhecem a metodologia dos nove certos. Desta forma, esta metodologia apresenta-se como uma ferramenta de minimização dos impactos negativos das ações inadequadas, evitando que os erros voltem a se reproduzir e trazendo à tona a necessidade

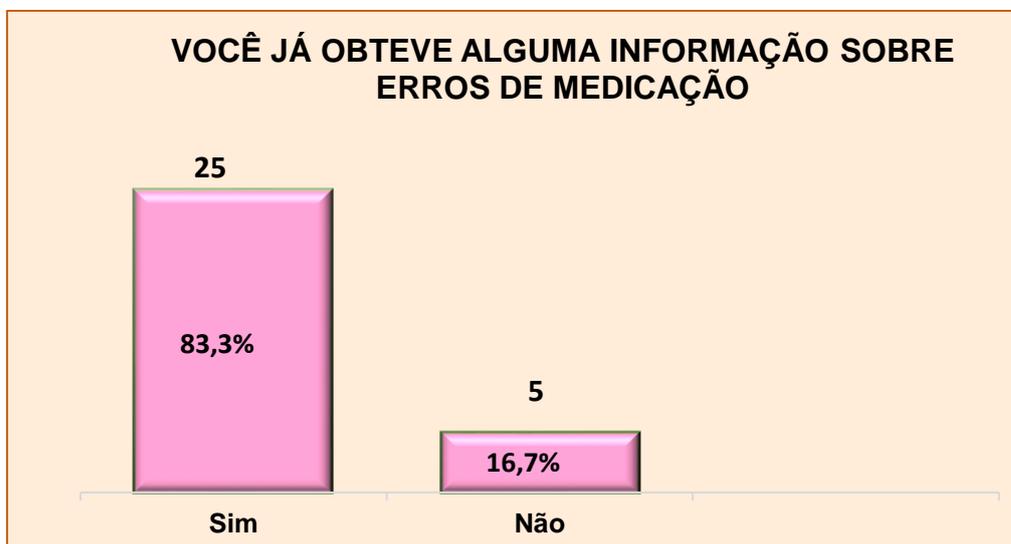
de se mobilização e conscientização das equipes de trabalho para a administração correta das medicações.

Foi questionado o profissional que conhece os nove certos e 90,0% (n=27) dos entrevistados afirmaram que “sim”, 6,7% (n=2) disseram que “não”, e uma pessoa desconhece.

Compreender o papel da equipe de enfermagem no manejo e administração de medicamentos torna-se importante à medida que esta é de responsabilidade da equipe de enfermagem, podendo ser realizada pelo enfermeiro, técnico de enfermagem e auxiliar de enfermagem, sobre os quais geralmente recaem a maioria dos erros.

Coimbra e Cassiani (2001) acrescentam que esta relação de responsabilidade atribuída ao enfermeiro na terapia medicamentosa parece necessitar de total transparência e conscientização do profissional enfermeiro em todas as facetas que permeiam a relação medicação responsabilidade. Esta relação de interação consiste numa postura dinâmica do profissional que vai além do contexto técnico-científico levando em conta principalmente o indivíduo a ser cuidado.

#### **GRÁFICO 12: VOCÊ JÁ OBTEVE ALGUMA INFORMAÇÃO SOBRE ERROS DE MEDICAÇÃO**



Fonte: Autor, (2018).

O erro de medicação pode causar agravo a saúde, interfere na vida do paciente, do profissional, e da instituição, podendo ainda prologar a internação do mesmo, no questionamento sobre você já recebeu alguma informação sobre os nove certos, 83,3%

(n=25) dos entrevistados relataram ter recebido, apenas 16,7%, (n=5) não obteve nenhuma informação.

Lemos, Silva, Martinez (2012) ainda acrescentam que, na avaliação dos procedimentos de administração de medicamentos, foram levantados 100 eventos característicos e desencadeadores de distrações da equipe de enfermagem, tais como: telefone fixo da instituição ou celular pessoal tocando; interrupção por outros profissionais; mudanças não padronizadas das prescrições médicas; sobreposição de diferentes tarefas desempenhadas pelo mesmo profissional, como cuidados de higiene e conforto, nos horários padronizados para administração de medicações.

Quando não se verifica a observância de um planejamento formal da assistência, como rotinas escritas de admissão e sistematização da assistência de enfermagem, percebe-se que a equipe de enfermagem fica à mercê de distrações e enganos no processo de enfermagem bem como mais vulneráveis a processos de erros. Silva et al. (2007) colocam que uma das origens dos problemas relacionados a medicação inadequada de medicamentos está na realização rotineira e mecânica deste processo, numa falta de concentração e percepção do que está sendo feito, o que deixa os profissionais mais suscetíveis de erros.

A responsabilidade do profissional de enfermagem também engloba a segurança no processo de uso de medicamentos no intuito de promover medidas preventivas e combater a reprodução dos erros observados, além de conhecer o modo de ação dos medicamentos e reações adversas dos mesmos. Administrar um medicamento sem o conhecimento da ação da droga e de seus riscos é uma postura imprópria e inadequada dos profissionais de enfermagem que também precisam monitorar o efeito dos remédios no paciente bem como possíveis reações adversas e riscos à saúde (FRANCO et al., 2010).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este estudo foi possível analisar os diferentes níveis de conhecimento dos acadêmicos de enfermagem a respeito da administração de medicação, bem como, identificar os pontos de fragilidade, no que diz respeito a administração de medicamentos. A utilização dos nove certos da enfermagem garante que a medicação seja administrada de forma segura minimizando erros, no entanto, devido a demanda e o dimensionamento de pessoal inadequado nem sempre são aplicados adequadamente.

Este estudo demonstra que os acadêmicos de enfermagem possuem um bom nível de conhecimento sobre administração de medicações. Observou-se também que a identificação do paciente, é um dos fatores que estão relacionados a erros mais comuns durante a administração de medicação, daí a necessidade do enfermeiro estar sempre atento à execução do mesmo.

No que se refere ao código de ética da enfermagem, na seção II, artigo 37, o enfermeiro pode “recusar-se a executar prescrição medicamentosa e terapêutica, onde não conste a assinatura e o número de registro do profissional, exceto em situações de urgência e emergência”, e em seu parágrafo único ressalta que “o profissional de enfermagem poderá recusar-se a executar prescrição medicamentosa e terapêutica em caso de identificação de erro ou ilegibilidade”.

Entende-se porém, que, para haver uma assistência sem intercorrências é necessário que algumas medidas devem ser tomadas na prevenção de erros no que se refere a danos aos pacientes, como: a educação continuada da equipe, a formação de grupos de estudo, atualização quanto ao conhecimento técnico-científico, incentivo a notificação dos erros enfatizando que não haverá medidas punitivas, e sim que medidas preventivas sejam implantadas.

Assim este estudo demonstra conhecimento que está sendo transmitido e absorvido pelos alunos possibilitando a reflexão sobre o seu próprio processo de trabalho, bem como, sua inserção no mercado, no processo de recuperação do paciente e sua importância no contexto hospitalar, mas social, familiar e interpessoal.

Conclui-se que os acadêmicos conhecem a importância da prevenção aos erros de medicação, minimização de riscos durante um procedimento prestado, implementando ações, oferecem maior segurança ao paciente e a realização de uma prática humanizada e segura.

---

## REFERÊNCIAS

Brasil. Ministérios da Saúde. **Programa Nacional de Segurança do Paciente**. Protocolo de Segurança na prescrição, uso e administração de Medicamentos. ANVISA, FIO CRUZ e FHEMIG, 2013.

Brasil. Ministério da Saúde. Documento de referência para o Programa Nacional de Segurança do Paciente. 2014. 40 p. Disponível em:

<[www.bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/documento\\_referencia\\_programa\\_nacional\\_seguranca.pdf](http://www.bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/documento_referencia_programa_nacional_seguranca.pdf)> Acesso em: 24 mai. 2016.

BOHOMOL, E.; RAMOS, L. H. Percepções sobre o erro de medicação: análise de respostas da equipe de enfermagem. **Rev Latino-am Enfermagem**, São Paulo, v.14, n.6, p.887-892, 2006.

CARVALHO, V. T.; CASSIANI, S. H. B. Erros na Medicação: análise das situações relatadas pelos profissionais de enfermagem. **Medicina** [online], Ribeirão Preto, v.33, n.3, p.322-330, 2000. Disponível<[http://revista.fmrp.usp.br/2000/erros\\_medicao](http://revista.fmrp.usp.br/2000/erros_medicao)> Acesso em: 16 mar. 2018.

CARVALHO, V. T.; CASSIANI, S. H. B; CHIERICATO, C. Erros mais comuns e fatores de risco na administração de medicamentos em unidades básicas de saúde. **Rev Latino-am Enfermagem**, Ribeirão Preto, v.7, n. 5, p.67-75, 1999.

CAVALCANTE, M.C. Políticas públicas da Educação Superior: **acesso e permanência de estudantes trabalhadores dos cursos noturnos**. Trabalho apresentado na 30ª Reunião Anual da Anped. 2007.

COIMBRA, J. A. H.; CASSIANI S. H. B. Responsabilidade da enfermagem na administração de medicamentos: algumas reflexões para uma prática segura com qualidade de assistência. **Rev Latino-am Enfermagem**, Ribeirão Preto, v.9, n.2, p.56-60, 2001.

ESPERIDIÃO, E. M. D. B. Holismo só na teoria: a trama de sentimentos do acadêmico de enfermagem sobre sua formação. **Rev Esc Enferm USP**. 2004;38(3):332-40

FILHO, P. C. P; CASSIANI, S. H. B. Administração de medicamentos: aquisição de conhecimentos e habilidades requeridas por um grupo de enfermeiros. **Rev Latino-am Enfermagem**, Ribeirão Preto, v.12, n.3, p.533-540, 2004.

FRANCO, R. et al. Percepção da equipe de enfermagem sobre fatores causais de erros na administração de medicamentos. **Rev. Bras. Enferm.** Brasília, v.63, n.6, p.927-932, 2010.

LEMOS, N. R. F.; SILVA, V. R. da; MARTINEZ, M. R. Fatores que predisõem à distração da equipe de enfermagem durante o preparo e a administração de medicamentos. **Revista mineira de enfermagem**, Belo Horizonte, v.16, n.2, p.201-2017, 2012.

MIASSO, A.I. et al. O processo de preparo e administração. **Rev. Latino-am Enfermagem**, São Paulo, v.14, n.3, p.354-63, 2006.

PENA, M. M. et al. Mapeamento dos erros de medicação em um hospital universitário. **Rev enferm UERJ**, Rio de Janeiro, 2016; 24(3):e 7095.

SILVA, B. K. da; SILVA, J. S. da; GOBBO, A. F. F. **Erros de medicação: condutas e propostas de prevenção na perspectiva da equipe de enfermagem Adriana; MIASSO. Revista Eletrônica de Enfermagem**, v. 09, n. 03, p. 712-723, 2007.

TELLES, P. C. F. A administração de medicamentos: necessidades educacionais de enfermeiros e proposição de um curso de atualização [Mestrado]. Ribeirão Preto (SP): **Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo**; 2001. p.140.

## ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM AO PACIENTE DIALÍTICO EM UNIDADE DE TERAPIA INTENSIVA

Silvia Mara Moreno da Silva

Beatriz Essenfelder Borges

### RESUMO

**Introdução:** A insuficiência renal aguda é uma das complicações mais frequentes observadas em unidade de terapia intensiva e leva muitos pacientes a necessitarem de hemodiálise. Por tratar-se de um procedimento complexo, pode ser acompanhado de diversas complicações, exigindo assim profissionais aptos, com conhecimento científico e técnico, capazes de oferecer segurança e qualidade na assistência. **Objetivo:** Identificar, na percepção dos enfermeiros (as) e técnicos (as) de enfermagem, quais são as principais complicações relacionadas à hemodiálise em unidade de terapia intensiva descrevendo a assistência de enfermagem prestada e, relacioná-las com as recomendações descritas na literatura. **Metodologia:** Pesquisa quantitativa do tipo exploratória, realizada na UTI geral de um grande hospital em Curitiba (PR). Realizada com 33 (n=33) profissionais de enfermagem do setor. Os dados foram obtidos por meio de um questionário estruturado com questões objetivas a respeito das principais complicações decorrentes da hemodiálise em unidade de terapia intensiva e as intervenções realizadas. Após, os dados foram agrupados, analisados e representados através de gráficos. **Resultados:** Neste estudo, verificou-se que, na instituição pesquisada, as complicações mais prevalentes relacionadas à hemodiálise foram a hipotensão, seguida de hipertensão, hipoglicemia e parada cardiorrespiratória. As intervenções de enfermagem, foram voltadas a ações de prevenção, identificação precoce de sinais e sintomas e a administração de medicamentos conforme prescrição médica. **Conclusão:** A equipe de enfermagem tem grande importância dentro da unidade de terapia intensiva, pois, são responsáveis pelos cuidados assistenciais especializados, portanto, faz-se necessário a busca constante por conhecimento a fim de capacitar-se para identificar qualquer alteração decorrente do tratamento dialítico.

**Palavras-chave:** Diálise renal; Insuficiência renal; Cuidados críticos; Lesão renal aguda.

## INTRODUÇÃO

Os rins além de suas funções básicas (controlar volume e composição dos líquidos corpóreos) também são responsáveis por síntese e secreção de hormônios, equilíbrio ácido-básico, regulação da pressão arterial, regulação do equilíbrio de água e eletrólitos e excreção de produtos terminais do metabolismo orgânico (AJZEN; SCHOR, 2011).

Quando ocorre a redução abrupta das funções renais e diminuição da taxa de filtração glomerular, os rins tornam-se incapazes de exercerem suas funções básicas resultando em retenção de produtos nitrogenados como creatinina e ureia na corrente sanguínea, acidose metabólica, distúrbios eletrolíticos como hiperpotassemia e hiponatremia, retenção de líquido, com risco de desenvolver insuficiência cardíaca e edema pulmonar (ZATZ et al., 2011; SILVA; MARINI; SILVA, 2016).

Na unidade de terapia intensiva (UTI) em especial, a maioria dos pacientes sofrem de outras disfunções orgânicas, são expostos a múltiplas intervenções e agregam diversos fatores em suas condições clínicas como: infecções, sepse, cirurgia de grande porte e hemorragias, o que contribui para o desenvolvimento da insuficiência renal aguda (LUFT et al., 2016).

Apesar dos avanços tecnológicos, a incidência de insuficiência renal aguda (IRA) em pacientes hospitalizados em unidade de terapia intensiva, é relativamente maior que a dos pacientes internados em outros setores hospitalares, sendo que cerca de 49% a 70% destes pacientes necessitam de terapias dialíticas (LUFT et al., 2016).

Existem atualmente, três tipos de terapias dialíticas que podem ser utilizadas em UTI: Técnicas intermitentes convencionais, técnicas contínuas e técnicas intermitentes adaptadas. O que as distingue é o tempo de duração da terapia, a velocidade da bomba de sangue, a presença e velocidade do fluxo do dialisato e a presença de líquido de reinfusão (REIS, 2014).

O método contínuo de substituição renal ou hemodiálise contínuo é amplamente utilizado na UTI em função de sua melhor adequação em pacientes hemodinamicamente instáveis, pois, permite a baixa remoção de solutos de maneira contínua e ultrafiltração plasmática contínua com menor incidência de hipotensão, melhor tolerância cardiovascular e possibilidade de adequação do suporte nutricional (CRUZ et al., 2012; LUFT et al., 2016).

Conforme Reis (2014) e Silva, Marini e Silva (2016), as complicações mais descritas durante a hemodiálise em pacientes críticos são: Hipotensão, hipertensão,

embolia gasosa, hemorragias e processos infecciosos. Por ser um procedimento que, na grande maioria das vezes, quem realiza são técnicos de enfermagem e enfermeiros; viu-se a necessidade de conhecer as complicações mais presenciadas por estes profissionais em sua área de atuação e as intervenções de enfermagem realizadas.

## **METODOLOGIA**

Este estudo caracteriza-se como pesquisa quantitativa do tipo exploratória, realizada em uma das unidades de terapia intensiva de um grande hospital, localizado em Curitiba (PR), de alta complexidade que presta atendimentos particulares e aos planos de saúde.

A população para o estudo foi constituída de 33 (n=33) profissionais de enfermagem, o que corresponde ao total de colaboradores da UTI geral do local da pesquisa. Destes, 8 foram enfermeiros e 25 técnicos de enfermagem.

Os critérios de inclusão foram: Ser técnico (a) de enfermagem ou enfermeiro (a), Idade acima de 18 anos, ter realizado assistência de enfermagem durante a sessão de hemodiálise em pacientes críticos.

Inicialmente, foi elaborado um projeto de pesquisa a respeito das principais complicações a que um paciente crítico está exposto ao realizar hemodiálise em uma unidade de terapia intensiva e encaminhada ao Comitê de Ética e Pesquisa do Instituto Paranaense de Otorrinolaringologia (IPO) conforme resolução 466 de 2012 no que diz respeito aos critérios éticos, e aprovação pelo comitê de ética do local da pesquisa. Após a aprovação da pesquisa sob o protocolo n° 2.887.625, deu-se início aos estudos.

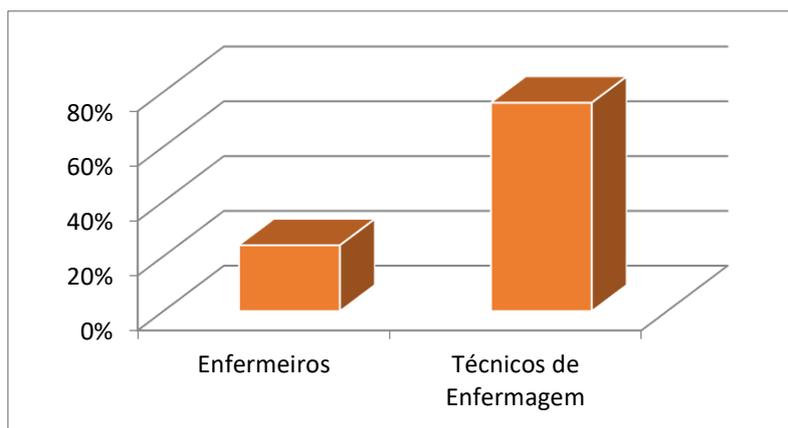
Os colaboradores da unidade de terapia intensiva foram convidados a responder um questionário contendo 11 perguntas a respeito de suas experiências profissionais durante intercorrências intradialíticas em pacientes críticos. Todos os profissionais manifestaram voluntariamente sua concordância em participar, assinando previamente o TCLE (Termo de consentimento livre e esclarecido), havendo tempo adequado para leitura e esclarecimento de dúvidas.

Os dados obtidos por meio do questionário foram agrupados e categorizados por igualdade de conteúdo, analisados estatisticamente e inseridos em um banco de dados do Microsoft Excel versão 2007. Após, foram elaborados gráficos e tabelas representando os resultados obtidos.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Participaram da pesquisa 33 colaboradores que atualmente exercem suas atividades em unidade de terapia intensiva. Dentre os participantes, 25 são técnicos de enfermagem, o que corresponde a 76% dos participantes e 8 são enfermeiros, o que representa 24% do total entrevistado, de acordo com o gráfico 1.

**GRÁFICO 1. PARTICIPANTES DA PESQUISA**



Fonte: Autor, 2018.

Dos pesquisados, 100% já prestaram assistência de enfermagem durante a hemodiálise em unidade de terapia intensiva. Destes, 94% acreditam que pacientes críticos estão mais propensos a terem complicações durante a hemodiálise.

Confirmando o dado encontrado, Silva, Magalhães e Rocha (2018), em sua pesquisa, também evidenciaram esta propensão. E relacionam as complicações intradialíticas ao fato de muitos pacientes internados em UTI apresentarem instabilidade hemodinâmica e diminuição das respostas naturais de defesa do organismo.

Concordando com o autor supracitado, Luft e colaboradores (2016), acrescentam que cerca de 50% dos pacientes que desenvolvem lesão renal aguda em unidade de terapia intensiva e são submetidos ao tratamento dialítico evoluem ao óbito devido ao aumento da gravidade clínica.

Existem hoje poucos estudos relacionados às complicações intradialíticas em unidade de terapia intensiva, pois, muitas destas complicações acabam sendo relacionadas a outros fatores devido à instabilidade clínica que estes pacientes apresentam (SILVA; MAGALHÃES; ROCHA, 2018).

No entanto, 85% dos participantes da presente pesquisa afirmam já terem presenciado complicações intradialíticas, o que significa que mesmo perante aos grandes avanços no tratamento destes pacientes, as complicações ainda acontecem. Dentre as complicações mais presenciadas por estes profissionais, destaca-se a hipotensão como a mais prevalente, presenciada por 88% dos participantes, conforme representado na tabela 1.

**TABELA 1. COMPLICAÇÕES FREQUENTEMENTE PRESENCIADAS POR PROFISSIONAIS DE ENFERMAGEM EM UNIDADE DE TERAPIA INTENSIVA.**

Complicação	Número de Participantes	Porcentagem
Hipotensão	29	88 %
Hipertensão	02	06 %
Hipoglicemia	01	03 %
Parada Cardiorrespiratória	01	03 %
Total	33	100%

Fonte: Autor, 2018.

A hipotensão intradialítica também foi evidenciada em outros estudos realizados sobre o tema, como no realizado por Lemes e Bachion (2016), no qual evidenciaram que a hipotensão é considerada comum, acometendo cerca de 25% a 50% dos pacientes que são submetidos a terapias dialíticas e mais recente, na pesquisa realizada por Silva, Magalhães e Rocha (2018), onde a hipotensão acometeu 85,7% dos pacientes estudados. Silva; Marini e Silva (2016) relacionam os episódios de hipotensão a fatores como a instabilidade hemodinâmica, a diminuição do fluxo sanguíneo no início da sessão, a remoção excessiva de líquidos, a temperatura do dialisato, a redução do volume intravascular, hiponatremia (diminuição da concentração de sódio na corrente sanguínea), aumento de substâncias vasodilatadoras e redução das vasoconstritoras, conduzindo a redução do débito cardíaco e da resistência vascular periférica.

Com relação às intervenções de enfermagem realizadas em situações de hipotensão intradialítica, 52% dos pesquisados acreditam que iniciar infusão de soluções

salinas e hipertônicas (conforme prescrição médica) deve ser a primeira iniciativa da enfermagem (tabela 2). Ação considerada eficaz conforme os estudos de Sancho; Tavares e Lago (2013) e Loiola Neto, Soares e Gonçalves (2017). Almeida (2013) esclarece que as soluções hipertônicas como o Cloreto de sódio 7,5%, 10% e 20% se utilizadas em doses baixas, aumentam o volume intravascular, elevam a pressão arterial e o débito cardíaco.

**TABELA 2. INTERVENÇÕES DE ENFERMAGEM EM SITUAÇÕES DE HIPOTENSÃO INTRADIALÍTICA.**

Intervenções	Número de Participantes	Porcentagem
Iniciar infusão de soluções salinas e hipertônicas (Conforme Prescrição Médica)	17	52 %
Reduzir volume de ultrafiltração (processo utilizado para remoção de fluídos)	13	39 %
Monitorar Sinais Vitais	02	06 %
Colocar o paciente em posição de Trendelenburg	01	03 %
<b>Total</b>	<b>33</b>	<b>100%</b>

Fonte: Autor, 2018.

Reduzir a velocidade de ultrafiltração, intervenção referida por 39% dos pesquisados, é uma das ações esperadas pela equipe de enfermagem, conforme estudos realizados por Santana; Fontenelle e Magalhães (2013); Reis (2014) e Mendonça (2016). Mendonça (2016), ainda acrescenta que, caso seja necessário, pode-se colocar o paciente em posição de Trendelenburg. E enfatiza a importância de realizar o controle rigoroso dos sinais vitais e observação da frequência e intensidade dos episódios hipotensivos a fim de evitar novas crises.

Com relação à hipertensão intradialítica, presenciada por 6% dos participantes da pesquisa, nos estudos de Sancho; Tavares e Lago (2013); Sousa e Rocha (2017) e Loiola Neto; Soares e Gonçalves (2017) foi evidenciado que a hipertensão é uma complicação menos frequente durante a diálise.

Silva, Marini e Silva (2016) relatam que a hipertensão intradialítica está geralmente relacionada à ansiedade, excesso de sódio, sobrecarga de líquidos e suspensão de medicação anti-hipertensiva no período pré-dialítico.

Em situações de hipertensão intradialítica, a intervenção de enfermagem considerada a mais importante foi a administração de anti-hipertensivos (Conforme prescrição médica) para 55 % dos pesquisados, conforme a tabela 3.

**TABELA 3. INTERVENÇÕES DE ENFERMAGEM EM SITUAÇÕES DE HIPERTENSÃO INTRADIALÍTICA.**

Intervenções	Número de Participantes	Porcentagem
Administração de anti-hipertensivo (Conforme Prescrição Médica)	18	55 %
Monitorar pressão arterial em intervalos frequentes	10	30 %
Aumentar a velocidade de ultrafiltração	05	15 %
Total	33	100%

Fonte: Autor, 2018.

Silva, Marini e Silva (2016) descrevem que a assistência de enfermagem em situações de hipertensão intradialítica consiste em, após a administração de anti-hipertensivos, monitorar a pressão arterial em intervalos frequentes. Dados também evidenciados no estudo de Loiola Neto; Soares e Gonçalves (2017).

Aumentar a velocidade de ultrafiltração, intervenção referida por 15% dos pesquisados, conforme estudo realizado por Sousa e Rocha (2017) é uma intervenção necessária se a sobrecarga hídrica for a causa da crise hipertensiva.

Valores de ultrafiltração superiores a 20ml/kg/h podem provocar redução da pressão arterial em muitos pacientes. Isto ocorre porque a taxa de ultrafiltração passa a ser maior que o tempo de enchimento vascular (CASTRO, 2001).

Com relação à hipoglicemia, presenciada por 3% dos pesquisados, é uma complicação pouco descrita, porém, nos estudos em que episódios de hipoglicemia foram evidenciados, apresentaram dados significativos como no estudo realizado por Cordeiro

e colaboradores (2016) em que a ocorrência de hipoglicemia atingiu 51% dos pacientes analisados e no estudo de Sousa e Rocha (2017) onde 27% dos pacientes observados apresentaram episódios de hipoglicemia.

Conforme os autores supracitados, e também evidenciado por Lima e colaboradores (2018) a hipoglicemia intradialítica pode acometer pacientes diabéticos que necessitam de hemodiálise e pode se apresentar de forma assintomática.

Abib (2015) enfatiza que os pacientes insulíndependentes em tratamento dialítico, geralmente necessitam de doses mais baixas de insulina, pois a resistência à insulina pelas células está diminuída assim como o seu metabolismo, devido à insuficiência renal. Portanto, para evitar situações de hipoglicemia nestes pacientes, é necessário o reajuste da dose de insulina nos dias que irá se submeter ao tratamento dialítico e o dialisato deve conter alta concentração de glicose.

Para Lima e colaboradores (2018), as intervenções de enfermagem em situações de hipoglicemia consistem em realizar rigoroso controle glicêmico e administração de glicose a 50% por via endovenosa, conforme prescrição médica.

Em relação à parada cardiorrespiratória, presenciada por 3% dos participantes da pesquisa, não foram encontrados estudos que a relacione ao tratamento dialítico em unidade de terapia intensiva, no entanto, Gomes e Nascimento (2018) relatam que pacientes que possuem doença coronariana, insuficiência cardíaca, hipercalcemia, baixa concentração de albumina na corrente sanguínea, baixo peso e baixa hemoglobina, apresentam maior risco de parada cardíaca durante a hemodiálise.

Apesar de não ter sido presenciada pelos pesquisados, o risco de eventos hemorrágicos durante a hemodiálise é um fator relevante para o estudo, pois, conforme a Sociedade Brasileira de Nefrologia (2007), na realização de métodos hemodialíticos, a anticoagulação é obrigatória para manter a permeabilidade do sistema, porém, conforme Sousa e Rocha (2017) a anticoagulação aumenta significativamente o risco de hemorragias, pode comprometer o equilíbrio metabólico dos pacientes e mascarar complicações como trombocitopenias (baixa concentração de plaquetas no sangue).

Diante disto, vemos a importância de que ações assertivas sejam realizadas pela equipe de enfermagem a fim de evitar situações de hemorragias. As intervenções relatadas pelos pesquisados estão descritas na tabela 4.

**TABELA 4. INTERVENÇÕES DE ENFERMAGEM PARA EVITAR SITUAÇÕES DE HEMORRAGIAS DURANTE A HEMODIÁLISE.**

Intervenções	Número de Participantes	Porcentagem
Monitorar sinais e sintomas de sangramento previamente	16	49 %
Administrar o anticoagulante em dose correta (Conforme prescrição médica)	09	27 %
Evitar a desconexão acidental das linhas do circuito de diálise.	08	24 %
Total	33	100%

Fonte: Autor, 2018.

Na presente pesquisa, 49% dos participantes acreditam que monitorar sinais e sintomas de sangramento previamente é uma das condutas mais importantes a serem realizadas pela equipe de enfermagem. Ação considerada eficaz no estudo realizado por Aguiar e Guedes (2017) que evidenciou fatores de risco como o uso de anticoagulantes e a uremia apresentada por alguns pacientes.

Sousa e Rocha (2017) enfatizam a importância da utilização de anticoagulante em dose correta, o que vem de encontro à intervenção relatada por 27% dos participantes desta pesquisa, pois, em doses insuficientes pode causar obstrução do fluxo sanguíneo e coagulação do sistema e, em doses acima do recomendado pode vir a desencadear eventos hemorrágicos.

Outra intervenção considerada importante para evitar hemorragias intradialíticas, relatada por 24% dos pesquisados, foi evitar a desconexão acidental das linhas de diálise. Confirmando os dados obtidos, Reis (2014) e Santos; Souza e Scofano (2016) em seus estudos, descrevem que a desconexão acidental do paciente ao circuito pode levar a extravasamentos com perdas significativas de sangue.

A embolia gasosa, apesar de ser um evento raro, também representa risco aos pacientes dialíticos. Conforme os estudos de Nolêto e colaboradores (2017) é uma das complicações intradialíticas mais grave e pode ser evitada através de ações assertivas da equipe de enfermagem. Balbi e colaboradores (2017) referem à embolia gasosa como uma situação de emergência e a gravidade está relacionada, principalmente, à quantidade de ar que teve acesso a circulação do paciente.

Reis (2014) ressalta que, atualmente, os equipamentos de hemodiálise possuem um sensor de bolhas de ar que desliga a máquina automaticamente caso sejam detectadas bolhas nas linhas. No entanto, Daugirdas e colaboradores (2016) relatam que, apesar dos sensores de ar presente nas máquinas de hemodiálise, microbolhas podem chegar a corrente sanguínea do paciente sem serem detectadas. Dados também evidenciados nos estudos de Balbi e colaboradores (2017) que acrescentam que as microbolhas podem chegar a corrente sanguínea sem acionar o alarme da máquina em diálises com alto fluxo sanguíneo.

**TABELA 5. INTERVENÇÕES DE ENFERMAGEM REALIZADAS EM SITUAÇÕES DE EMBOLIA GASOSA DURANTE A HEMODIÁLISE.**

Intervenções	Número de Participantes	Porcentagem
Vigilância contínua para identificar sinais e sintomas sugestivos de embolia como perda de consciência, convulsão, dor torácica, dispneia e cianose;	27	82 %
Ofertar oxigênio a 100%	03	09 %
Colocar o paciente em posição de Trendelenburg e em decúbito lateral esquerdo;	03	09 %
<b>Total</b>	<b>33</b>	<b>100%</b>

Fonte: Autor, 2018.

Conforme as intervenções relacionadas na tabela 5, a considerada mais relevante para 82% dos pesquisados é a vigilância contínua para identificar sinais e sintomas a fim de evitar a embolia gasosa; importância confirmada no estudo de Figueiredo e Neto (2001) onde relatam que a observação constante dos cateteres em busca de bolhas e a vigilância de sinais e sintomas como confusão e alteração de nível de consciência são fatores relevantes para a prevenção de embolias.

Em situações em que a embolia for detectada, Balbi e colaboradores (2017) orientam a ofertar Oxigênio a 100% por máscara, confirmando a intervenção referida por 9% dos pesquisados e acrescenta que, a intubação orotraqueal pode ser necessária.

Para 9% dos participantes da pesquisa, as intervenções de enfermagem recomendadas em situações de embolia gasosa consistem em posicionar o paciente em

Trendelemburg, ação que segundo Reis (2014) é efetiva. Nolêto e colaboradores (2017) relatam a mesma intervenção, acrescentando que o paciente deve ser posicionado em decúbito lateral esquerdo, facilitando a saída do ar pelo ventrículo.

Com relação aos processos infecciosos relacionados ao uso de cateter para hemodiálise, conforme relata Oliveira, Cunha e Marques (2016), qualquer insuficiente renal que é submetido a métodos dialíticos tem risco elevado para infecções devido à debilidade do sistema imune e pela hemodiálise ser um procedimento invasivo. Conforme Pecoits e Ribeiro (2014) estas infecções são frequentemente relacionadas com o uso de cateter venoso central. Dias e colaboradores (2018) ressaltam que por ser um dispositivo utilizado em situações de emergência, o cateter para hemodiálise é amplamente utilizado na unidade de terapia intensiva.

Concordando com o autor supracitado, Cordeiro e colaboradores (2016) enfatizam que os cateteres para hemodiálise oferecem elevado risco de infecções e grande parte das bacteremias está relacionada aos mesmos.

Em um estudo realizado por Lemes e Bachion (2016) no qual indicaram os diagnósticos de enfermagem mais relevantes para a prática clínica em hemodiálise, o risco para infecção alcançou taxa de 100% entre os pesquisados e destacaram que esta incidência está relacionada a imunossupressão, ao acesso vascular por períodos prolongados, a grandes quantidades de procedimentos invasivos, a transmissão de agentes infecciosos por diversas vias e internações repetidas.

Na tabela 6 estão descritas as intervenções consideradas importantes pelos pesquisados para prevenir infecção de corrente sanguínea pelo cateter de hemodiálise.

**TABELA 6. INTERVENÇÕES DE ENFERMAGEM REALIZADAS PARA PREVENIR INFECÇÃO DE CORRENTE SANGUÍNEA PELO USO DE CATETER PARA HEMODIÁLISE.**

Intervenções	Número de Participantes	Porcentagem
Utilizar técnica asséptica antes da inserção e a cada manipulação do dispositivo	19	58 %
Realizar antisepsia no sítio da inserção do cateter com Clorexidina alcoólica 2% a cada troca de curativo	10	30 %
Observar presença de hiperemia ou secreções no sítio de inserção do cateter	03	09 %
Avaliação contínua do sítio de inserção do cateter.	01	03 %
<b>Total</b>	<b>33</b>	<b>100%</b>

Fonte: Autor, 2018.

A intervenção considerada mais relevante para 58% dos pesquisados é relacionada ao uso da técnica asséptica antes da inserção e a cada manipulação do dispositivo. Ação considerada eficaz conforme os estudos de Sousa e Rocha (2017) que acrescentam a importância dos cuidados com o sítio de inserção do cateter ao realizar antisepsia com clorexidina alcoólica 2% a cada troca de curativo, o que vem de encontro à intervenção referida por 30% dos pesquisados.

Concordando com o autor supracitado, Santos e colaboradores (2014) evidenciaram em sua pesquisa que tais medidas reduzem a taxa de infecção de corrente sanguínea e relata também que a inspeção diária do sítio de inserção do cateter, intervenção referida por 3% dos pesquisados, é uma intervenção muito importante, pois, é através desta inspeção que se tem a confirmação de que os curativos estão sendo realizados da maneira recomendada.

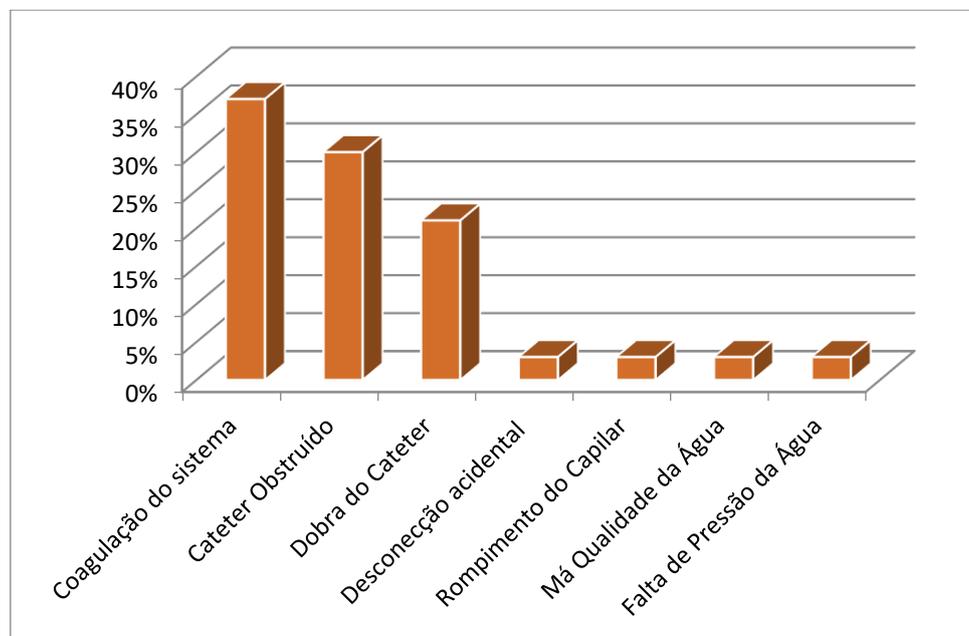
Dados também relatados nos estudos de Oliveira, Cunha e Marques (2016) que recomendam a avaliação contínua do sítio de inserção do cateter e do estado clínico do paciente a fim de identificar sinais e sintomas que indicam infecção de corrente sanguínea, como presença de hiperemia e secreção no sítio de inserção do cateter,

associado à febre e mau funcionamento do dispositivo. O que vem de encontro às intervenções referidas por 9% dos participantes da pesquisa.

Outro fator relevante para este estudo é a ocorrência de eventos adversos relacionados aos equipamentos durante a hemodiálise, pois, segundo os estudos realizados por Sousa e colaboradores (2016) e Sousa e Rocha (2017) a detecção imediata de problemas e a intervenção precoce evitam danos aos pacientes, o retrabalho da enfermagem e o aumento dos custos do tratamento. Diante disto, os participantes da pesquisa relataram (gráfico 2) os problemas mecânicos mais presenciados na unidade de terapia intensiva.

A coagulação do sistema, que neste estudo foi presenciada por 37% dos profissionais, representa riscos ao paciente que, segundo pesquisa realizada por Sousa e colaboradores (2016), pela ocorrência deste evento precisa interromper o tratamento antes do tempo previsto e pode ter perda sanguínea significativa resultando em anemia e necessidade de transfusão. Fator confirmado em uma pesquisa realizada por Silva, Magalhães e Rocha (2018) na qual a ocorrência de coagulação do sistema foi responsável pela suspensão do tratamento em 40% a 75% das vezes.

## **GRÁFICO 2. PROBLEMAS MECÂNICOS MAIS PRESENCIADOS EM UNIDADE DE TERAPIA INTENSIVA.**



Fonte: Autor, 2018.

Balbi e colaboradores (2017) acrescentam que fatores como baixo fluxo sanguíneo, hematócrito alto, uso de cateter de duplo lúmen, alta taxa de ultrafiltração e transfusões sanguíneas podem facilitar a coagulação do sistema.

Assim como nesta pesquisa, em um estudo realizado por Mendes e colaboradores (2015) evidenciaram que as oclusões do cateter para hemodiálise representam uma das complicações mecânicas mais frequentes e pode ser consequência da formação de coágulos podendo obstruir o cateter, problema referido por 30% dos participantes desta pesquisa, ou mau posicionamento ou dobra do cateter, relatado por 21% dos participantes.

Confirmando os dados encontrados, o mesmo foi evidenciado na pesquisa de Silva, Magalhães e Rocha (2018) em que a formação de coágulos na extremidade distal do cateter levou a falta de fluxo em 16,1% das sessões observadas. Sousa e Rocha (2017) relatam que estas obstruções podem também estar relacionadas ao uso de anticoagulantes, como a Heparina, em doses insuficientes.

Outra complicação relacionada ao equipamento, presenciada por 3% dos participantes foi à desconexão acidental do cateter com a linha sanguínea. Evento que, segundo Reis (2014) precisa ser identificada rapidamente, portanto, devem-se manter as linhas de diálise sempre visíveis a fim de evitar complicações ao paciente devido à perda sanguínea.

A respeito do rompimento do capilar, presenciado por 3% dos participantes da pesquisa, foi evidenciado em apenas um estudo realizado por Sousa e colaboradores (2013) no qual, dentre 517 eventos adversos relatados no período de 5 anos, 8 foram relacionados ao rompimento das fibras do capilar.

Com relação à má qualidade da água, referida por 3% dos participantes, é um assunto considerado bastante importante para as terapias dialíticas segundo pesquisa realizada por Jesus e Almeida (2016), pois, a água compõe 95% da solução de diálise e, para pacientes que já estão debilitados, o fato de ficarem em contato com água que não tenha sido tratada corretamente pode implicar em sérios agravos em seu quadro clínico, pois, os contaminantes presentes na água terão acesso direto à corrente sanguínea destes pacientes.

Conforme a Resolução RDC nº 154, de 15 de junho de 2004, da Agência Nacional de Saúde (ANVISA):

Art. 9º 8.1.1. A água utilizada na preparação da solução para diálise nos serviços deve ter a sua qualidade garantida em todas as etapas do seu tratamento, armazenagem e distribuição mediante o monitoramento dos

parâmetros microbiológicos e físicoquímicos, assim como dos próprios procedimentos de tratamento.

8.2. A água de abastecimento dos serviços de diálise proveniente da rede pública, de poços artesianos ou de outros mananciais deve ter o seu padrão de potabilidade em conformidade com o disposto na Portaria GM/MS nº 518, de 25 de março de 2004, ou de instrumento legal que venha a substituí-la.

8.2.1. A obtenção dos laudos atestando as condições de potabilidade da água, fornecidos pela companhia de abastecimento público ou por laboratório especializado, é de responsabilidade dos serviços de diálise.

De acordo com resultados desta pesquisa, em relação ao preparo destes profissionais para identificar e, se necessário, intervir em uma possível complicação durante a hemodiálise, 12% sentem-se preparados e com o conhecimento necessário, 70% dos participantes, sentem-se preparados, porém, acreditam que precisa haver mais treinamentos.

A necessidade de educação permanente no setor hospitalar é de grande relevância para garantir uma assistência de qualidade. Gurgel (2014) em seu estudo qualifica a educação permanente como responsável por aprimorar as práticas assistenciais da enfermagem.

Um dado bastante relevante para este estudo é que 18% dos participantes da pesquisa não se sentem preparados e acreditam que em uma possível complicação, quem deve intervir é somente o médico.

No estudo realizado por Peixoto (2013) foi evidenciado que grande parte dos pacientes que realizam hemodiálise se reporta a equipe médica em questões relacionadas ao processo assistencial e educacional. O que nos leva a refletir se o enfermeiro tem realizado seu papel de educador e buscado capacitação para o desempenho profissional, pois, o enfermeiro, assim como a sua equipe, precisam estar preparados e cientes da sua importância para, a qualquer momento, atender as complicações que frequentemente acontecem em unidade de terapia intensiva.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto até aqui, conclui-se que as complicações durante a hemodiálise em pacientes críticos são uma realidade no mundo contemporâneo e os profissionais que atuam nesta área frequentemente presenciam estas ocorrências. Observou-se que, neste estudo, a hipotensão é a complicação intradialítica mais frequente seguida de hipertensão, hipoglicemia e parada cardiorrespiratória e as intervenções de enfermagem resumem-se em avaliação constante do paciente a fim de identificar sinais clínicos de possíveis complicações, a administração de medicamentos conforme prescrição médica e estar atento às ações de prevenção.

O conhecimento das funcionalidades da máquina de hemodiálise e a detecção precoce de anormalidades tem importância significativa, pois, a ocorrência de eventos adversos relacionados ao equipamento impacta diretamente na eficácia do tratamento além de aumentar seus custos.

Percebe-se com este estudo, a importância de Enfermeiros e técnicos de enfermagem capacitados para atuar no cuidado de pacientes críticos que são submetidos à hemodiálise, pois, estes pacientes muitas vezes, além de necessitarem de terapias dialíticas, estão sob ventilação mecânica, fazem uso de drogas vasoativas e são totalmente dependentes dos cuidados de enfermagem, exigindo assim, profissionais aptos a identificar e intervir em possíveis complicações.

---

## REFERÊNCIAS

- ABIB, R.C.A. Particularidades no manejo do diabetes em pacientes Nefropatas. **Revista HUPE**;14(4):50-53. Rio de Janeiro, 2015.
- AGUIAR, L.L.; GUEDES, M.V.C. Diagnósticos de enfermagem do domínio segurança e proteção para pacientes em hemodiálise. **Enfermería Global - Revista electronica trimestral de enfermería**. 2017. Disponível em <[www.scielo.isciii.es/pdf/eg/v16n47/pt\\_1695-6141-eg-16-47-00001.pdf](http://www.scielo.isciii.es/pdf/eg/v16n47/pt_1695-6141-eg-16-47-00001.pdf)> Acesso em: 02 de nov. 2018.
- ALMEIDA, I.M. Cristalóides e Colóides na prática clínica. **Hospital Sírio Libanês**, 2013. Disponível em <[www.proqualis.net/aula/cristal%C3%B3ides-e-col%C3%B3ides-na-pr%C3%A1tica-cl%C3%ADnica](http://www.proqualis.net/aula/cristal%C3%B3ides-e-col%C3%B3ides-na-pr%C3%A1tica-cl%C3%ADnica)> Acesso em: 05 de nov. 2018.
- ANVISA – Resolução da Diretoria Colegiada - **RDC Nº. 154**, de 15 de junho de 2004. Disponível em <[www.portal.anvisa.gov.br/documents/10181/2718376/RDC\\_154\\_2004\\_COMP.pdf/2306a640-0a52-4b06-8b3-dce8c6f5abce?Version=1.0](http://www.portal.anvisa.gov.br/documents/10181/2718376/RDC_154_2004_COMP.pdf/2306a640-0a52-4b06-8b3-dce8c6f5abce?Version=1.0)> Acesso em: 05 de nov. 2018.
- AJZEN, H.; SCHOR, N. **Guia de Nefrologia**. 3º Ed. Barueri, São Paulo: Editora Manole Ltda., 2011.
- BALBI, A.L.; PONCE, D.; DIAS, D.B. et al. **Protocolos clínicos e padronização de condutas em diálise: Unidade de Diálise do HC-FMB** Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Medicina de Botucatu, Unidade de diálise do HCFMB. Botucatu, 2017.
- CASTRO, M.C.M. Atualização em diálise: Complicações agudas em hemodiálise. **J. Bras. Nefrol.** 23(2):108-13. São Paulo, 2001.
- CORDEIRO, A.P.; ROSSETI, N.L.M.; DUARTE, L.V. et al. Complicações durante a hemodiálise e a assistência de enfermagem. **Enfermagem Revista**. 9(2): 247-254, 2016.
- CRUZ, J et al. **Atualidades em Nefrologia 12**. São Paulo: Sarvier Editora de Livros Médicos, 2012.
- DAUGIRDAS, J.T.; BLAKE, P.G.; ING, T.S. **Manual de diálise**. 5 ed, Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2016. 645p
- DIAS et al. Avaliação dos índices de infecção relacionados ao cateter duplo lúmen para hemodiálise antes e após orientação para o autocuidado. **Revista Uningá - PR** 2018. Disponível em <<http://revista.uninga.br/index.php/uninga/article/view/1443>> Acesso em: 03 de nov. 2018.

- FIGUEIREDO, L.F.P.; NETO, A.C. Como identificar, tratar e prevenir a embolia gasosa relacionada a cateteres venosos centrais. **Rev. Assoc. Med. Bras.** São Paulo, 2001.
- GOMES, E.T.; NASCIMENTO, M.J.S.S. Assistência de enfermagem nas complicações durante as sessões de hemodiálise. **Enfermagem Brasil** 17(1):10-7, 2018.
- GURGEL, N.P.S. **Proposta de Tecnologia de Cuidado em Enfermagem para Intercorrências interdialíticas em unidade de terapia intensiva.** Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Linhas de Cuidado em Enfermagem – Área Doenças Crônicas não transmissíveis. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis SC, 2014.
- JESUS, G.P.; ALMEIDA, A.A. Principais problemas gerados durante a terapia de hemodiálise associados à qualidade da água. **Rev. Eletrôn. Atualiza Saúde** Salvador, v. 3, n. 3, p. 41-52. 2016
- LEMES, M.M.D.D.; BACHION, M.M. Enfermeiros atuantes em hemodiálise indicam diagnósticos de enfermagem relevantes na prática clínica. **Acta Paulista de Enfermagem**, vol. 29, núm. 2, pp. 185-190. Universidade Federal de São Paulo. São Paulo, Brasil, 2016.
- LIMA, R.A.; FREITAS, Y.D.; FREITAS, S.F.; LEITE, G.L. et al. Hemodiálise: Principais complicações em sessões hemodialíticas em uma Unidade de Nefrologia em Porto Velho-RO. **REAS, Revista Eletrônica Acervo Saúde.** Vol. Sup 14, S1747-S1754, 2018. Disponível em < <https://www.acervosaude.com.br/doc/REAS391.pdf> > Acesso em 02 de nov. 2018.
- LOIOLA NETO, I.R.; SOARES, G.L.; GONÇALVES, A.S. et al. O papel do enfermeiro de uma unidade de terapia intensiva na hemodiálise. **Revista UNINGÁ**, 31(1): 40-44, 2017.
- LUFT, J. et al. Lesão Renal Aguda em Unidade de Tratamento Intensivo: Características Clínicas e Desfechos. **Cogitare Enfermagem.** Florianópolis (SC), 2016.
- MENDES, M.L.; BARRETTI, P.; SILVA, T.N.V.; PONCE, D. Abordagem da oclusão trombótica dos CVCp dos pacientes em HD. **J Bras Nefrol.** 37(2):221-227, 2015.
- MENDONÇA, M.F. Segurança do Paciente Hemodialisado: Revisão Integrativa. **Caderno Saúde e Desenvolvimento**, vol.9 n.5. 2016 60-75.
- NOLÊTO, I.S.C.; MODESTO, A.P.; MOTA, T.C. et al. Complicações graves evitáveis pela equipe de enfermagem ao paciente em hemodiálise **REAS, Revista Eletrônica Acervo Saúde**, 2017. Vol. 9 (3), 1153-1158. Disponível em < [https://www.acervosaude.com.br/doc/24\\_2017.pdf](https://www.acervosaude.com.br/doc/24_2017.pdf) > Acesso em 02 nov. 2018.

OLIVEIRA, C.E.L.; CUNHA, G.M.; MARQUES, D.R.S. Papel do enfermeiro no controle de infecção em inserção de cateter de hemodiálise: Revisão sistemática. **Anais 2016: 18ª Semana de Pesquisa da Universidade Tiradentes**. A prática interdisciplinar alimentando a Ciência. Aracaju (SE), 2016.

PECOITS, R.F.S.; RIBEIRO, S.C. Nefrologia. Modalidades de Terapia Renal Substitutiva: Hemodiálise e Diálise Peritoneal. **Una-Sus**. Maranhão, 2014. Disponível em <<https://ares.unasus.gov.br/acervo/handle/ARES/2800>>. Acesso em: 29 de out. 2018.

PEIXOTO, F.P.B.R. **Descrição do conhecimento do enfermeiro da UTI acerca da terapia renal substitutiva no paciente com lesão renal aguda**. Monografia de graduação em enfermagem. Faculdade de Ceilândia. Brasília, 2013.

REIS, M.R. **Terapias de substituição da função renal contínuas na lesão renal aguda em unidade de cuidados intensivos: manual de boas práticas de enfermagem**. Relatório de Mestrado de especialização em enfermagem médico cirúrgica. ESEL, 2014.

SANCHO, P.O.S.; TAVARES, R.P.; LAGO, C.C.L. Assistência de enfermagem frente às principais complicações do tratamento hemodialítico em pacientes renais crônicos. **Revista Enfermagem Contemporânea**, Salvador, v. 2, n. 2, p. 169-183, 2013.

SANTANA, S.S.; FONTENELLE, T.; MAGALHÃES, L.M. et al. Assistência de enfermagem prestada aos pacientes em tratamento hemodialítico nas unidades de nefrologia. **Revista Científica do ITPAC**, 6(3): 1-11. Araguaiana – TO, 2013.

SANTOS, B.T.; SOUZA, M.S.V.; SCOFANO, P.S.A.S.P. **As atribuições do enfermeiro nas principais complicações da hemodiálise**. Monografia. Curso de Enfermagem da Fundação Universitária Vida Cristã – FUNVIC, Pindamonhangaba, 2016; 25 p.

SANTOS, S.F.; VIANA, R.S.; ALCOFORADO, C.L.G.C. et al. Ações de enfermagem na prevenção de infecções relacionadas ao cateter venoso central: uma revisão integrativa. **Rev. SOBECC**, São Paulo. out./dez. 2014; 19(4): 219-225

SILVA, A.F.S., MAGALHÃES, D.M., ROCHA, P.R.S, et al. Intervenções de Enfermagem Para Complicações Apresentadas Durante a Hemodiálise em Pacientes Críticos. **Revista de Enfermagem do Centro-Oeste Mineiro**. 8:e2327. 2018.

SILVA, M.S.; MARINI, T.S.O.; SILVA, C.F.B. Enfermagem e suas Intervenções nas principais complicações ocorridas durante a sessão de hemodiálise. **Revista Enfermagem e saúde coletiva**. 1(2): 45-60. São Paulo, 2016.

Sociedade Brasileira de Nefrologia. Diretrizes da AMB. **SBN**: São Paulo, 2007. Disponível em <<https://sbn.org.br/utilidades/diretrizes-e-recomendacoes/>>. Acesso em 02 de nov. 2018.

SOUSA, M.B.; ROCHA, R.P.F. **Eventos adversos no tratamento de hemodiálise.** Trabalho de conclusão de curso de enfermagem da Faculdade de Ciências da Educação e Saúde FACES – UniCEUB. Brasília, 2017.

SOUSA, M.R.G.; SILVA, A.E.B.C.; BEZERRA, A.L.Q. et al. Prevalência de eventos adversos em uma unidade de hemodiálise. **Rev enferm UERJ**, Rio de Janeiro, 2016; 24(6):e18237.

SOUSA, M.R.G.; SILVA, A.E.B.C.; BEZERRA, A.L.Q.; FREITAS, J.S. MIASSO, A.L. Eventos adversos em hemodiálise: relatos de profissionais de enfermagem **Rev Esc Enferm USP**, 2013; 47(1):76-83

ZATZ, R.; Coeditores: SEGURO, A.C.; MALNIC, G. **Bases Fisiológicas da Nefrologia.** São Paulo: Editora Atheneu, 2011; 394p.

## HANS ULRICH GUMBRECHT ENCONTRA ALEXANDRE GUARNIERI: AS CASAS DE PRESENÇA

Daniel Zanella<sup>5</sup>

### RESUMO

Neste ensaio com aspecto de maçã de refeitório acadêmico, defenderei que os esportes, sobretudo a prática de ir a um estádio de futebol, se configuram em significante cerimônia religiosa coletiva contemporânea. Praticarei o que se convencionou chamar de *riskful thinking* (pensamento arriscado), ou seja, cometerei leviandades, tentarei desorganizar o mundo ao redor de novas perguntas e possivelmente não me atentarei à premissa geral do texto. Parto de ideografias do pensador alemão Hans Hulrich Gumbrecht (1948), desenvolvidas em *Produção de Presença* (2010) e principalmente em *Nosso Amplo Presente* (2015). Pretendo, paralelamente, especular como a elaboração literária do poeta brasileiro Alexandre Guarnieri (1974) vai ao encontro da experiência de presencialidade de Gumbrecht e como, no sentido de aproximar o corpo literal das coisas do volume poético, o autor consegue aplicar uma *mecânica* de presença. Para tal itinerário, trarei trechos e considerações sobre os dois melhores livros de Guarnieri: *A Casa das Máquinas* (2011) e *Corpo de Festim* (2014), dando prioridade a este último, que refina o estilo da primeira obra.

**Palavras-chave:** produção de presença; literatura; mecânica.

### ABSTRACT

His essay with Apple appearance of refectory academic, defend the sports, especially the practice of going to a football stadium, are in significant religious ceremony press conference. Will practise what you call order riskful thinking (thinking risky), i.e. make levity, I will try to disrupt the world around new questions and possibly not atentarei me to the general premise of the text. Ideografias birth of the German thinker Hans Gumbrecht Hulrich (1948), developed in the production of Presence (2010) and especially in Our Large Gift (2015). I intend to, in parallel, to speculate how the

---

<sup>5</sup> Jornalista e mestrando em Teoria Literária pela UNIANDRADE. contato@jornalrelevo.com

development of Brazilian poet Alexander literary Guarnieri (1974) meets the presencialidade experience of Gumbrecht and how to approach the literal body of things poetic volume, the author You can apply a mechanics of presence. For this itinerary, will bring excerpts and considerations for the two best books of Guarnieri: the engine room (2011) and Body blanks (2014), giving priority to the latter, which refines the first style.

**Keywords:** production of presence; literature; mechanics.

## INTRODUÇÃO

A tarde de 16 de setembro de 2016 foi de coração em palimpsesto — raspa de outros sofrimentos. Eram 15 horas quando cheguei ao estranho complexo da Arena da Baixada, em Curitiba, para trabalhar na cobertura de Atlético Paranaense x São Paulo, válido pela 26.<sup>a</sup> rodada do Campeonato Brasileiro. Ao chegar na cabine de imprensa para começar a contar o jogo para os leitores de um ex-impresso local, logo me ajeitei na larga mesa branca e comecei a observar o movimento do público, que, aos poucos, ia preenchendo os espaços vagos atrás dos gols e iniciando sua massa de ritos, com cânticos de apoio, vaias ao oponente e informes no megafone do estádio — como um assessor de Deus se dirigindo aos cativos.

São-paulino, sabia que, em 15 jogos anteriores, o Tricolor do Morumbi nunca havia vencido no novo estádio atleticano, um espaço que, vazio, lembra uma gigantesca exposição de ossos, e cheio se assemelha ao que imagino ser a experiência de povoamento dentro de um imenso buraco provocado por um meteoro. Mas eu estava lá enquanto *raciocínio*, de modo cartesiano, portanto, cabia-me a narrativa positivista do Jornalismo, a lucidez, a *tradução do real*. Torcer descaradamente, ali, seria traição de ofício, impertinência, assim como estar na arquibancada, em estágio de *torcedor real*, ao lado de um torcedor-racional, desses que decoram estatísticas, é equivalente a uma experiência de quase-morte. Em suma, performei ser jornalista por quatro horas e encontrei um amigo jornalista (atleticano) que soube, no intervalo do jogo, que sou são-paulino.

## AMPLO PRESENTE

Em *Nosso Amplo Presente – O tempo e a cultura contemporânea* (UNESP, 2015), Hans Hulrich Gumbrecht apresenta fabulários que envolvem as agruras da vida no século 21, sobretudo a nossa relação com as tecnologias e com o corpo — aliás, uma fixação de seu projeto intelectual. “Nas quatro décadas que já levo de pesquisa e escrita, a minha única ideia (que, espero, terá tido algum impacto) toma a forma de uma teimosa insistência em que as coisas-do-mundo, seja qual for o modo do nosso encontro com elas, possuem uma dimensão de presença. [...] Por ‘presença’ pretendi dizer — e ainda pretendo — que as coisas estão a uma distância de ou em proximidade aos nossos corpos; quer nos ‘toquem’ diretamente ou não, tem uma substância” (GUMBRECHT, 2015, p. 9).

De fato, o programa de Gumbrecht em *Amplo Presente* parte de *Produção de Presença*, publicado pela primeira vez na Alemanha, em 2004. No Brasil, saiu pela PUC-Rio, em 2010. Ao escrever, Gumbrecht gosta de conversar, de desestabilizar as convenções acadêmicas, o que gera dois efeitos: 1) Quando menos esperamos, estamos dentro de uma interessante linha de chegada a partir de um contexto difuso; 2) Às vezes, é apenas conversa mesmo. Neste panorama de início de briga, é preciso situar o alemão e o seu campo de peleja: esquecemos do corpo ao dar prioridade, no mundo das ideias, às coisas do espírito. E esta excessiva metafísica espiritual nos levou à *perda do mundo*, da experiência de sentir o mundo de modo palpável.

Alega o autor que as coisas ocupam espaço, são tangíveis aos nossos corpos e não são apreensíveis, exclusiva e necessariamente, por uma relação de sentido. Como exemplo de experiência física e sensitiva, podemos trazer as oito pedaladas de Robinho diante de seu marcador estupefato na final do Campeonato Brasileiro, em 15 de dezembro de 2002 — uma ocorrência singular que Gumbrecht define como de um esportista *perdido na intensidade focalizada*.

Em primeiro lugar, a expressão *perder-se* indica um isolamento peculiar e uma distância dos eventos atléticos em relação ao mundo do dia a dia e suas buscas [...]. Em segundo lugar, aquilo que os atletas e os espectadores ‘focalizam’ — como alguma coisa que já está presente, ou algo por vir — pertence ao reino das epifanias, ou seja, aos eventos da aparência, mais precisamente aos eventos da aparência que mostram corpos em movimento como formas temporalizadas. Por fim, tanto a experiência quanto a expectativa de epifania vêm acompanhadas de — e ainda realçam — halos de intensidade, isto é, de estados

de um grau quantitativamente mais elevado de consciência de nossas emoções e de nosso corpo (GUMBRECHT, 2015, p. 79).

Ou seja, *perder-se na intensidade focalizada* é uma operação de reencantamento — não se trata apenas de vencer, mas da proporção de felicidade e da beleza interna do processo de vencer, de *acreditar*. Mesmo que vivamos em uma lógica resultadista, ainda mais se considerarmos que os melhores jogadores do futebol nacional jogam regularmente em ligas estrangeiras, ainda estamos na busca do arrebatamento.

Aliás, é perceptível em equipes com larga invencibilidade um certo estágio de *flow*, de elevação, de segurança rítmica instintiva. Por outro lado, é muito comum que times em má fase apelem para rituais de exorcismo, como jogar sal em campo, para afastar a *zica*. Também são inúmeros os acontecimentos de atletas que produziram muito em uma temporada e nunca mais repetiram seus estágios de *flow*. “A presença e a crescente importância dos esportes nos dias de hoje ocupam o lugar de alguma coisa — e deveriam mesmo estar no lugar de alguma coisa — que perdemos” (GUMBRECHT, 2015, p. 79-80).

Gumbrecht realiza este percurso de perda trazendo o ideário dos atletas gregos da Antiguidade, considerados semideuses — as vitórias eram reconhecidas como eventos da presença divina. Naturalmente, hoje partimos da cientificidade, da preparação física, do estabelecimento de metas de desempenho, dos estudos tecnológicos para aprimorar a prática esportiva. Infelizmente, o alemão não avança muito em especificidades ou no que seria uma bela jogada (ou mesmo o conceito de beleza dentro de um universo de repetições) e dá pouco espaço para os ritos internos das práticas esportivas — os elementos emocionais, os enredos heroicos de superação, o dízimo público que atletas pagam pela exposição ou pela falta de performance.

Podemos deduzir, sob o risco da imprudência, que *Produção de Presença* é o livro que fará Gumbrecht ser lido para depois do depois. É um livro de embates, de questionamento de discursos e de formatos acadêmicos — o que, em si, já vale o livro. “A palavra ‘presença’ não se refere (pelo menos, não principalmente) a uma relação temporal. Antes, refere-se a uma relação espacial com o mundo e seus objetos. Uma coisa ‘presente’ deve ser tangível por mãos humanas — o que implica, inversamente, que pode ter impacto imediato em corpos humanos” (GUMBRECHT, 2010, p. 13.).

Nesta obra, temos a avaliação da matéria dos fenômenos, via percepção da matéria, do modo como as coisas afetam nossos sentidos. A presença como “a relação espacial com o mundo e os seus objetos”. A obra também traça os primeiros indícios

sobre o esporte como presença. “Em um nível mais abrangente, talvez eu devesse acrescentar que o desejo de presença e de ‘coisidade’, que pretendo enaltecer, não é sinônimo de um desejo de “possuir” ou sequer de ‘agarrar’ essas coisas. Quero insistir, ao contrário, naquilo que pode ser recuperado por meio de uma simples reconexão com as coisas do mundo — e ser sensível aos modos como o meu corpo se relaciona com uma paisagem (quando faço caminhadas, por exemplo) ou à presença de outros corpos (quando estou dançando) com certeza não equivale ao desejo de possuir propriedades ou a devaneios de dominação sexual” (GUMBRECHT, 2010, p. 177). Substância, materialidade e confronto.

### **CORPO DE FESTIM**

Em *Corpo de Festim* (Editora Penalux, 2016), Alexandre Guarnieri assume um daqueles riscos poéticos que apenas poetas (ou pensadores) muito cômicos de suas virtudes estéticas deveriam realizar: escrever sobre uma coisa só. Aqui, a obsessão, o monotema, é o corpo, a materialidade do corpo, a sonoridade que surge do osso, a forma como a nossa máquina física orbita ao redor de nossos sentidos.

*sangue / suor / e celulose (ii)*

o sal que cada talho  
 encontra, arde, demora a curar  
 a chaga criada por cada frase exata /  
 todo golpe, pancada, cada agressão  
 que se aplique, fulgor, alarido de sílabas,  
 busca sobrepujar no parágrafo o que tinha  
 ou apenas preencha a claridade da página,  
 que seu terreno, até então anêmico,  
 esteja repleto / são números e letras  
 de chumbo o suor de sua pele impressa.

(GUARNIERI, 2016, p. 19)

Como se o corpo fosse uma engrenagem para o constructo literário, ou um médico calejado diante do parto de uma mãe de primeiro filho, Guarnieri expõe as nossas vísceras sem aparente encantamento pelo processo. O autor aproxima nossos órgãos de um projeto poético de solidão, de ser-em-si, com uma tessitura quase bizarra. De seu arcabouço de

vísceras, recebemos a tradução do vazio silencioso das engrenagens do corpo em funcionamento.

de pele é revestido o corpo, tecido  
vivo \ no livro, chama-se capa  
( o couro sob o título ) \ abri-lo:  
gráfico grito \ mas como ouvi-lo  
se é branco o ruído da celulose,  
– tão silenciosa? todo livro fechado  
se cala \\ cada nova leitura o amplia.  
(GUARNIERI, 2016, p. 22)

Maurice Blanchot, em *O Espaço Literário*, relembra que escrever é entrar na afirmação da solidão onde o fascínio ameaça. É correr o risco da ausência de tempo, onde reina o eterno recomeço (BLANCHOT, 1987, p. 24) [E o que é torcer para um clube, sobretudo de menor expressão, senão a experiência semanal de revisitar dores cativas? Se todo colecionador é um sujeito que se repete em busca da ordenação final do mundo, o torcedor de time pequeno coleciona o amor à frustração].

A engenharia particular de Guarnieri não se encontra apenas em conseguir transformar entranhas em literatura — porque, se o exercício ficasse rasteiro, ainda assim seria literatura. O mérito todo está em utilizar a forma (o excesso de símbolos gráficos ao redor, como um ciclo de células ou de proteção de imunidade) para dizer que o ritmo vem de dentro — assim como a materialidade de um jornal impresso é apenas uma etapa do que é um jornal impresso. Mesmo impresso, o jornal existe antes como ideia, como procedimento. A materialidade é apenas uma *característica*.

(/no filtro: (o baço), (os rins), (o fígado)/)

1.  
o filtro imbrica baço, rins ( integrados )  
no fígado definitivo ( todos, na íntegra, definidos ) /  
discrimina impurezas ao limbo, metaboliza líquido  
e película, nega, entrega e delega a certas partículas  
e células os abismos da urina que instiga e destila  
/ mesmo ágeis ( destarte, o que decantam é descarte ),  
os rins retroagem, ainda que, nesse ínterim ( período  
restritivo ), limpem / este filtro ( intrínseco ), retraído  
e tímido, (no fígado) quanto menos decidido  
( seria o vírus? icterícia? ), quando vítima

da hepatite: (grita) adoce sua usina,  
absorve o ódio, a raiva, toda a intriga;  
(GUARNIERI, 2016, p. 36)

Partindo de que “no corpo / há tão pouco espaço / entre um osso e outro”, temos a impressão, a materialidade da superfície, de que estamos num exame racionalista, assim como o comentarista de esquema tático acredita que apreende o todo a partir de seus mapas de calor.

É nítido que interessa a Guarnieri observar os procedimentos por dentro do conceito. Vemos o plano dessa mecânica do corpo, o que cada aspecto interno apresenta de humano, de *religare*, de místico, de “centelha presa ao medo da morte”. No uso bruto do cientificismo, o autor apresenta a sua própria fenomenologia íntima.

## TERRITÓRIO DE GOL

Atlético Paranaense 1 x 0 São Paulo foi um jogo sofrível, angustiante naquilo que a angústia carrega de constrangimento. Descartando a hipótese de que o único gol da partida pode ter sido uma intervenção violenta da bola, forçando, a contragosto, o atacante Pablo a empurrá-la para dentro do território de gol, o que se apresentou foi um estudo (ou rascunho) de ocupação de espaços, de vencimentos pela imposição da casa.

A Arena da Baixada, por sua proximidade entre torcida e campo e por seu tapete sintético, ainda mais quando se fecha por cima em dias de chuva — e foi um dia de chuva — cria uma sensação negativa de exotismo. E, para um jogador de futebol, exotismo é a falta de um treinador-pai colocando um cobertor quentinho antes de ele dormir. A Arena rouba dos adversários o estatuto de lugar sagrado. De coração cansado, escutei e transcrevi a entrevista coletiva do técnico paulista, posterior ao jogo, lamentando a falta de posse de bola. As dimensões psicológicas sempre ficam no vestiário.

Gumbrecht recorda que, mesmo em jogos ruins, estamos na expectativa da fruição, da elevação, do sublime. “E pode não ser por acaso que os estádios construídos para eventos de esportes de equipe sejam utilizados hoje para eventos religiosos de grandes multidões” (GUMBRECHT, 2015, p. 85). Importante ainda considerar que, arquitetonicamente, estádios não são funcionais. Um estádio, por excelência, rouba quarteirões, impede a construção vertical e permanece a maior parte do tempo desabitado,

quase como uma catedral submersa. Novamente, estamos diante do vazio prévio para a ocupação plena em dias de jogo: experiência religiosa.

Importante, no processo de transcendência pelo esporte, não esquecermos a dimensão de sacrifício do corpo atlético, “( para aplacar a vontade ( inútil? ) de habitar um corpo /( desde o útero ) todo esforço é doloroso / experimentá-lo / aos poucos ( lançá-lo ao mar e ao mundo / primeiro / na praia / no raso ) como qualquer operário aprenderia / um novo trabalho / em treinos práticos” (GUARNIERI, 2016, p. 9).

O suplício cotidiano pelo qual passa qualquer atleta profissional, isso de submeter o corpo a um ritual de desempenho para momentos futuros de elevação, seja o zagueiro ao desconsagrar um gol em cima da linha ou um volante ao desarmar um articulista e preparar o contra-ataque, desestabiliza a noção de inspiração. “Se fosse necessário insistir sobre o que um tal momento parece anunciar de inspiração, teria que se dizer: ele vincula a inspiração ao desejo” (BLANCHOT, 1987, p. 175).

E o que é o desejo esportivo? A vitória? A performance? O redesenho do limite? Em suas memórias sobre a sua relação com o tempo, capítulo presente em *Depois de 45 – latência como origem do presente* (UNESP, 2014), Gumbrecht relembra que cresceu na certeza de que algum dia alguma coisa crucial se tornaria clara: “viver na certeza de uma presença que não tem identidade é viver num estado de latência” (p. 263), num estado de elaboração. Este estágio pode ser transposto no futebol como o treinamento, como o pão nosso de cada dia; o futebol é a eucaristia. E todos sabemos que, mesmo com todas as possibilidades de acompanhar uma partida de futebol, ir ao estádio corresponde ao prazer máximo da presença.

Uma bela jogada de futebol americano ou de beisebol, de futebol ou de hóquei, aquele elemento sobre o qual todos os torcedores mais experimentados estão de acordo, independentemente da vitória ou da derrota da sua equipe, é a epifania de uma forma complexa e incorporada. Assim como uma epifania, uma bela jogada é sempre um evento: jamais podemos prever se surgirá, ou quando; se surgir, não saberemos como será (mesmo se, retrospectivamente, formos capazes de descobrir semelhanças com outras belas jogadas que tivermos visto antes); desfaz-se, literalmente, à medida que surge. Não há fotografia que consiga captar uma bela jogada (GUMBRECHT, 2010, p. 143).

Um pouco antes, em *Casa das máquinas* (Editora da Palavra, 2011), Alexandre Guarnieri já entregava um itinerário similar, uma infantaria mecânica cujo eixo principal era a anatomia das máquinas — ele configura, a certa altura, a expressão “perímetro de

papel” para significar o conceito pessoal de página em branco (“página ainda crua”). E segue a investigação conceitual.

*bitolas*

largura reguladora passível de ajuste,  
 algo de acoplagem na tão buscada  
 compatibilidade dos calibres, que,  
 por ocasião de um encontro entre os  
 tubos de um oleoduto, à eficácia da  
 blindagem análoga à do crustáceo,  
 protege a pérola que se pretende  
 ileso e inacessível quando a geléia  
 negra passa abraçada por suas chapas  
 de carapaça (petróleo no miolo, pastoso),  
 nas argolas cuja bitola, por  
 pressão, progressivamente engorda,  
 requerendo o cálculo renovado para a  
 última das medidas, distendida, para  
 decidir o tamanho adequado a cada  
 segmento atracado a toda compostura  
 aparente de uma única linha de  
 escoamento. entretanto, qualquer  
 encontro entre diâmetros estranhos  
 entre si reclama as bitolas equânimes,  
 sem as quais, nunca se ajustariam  
 (daí o milagre da hidráulica) as mais  
 variadas alturas, de inúmeras embocaduras,  
 ora tão absolutas na coligação.  
 (GUARNIERI, 2011, p. 50)

Se pensarmos pela lógica de Blanchot, no capítulo *A armadilha da noite*, de que “A primeira noite é ainda uma construção do dia. É o dia que faz a noite, que se edifica na noite: a noite só fala do dia, é o seu pressentimento, é a sua reserva e profundidade” (BLANCHOT, 1987, p. 167), a pulsão primeira que move Guarnieri é o corpo das coisas. Assim, em sua escrita perpassa a vida, os ossos, a *natureza* das máquinas, os espaços-dispositivos: “cinco cilindros, / inchados sob o perigo dum / líquido desconhecido: água / trancada, óleo, um visgo, / o cloro fluido, inóspito, ou / qualquer produto químico; / mínimos” (GUARNIERI, 2011, p. 20)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Hans Hulrich Gumbrecht e Alexandre Guarnieri são correlatos na materialidade. Interessa para ambos as implicações que as coisas têm, e cada qual opera com a sua disciplina — Gumbrecht como pesquisador/explorador/prosador, Guarnieri como articulador em busca de sínteses.

“A gratidão por grandes momentos atléticos se transforma em gratidão por aquelas coisas que aprovamos, de que gostamos e que apreciamos em nosso cotidiano” (GUMBRECHT, 2014, p. 91). O autor insiste que devemos lutar contra a tendência da cultura contemporânea de abandonar, e até esquecer, a possibilidade de uma relação com o mundo fundada na presença. Acredito também ser o caso de pensarmos a falta de leveza para reconhecer nossos limites conceituais e como determinados temas, incluindo o futebol, são escanteados (perdão) por aquilo que carregam de *popularesco*, de chão.

É perceptível também como a linguagem literária abrange melhor com o presente — a literatura como arte da linguagem e catalisadora de sentidos. Em Guarnieri, ela gera novas tensões, para um mundo problemático em suas relações de presença e repleto de ruídos entre o corpo, a vida e a tecnologia.

---

## REFERÊNCIAS

- BLANCHOT, Maurice. **O espaço literário**. Rocco, Rio de Janeiro, 1987.
- GUARNIERI, Alexandre. **Casa das Máquinas**. Editora da Palavra, Rio de Janeiro, 2011.
- \_\_\_\_\_. **Corpo de festim**. Penalux, Guaratinguetá, 2015.
- GUMBRECHT, Hans Hulrich. **Depois de 1985: latência como origem do presente**. Editora Unesp, São Paulo, 2014.
- \_\_\_\_\_. **Nosso amplo presente: o tempo e a cultura contemporânea**. Editora Unesp, São Paulo, 2015.
- \_\_\_\_\_. **Produção de presença: o que o sentido não consegue transmitir**. Editora PUC-RIO, Rio de Janeiro, 2010.

**REDES SOCIAIS *ONLINE* E A ARQUITETÔNICA BAKHTINIANA:  
AVALIAÇÕES AXIOLÓGICAS SOBRE (I)MIGRAÇÃO E REFÚGIO EM  
TEXTOS/ENUNCIADOS NO *FACEBOOK***

Izabel da Silva<sup>6</sup>  
(UNICAMP/IFPR)

**RESUMO**

A difusão das redes sociais na Internet acompanha uma mudança nas interações humanas e em seus princípios éticos e estéticos. Neste sentido, o presente artigo tem como objetivo analisar textos/enunciados que circulam na rede social *online Facebook*, referente à temática da situação de refúgio e imigração, bem como os discursos de xenofobia que dela decorrem. Para tanto, partimos, principalmente, da Arquitetônica bakhtiniana (Rojo e Melo, 2014), entre outras concepções teóricas do Círculo de Bakhtin, para realizar a análise dos enunciados que circularam na rede social citada. Para este recorte, escolhemos analisar três textos/enunciados verbais e não verbais: (i) *post(agem) com vídeo*, (ii) *post com transmissão ao vivo e comentários* e (iii) *postagem de um meme*, ambos perpassados pela temática que envolve questões de (i)migração e refúgio. A análise dos textos/enunciados nos possibilitou identificar uma relação entre os novos elementos composicionais e multissemióticos, que compõem a arquitetura da rede social *online*, com as valorações axiológicas difundidas pelos usuários no *Facebook*, construindo, assim, uma rede de sentidos.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Facebook*; Arquitetônica; Imigração/Refúgio.

---

<sup>6</sup> Doutoranda no Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Linguística Aplicada (PPG-LA) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Mestre em Sociedade, Cultura e Fronteira, linha de pesquisa Linguagem, Cultura e Identidade, pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Professora da Educação Básica, Técnica e Tecnológica do Instituto Federal do Paraná, Campus Colombo, Paraná. izabeldasilva13@gmail.com

## ABSTRACT

The diffusion of social networks on the Internet accompanies a change in human interactions and in their ethical and aesthetic principles. In this sense, the present article aims to analyze texts/statements that circulate in the online social network Facebook, referring to the thematic of the situation of refuge and immigration, as well as the discourses of xenophobia that flow from it. For this, we start, mainly, from the Bakhtinian Architectonic (ROJO and MELO, 2014), among other theoretical conceptions of the Circle of Bakhtin, to carry out the analysis of the statements that circulated in the cited social network. For this clipping, we chose to analyze three verbal and nonverbal texts/statements: (i) post with video, (ii) post with live transmission and comments and (iii) posting a *meme*, both perpassed by the theme that involves issues of (i) migration and refuge. The analysis of the texts/statements allowed us to identify a relation between the new compositional and multisemiotic elements, which make up the architectural of the online social network, with the axiological values disseminated by users on Facebook, thus building a network of meanings.

**KEYWORDS:** Facebook; Architectonic; Immigration/Refuge.

## INTRODUÇÃO

Com o advento das novas tecnologias de informação e das mídias digitais, as redes sociais *online* (doravante RSO), como o *Facebook*, passaram a ter uma centralidade em nosso cotidiano. E por isso, temos acompanhado nos últimos anos, diferentes pesquisas e metodologias que visam estudar o impacto das mídias nas interações sociais e na cultura, bem como as mudanças nos processos de socialização.

Lemke (2010) destaca o papel dos letramentos multimidiáticos nesse processo, possibilitado pelas novas tecnologias, tanto seus efeitos (sociais, culturais, históricos) quanto para a sua autoria. Segundo o autor, nos dias atuais “qualquer um edita um áudio ou um vídeo em casa, produz animações de boa qualidade, constrói objetos e ambientes tridimensionais, combina-os com textos e imagens paradas, adiciona música e voz (...)” (2010, p. 472).

De acordo com Cogo (2012), as pesquisas do ciberespaço têm assumido relevância também para estudos acerca das migrações contemporâneas, principalmente para os processos de interação e organização dos migrantes. O uso de redes sociais *online* tem um papel fundamental para refugiados e (i)migrantes, seja na decisão de migrar, na instalação no país de migração, recriação de vínculos com os lugares de nascimento, assim como, nos processos de mobilização por direitos e cidadania (COGO, 2012, p. 45). No entanto, é também por meio das RSO em que discursos emergem, se difundem e são legitimados (RECUERO, 2016), a exemplo da problemática disseminação de discursos de ódio e de xenofobia, no Brasil.

Neste sentido, concordamos com Jacquemet (2005) sobre a importância de abordar nos estudos contemporâneos os efeitos da tecnologia e globalização que recaem sobre a linguagem e às práticas comunicativas, que tendem a modificar as formações sociais que “resultam da crescente mobilidade de pessoas, línguas e textos, sem esquecer de abordar as relações de poder assimétricas e penetrações engendradas nesses fluxos” (JACQUEMET, 2005, p. 261).

Por isso, o objetivo do artigo é analisar o uso da linguagem em textos/enunciados que circulam na rede social *online Facebook*, referente à temática da situação de refúgio e imigração. Na primeira seção, discorremos especialmente acerca do conceito de Arquitetônica bakhtiniana (ROJO E MELO, 2014), entre outras concepções teóricas do Círculo de Bakhtin. Na sequência, apresentamos algumas definições de redes sociais, com enfoque no ciberespaço (RECUERO, 2011, 2016; BUZATO, 2016). Para a seção de análise de dados, escolhemos três textos/enunciados verbais e não verbais: (i) *post(agem) com vídeo*, (ii) *post com transmissão ao vivo e comentários* e (iii) *postagem de um meme*, ambos perpassados pela temática que envolve questões de (i)migração e refúgio. As capturas de tela dos textos foram geradas entre os meses de maio e novembro de 2017, por meio de uma busca no perfil de diferentes participantes, comunidades, grupos e páginas da rede social *online Facebook*. Esperamos, com esse artigo, contribuir com o cenário de pesquisas na área da linguagem que visem ampliar as possibilidades de compreensão e reflexão acerca dos enunciados, dos discursos e das multissemioses presentes nas redes sociais *online*.

## O CONCEITO DE ARQUITETÔNICA BAKHTINIANA

O adjetivo “arquitetônico” remete no dicionário às definições da palavra “arquitetura”: “1. Arte de projetar e construir edifícios e monumentos. 2. Conjunto das construções de uma época, de um lugar etc. 3. Estrutura de uma construção (...)” (ABL, 2008). Os significados por trás dessa definição (arte, construção, estrutura, tempo e espaço) contribuem para a compreensão do conceito de *forma arquitetônica* na filosofia da linguagem do Círculo de Bakhtin.

Contrário ao reducionismo dos formalistas à estética do material, Bakhtin ([1979]2003) amplia o modo de conceber o processo de criação estético para além das questões de linguagem, ao considerar outros elementos no ato criativo, desprezados pelos formalistas, como o conteúdo ou a relação com o mundo. Na introdução de *Estética da Criação Verbal*, Bezerra explicita que para Bakhtin: “a verdadeira noção central da pesquisa estética não deve ser o material, mas a arquitetônica, ou a construção, ou a estrutura da obra, entendida como um ponto de encontro e de interação entre material, forma e conteúdo” (Bakhtin ([1979]2003, p. 5).

Com base em textos do Círculo de Bakhtin, Rojo e Melo (2014) assinalam que a concepção de arquitetônica remete a uma “unidade construtiva da obra”, isto é, um ponto de articulação entre a totalidade interna da materialidade do objeto (obra de arte, literatura) e sua relação com a realidade externa axiológica. No entanto, lembra as autoras, não se pode confundir a forma arquitetônica com a forma composicional, pois a primeira determina a escolha da segunda, sendo esta constituinte da primeira.



Arquitetônica de Bakhtin e seu Círculo

**Fonte:** ROJO e MELO, 2014, p. 11.

Como se observa no esquema elaborado por Rojo e Melo (2014), a forma “arquitetônica”, centralizada, constitui-se em uma totalidade interna, perpassada por elementos como: “material, forma, linguagens e suas modalidades e semioses, os plurilinguismos (...), as intertextualidades e subentendidos” (Idem, 2014, p. 16). E, por sua vez, compõe as relações externas da arquitetura: as avaliações axiológicas, ou seja, os valores éticos, estéticos, morais que constroem um objeto historicamente situado; o cronotopo ou posicionamentos espaço-temporais dos sujeitos que participam da interação verbal — autor-criador e contemplador; além do contexto maior e imediato de produção/efeito de sentidos e recepção de textos/enunciados.

Nas palavras de Bakhtin ([1979]2003, p. 153), “a arquitetura do mundo da visão artística não organiza só o espaço e o tempo, organiza também o sentido; a forma não é só forma do *espaço* e do *tempo*, é também forma do *sentido*”. Isso mostra, que para o filósofo russo, os componentes espaço-tempo-sentido que constituem a totalidade não existem de forma isolada. Desse modo, são significantes tanto o espaço e o tempo do homem e da sua vida, quanto o sentido atribuído ao objeto estético.

Consoante a Rojo e Melo (2014), ressaltamos a importância das concepções de signos, enunciado/enunciado concreto/enunciação, interação verbal, sujeitos sociais, estabelecidas pelo Círculo de Bakhtin; contribuindo para fundamentar a análise de um objeto “como construção arquitetônica, considerando-o na sua totalidade interna, orientado pelas avaliações axiológicas e situado histórico, social e ideologicamente” (Idem, p. 12).

Por isso, além da importância de buscar entender o universo dos sentidos, o conceito da forma arquitetônica e as importantes concepções bakhtinianas, elaboradas no século XX, ainda hoje, tem possibilitado compreender com mais propriedade os usos da(s) língua(gens) na sociedade e, inclusive, abrindo espaço para estudar o campo midiático e digital, a exemplo das redes sociais na Internet.

### **REDES SOCIAIS ONLINE: A ARQUITETÔNICA DO FACEBOOK**

Partindo de uma perspectiva transdisciplinar, própria das pesquisas em Linguística Aplicada, Buzato (2016) apresenta três concepções de *rede* importantes para o estudo das RSO: uma técnica, uma epistemológica e outra ontológica. A primeira

definição de rede é de cunho econômico e geográfico, refere-se a uma entidade material inserida no espaço e produtora território. A segunda é vista como uma topologia de laços entre pessoas, onde as redes sociais “são ferramentas de modelagem para o funcionamento (...) global de um conjunto social a partir de interações locais” (BUZATO, 2016, p. 38). E o terceiro conceito, como natureza do ser, a rede em si é um tecido ontológico constituído de vínculos que “geram” os atores em diferentes escalas, onde não há separação entre ator e contexto ou entre sujeito e objeto.

Recuero (2011) define uma rede social como um conjunto de dois elementos: *atores* (pessoas, instituições ou grupos; os nós da rede) e *suas conexões* (interações ou laços sociais). Os *atores* são as pessoas envolvidas na rede social que atuam de forma a moldar as estruturas sociais, através da interação e da constituição de laços sociais. No entanto, o que fica visível dos atores são suas representações na rede; no caso do *Facebook*, os perfis de usuário, que Recuero entende como “construções identitárias do ciberespaço” (RECUERO, 2011, p. 24-25).

As RSO se configuram como uma nova forma de espaço público, onde se mesclam características do suporte das trocas comunicativas com interações próprias dos grupos sociais. Recuero (2016) cita algumas dessas características como: escalabilidade, persistência, reprodutibilidade e buscabilidade. Conforme pontua a autora, essas características permitem que as mensagens sejam rapidamente difundidas, tenham ampla visibilidade, sejam facilmente reproduzidas e, conseqüentemente, que possam ser encontradas e recuperadas por sistemas de buscas.

É a partir dessa caracterização que compreendemos o *Facebook* como uma RSO ou um *site* de rede social, ao qual que permite a interação humana no espaço virtual. Para ser usuário dessa rede é necessário cadastrar-se por meio de *login* e *senha*. Conforme Rojo e Melo (2014), o *Facebook* pode ser analisado como uma *forma arquitetônica* que, ao mesmo tempo dá corpo à rede social, integrando diversas ferramentas, e possibilita a circulação de textos/enunciados com características de gênero discursivo, a exemplo da “postagem”. Nessa plataforma, por meio de sua *timeline*, o usuário pode compartilhar informações, *links*, vídeos e fotos e trocar mensagens restritas com outros usuários. Lembrem as autoras que, o caráter multissemiótico da rede tem possibilitado o conhecimento de novos letramentos como: ser capaz de “curtir”, “compartilhar”, “comentar”, produzir postagens, fazer vídeos, entre outros, que passamos a analisar na sequência.

## ANÁLISE DE DADOS

Partimos, principalmente, das concepções de forma arquitetônica (entre outras do Círculo de Bakhtin) para realizar a análise de textos/enunciados que circularam na rede social *Facebook*. Pois compreendemos que esses conceitos ampliam as possibilidades de reflexão acerca dos novos letramentos e das multissemioses presentes no espaço digital.

Para este recorte, escolhemos analisar três textos/enunciados verbais e não verbais: (i) *post(agem) com vídeo*, (ii) *post com transmissão ao vivo e comentários* e (iii) *postagem de um meme*, ambos perpassados pela temática que envolve questões de (i)migração. As capturas de tela dos textos/enunciados foram geradas entre os meses de maio e novembro de 2017, a partir de uma busca no perfil de diferentes participantes, comunidades, grupos e páginas da rede social *Facebook*.

Com base em Rojo e Melo (2014), vamos olhar tanto para os elementos internos que constituem a forma arquitetônica (material, forma, linguagens e suas modalidades e semioses, os plurilinguismos, as intertextualidades e subentendidos), quanto para os elementos externos (quem produziu, onde circula, a quem se destina, quem são os sujeitos sociais daquela dada interação, quais as circunstâncias imediatas e contextuais (momento histórico/cultural) que suportam esse texto/enunciado, as interdiscursividades, que circunstâncias evidenciam o caráter irreiterável e irrepetível do texto/enunciado, que determinam as significações e os sentidos construídos que regem, por sua vez, a responsividade dos enunciadores).



Figura 1- Refugiado sírio atacado em Copacabana



Figura 2 - Transmissão ao vivo do “Esfihaço”

A Figura 1 e a Figura 2 podem ser caracterizadas como “post” ou “postagem”, parte integrante da forma arquitetônica *Facebook*, e apresentam elementos formais constitutivos próprios dessa rede social, como as opções multissemióticas “curtir”, “compartilhar”, “comentar” e “seguir”, por tratar-se de uma publicação em uma *página*, além de símbolos como os “*emoticons*”. Os textos/enunciados da Figura 1 foram postados em uma página voltada aos brasileiros residentes na Bélgica (nomeada *Foto Book Belgium*) e, até a data da captura de tela, teve 10 mil visualizações, 102 comentários, 70 compartilhamentos e 111 reações entre curtidas e o uso *emoticons*. A postagem da Figura 2 teve um alcance maior e circulou por meio de uma “transmissão ao vivo” na página do jornal *O Globo* no *Facebook*, contabilizando 194 mil visualizações, 826 comentários, 429 compartilhamentos e 6,3 mil reações através de curtidas (cerca de 4.300) e o uso de *emoticons*. Essa grande diferença pode estar relacionada à representação e publicidade da página, considerando que ela é suporte de uma conhecida rede de notícias brasileira.

Mas por que discorrer sobre esses elementos formais (multissemioses)? Qual sua relação/importância com os elementos externos da arquitetura e com a avaliação axiológica?

Podemos começar a responder a partir da afirmação de Lemke (2010) de que “a língua isolada não constrói significado” (Idem, p. 456). Segundo o autor, vivemos em um tempo em que as tecnologias estão nos movendo da era da escrita para a era da autoria multimidiática, onde as “(...) notações verbais e textos escritos propriamente ditos são meros componentes de objetos mais amplos de construção de significados” (Idem, p. 456).

De igual maneira, podemos pensar a partir do caráter ideológico do *signo*, como teoriza Bakhtin (2006[1929]). Nas palavras do filósofo, “tudo que é ideológico possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo. Em outros termos, tudo que é ideológico é um *signo*. Sem signos não existe ideologia” (Idem, p. 29). Assim, todo corpo físico pode ser percebido como símbolo e toda imagem artístico-simbólica ocasionada por um objeto físico particular já é um produto ideológico. No entanto, quando o objeto físico se transforma em um signo ideológico ele não deixa de fazer parte da realidade material, mas passa a refletir e a refratar uma outra realidade. Neste sentido, quando um usuário curte, compartilha ou reage (com *emoticons*) a uma postagem no *Facebook*, como as apresentadas nas Figuras 1 e 2, ele não está só mostrando que sabe usar tais elementos formais, mais do que isso, ele está evidenciando seus posicionamentos e ideologias, ao registrar sua apreciação acerca do conteúdo.

Da mesma forma em que os sistemas semióticos servem para exprimir a ideologia, a palavra é o signo ideológico por excelência, diz Bakhtin (2006[1929]). É a palavra que registra as menores variações das relações sociais. Segundo o autor, a análise da palavra, ou seja, da enunciação deve ser compreendida “como uma réplica do diálogo social” (p. 17), que se dá na relação do discurso interior com o exterior.

Como a enunciação é ideológica, ela deve ser explicada dentro de um contexto social. Participam desse processo pelo menos um *locutor* e um possível *interlocutor*, onde o primeiro pensa e se expressa para um *auditório social* bem definido (BAKHTIN, 2006[1929]). No contexto da Figura 1, observamos a *postagem* de uma notícia intitulada *Refugiado sírio é atacado em Copacabana: “Saia do meu país!”*, articulada ao vídeo que originou a notícia. O texto/enunciado da notícia postada descreve o episódio que envolveu o ataque de alguns comerciantes brasileiros a um refugiado sírio, que vendia “esfirras” em uma barraca no Rio de Janeiro. O vídeo, provavelmente gravado pela câmera do celular de um anônimo, registra o acontecimento. Nele, um homem de nacionalidade brasileira, com dois pedaços de madeira nas mãos, ataca a barraca do comerciante sírio, onde verbaliza repetidamente: “Essa terra aqui é nossa!”, “Não vai tomar nosso lugar não!”, “Saia do meu país!”, e canta “Eu sou brasileiro, com muito orgulho, com muito amor!”. E o comerciante sírio questionando o ataque diz: “Por quê?”, “Eu *tem* licença!” (enquanto outro comerciante brasileiro profere: “Licença comprada!”).

O texto/enunciado da notícia postada (Figura 1) não traz uma autoria explícita, nem mesmo a informação que identifica a origem do compartilhamento. Apesar de a notícia não estar assinada por nenhum autor em particular nas duas páginas do *Facebook* (*Foto Book Belgium e O Globo*), rastreamos sua autoria pela sequência textual, sendo esta, originalmente, produzida e publicada por Gabriela Viana, no site oficial do jornal *O Globo* em 03/08/2017.

No entanto, essa necessidade de identificar o autor reflete uma preocupação fortemente ligada à mentalidade que envolve o paradigma do texto impresso, como argumentam Knobel & Lankshear (2007, p. 13): “*the dominance of the book as the text paradigm, social relations of control associated with “bookspace,” and a discernible textual “order” are integral to the first mindset*”. Os autores postulam que, diferente dessa mentalidade convencional, as interações na *Web 2.0* possibilitaram um “novo *ethos*”, onde os novos letramentos são mais “participativos”, “colaborativos” e “distribuídos”. Isto significa que eles são menos “publicados”, “individualizados” e menos “centrados no autor”.

Assim, a autoria do texto/enunciado da Figura 1 é atribuída ao usuário que realizou a postagem na página, tornando-se seu autor-reprodutor que, antes posição de contemplador, se apropria do conteúdo da notícia e a avalia como de interesse de seus interlocutores, os seguidores da página. Desse modo, observando o contexto axiológico e ideológico, é possível perceber que o autor-reprodutor da postagem está direcionando suas apreciações de valor — como aquele repudia a agressão a refugiados ou se reconhece na condição de refugiado — à sua audiência social, os seguidores da página *Foto Book Belgium*.

Na Figura 2, é possível observar outros elementos constitutivos na arquitetura do Facebook, como as formas composicionais da “transmissão ao vivo” e as reações dos usuários nos “comentários” do *post*, desvelando suas avaliações axiológicas. A função “*live streaming*” ou “transmissão ao vivo”<sup>7</sup> do *Facebook* fomenta ainda mais os recursos multissemióticos dessa rede social, possibilitando capturar em tempo real eventos e interações sociais.

A transmissão ao vivo (Figura 2), registrada na página do jornal *O Globo* no *Facebook*, data de 12 de agosto de 2017 e traz o seguinte enunciado: “*Esfihaço para ajudar sírio agredido no Rio lota esquina de Copacabana. Acompanhe agora ao vivo o evento! #JornalOGlobo*”. Na cena, um jornalista transmite o evento por meio da câmera de um celular, performando, ao mesmo tempo, dois papéis convencionais na mídia televisiva - repórter e cinegrafista.

À colisão entre a mídia antiga e a nova, onde as pessoas e as mídias corporativas se cruzam, na qual o poder do produtor de mídia e o poder do consumidor de mídia interagem de maneiras imprevisíveis, Jenkins (2006) chamou de cultura da convergência. Para o autor, convergência significa “*the flow of content across multiple media platforms, the cooperation between multiple media industries, and the migratory behavior of media audiences*” (p. 12).

A convergência representa uma mudança no modo como encaramos nossas relações com as mídias (JENKINS, 2006). Na *live streaming* da Figura 2, a convergência se materializa a partir do gênero discursivo reportagem<sup>8</sup>. Além da diferença do veículo

---

<sup>7</sup> Esta função pode ser habilitada no perfil do usuário, por meio de um ícone indicado na parte inferior da janela de postagem. Para iniciar o acesso à interface, é necessário habilitar o microfone e a câmera do aparelho, intitular a transmissão e restringir a privacidade da audiência (individual, para os amigos da rede social ou aberta ao público).

<sup>8</sup> A Reportagem é um gênero discursivo/textual, considerado um texto jornalístico veiculado pelos meios de comunicação: jornais, revistas, televisão, internet, rádio, dentre outros. Suas principais características são:

de circulação da reportagem, notamos na locução do jornalista características da linguagem usada por “internautas” em contextos midiáticos *online* (“*Fala galera! Muito boa tarde a vocês que nos acompanham ao vivo agora no Facebook do jornal O Globo*”). O conteúdo temático (ataque ao refugiado sírio), difundido por meio das diferentes mídias (televisiva, site do jornal *online*, transmissão ao vivo em rede social), parece conduzir o autor-criador a expressar sua apreciação valorativa com uma liberdade que a televisão tentaria neutralizar. Durante a transmissão, o jornalista emite um juízo de valor (“*Estamos acompanhando o movimento chamado de Esfihaço para ajudar o sírio agredido em Copacabana vítima de uma máfia de camelôs*”) a respeito dos agressores do refugiado.

Na Figura 2, também destacamos alguns comentários de usuários sobre o conteúdo da “transmissão ao vivo” na página do jornal O Globo. Os textos/enunciados refratam as valorações axiológicas da arquitetura, por meio dos diferentes posicionamentos ideológicos da audiência social.

O universo da cultura é intrinsecamente responsivo, ele se move como se fosse um grande diálogo. Com essa afirmação, Faraco apresenta as três diferentes dimensões das relações dialógicas de todo dizer, teorizadas pelo Círculo de Bakhtin: *a) todo dizer não pode deixar de se orientar para o “já dito”; b) todo dizer é orientado para a resposta e; c) todo dizer é internamente dialogizado* (FARACO, 2009, p. 59-60).

No comentário da Figura 2 (“*Povo babaca de vez contemplar os próprios ambulantes cariocas que estão nas filas por um alvará para poder trabalhar legalmente, vocês apoiam estrangeiros? Tá tudo errado nesse país*”), observamos o entrecruzamento de vozes sociais em uma relação de responsividade. Assim, o enunciado do usuário, ao mesmo tempo em que responde ao já dito (réplica à *live streaming* que transmitiu o evento do “esfihaço”), gera diversas respostas (crítica às pessoas que foram ao ato apoiar o refugiado sírio, valorização dos ambulantes cariocas implica na desvalorização dos estrangeiros, recusa do alvará para estrangeiros etc). Em síntese, esse enunciado mostra como “os signos são espaços de encontro e confronto de diferentes índices sociais de

---

textos em primeira e terceira pessoa, temas sociais, políticos, econômicos, linguagem formal, objetiva, clara e dinâmica etc. Disponível em: <[www.todamateria.com.br/genero-textual-reportagem/](http://www.todamateria.com.br/genero-textual-reportagem/)>. Acesso em: 06 dez. 2017.

valor, (...) caracterizando o universo da criação ideológica como uma realidade infinitamente móvel” (FARACO, 2009, p. 54).



**Figura 3** - Meme imigrante maldito

Toda semiótica é semiótica multimídia e todo letramento é letramento multimidiático (LEMKE, 2010, p. 456). Os significados das palavras e imagens são diferentes em função dos contextos em que elas aparecem, mas não são fixos e aditivos. Conforme postula Lemke (2010), o significado da palavra não é a soma com o significado da imagem, mas sim, multiplicativo. Pois como explica o autor, “o significado da palavra se modifica através do contexto imagético e o significado da imagem se modifica pelo contexto textual” (Idem, p. 456).

Um exemplo dessa relação pode ser observado na Figura 3, por meio da forma composicional do *meme*, intitulado “Imigrante maldito”. Na postagem, misturam elementos verbais e não verbais. O *meme* corresponde a um gênero textual, um fenômeno que se torna viral ao ser propagado na internet (redes sociais, blogs, sites, e-mail, *whats app* etc), “em forma de *hiperlink*, vídeo, imagem, *website*, *hashtag*, ou apenas uma palavra ou frase, através das ou outros serviços de web, ou suportes textuais, nos quais ele, ou seja, vira mania entre as pessoas compartilhá-lo” (SOUSA, 2015, p. 8).

Neste viés, segundo Rojo e Melo (2014) a forma composicional do *meme* não é um todo em si e isolado, mas um elo na cadeia da arquitetônica de um dado perfil do *Facebook*. No entanto, a parte contém a essência do todo:

“autor-criador produz o texto no contexto de sua página (para deixá-lo disponível para o contemplador), com valorações específicas, atribuindo entoações expressivas (estéticas), com a finalidade de criar humor. Por sua vez, o contemplador que se apropria do texto torna-se co/criador e curte, comenta, compartilha, na sua linha do tempo do *Facebook*, ressignificando as valorações axiológicas (éticas, humorísticas e afetivas) com a finalidade de mandar “recado” a algum interlocutor, acompanhadas ou não de apreciações valorativas explícitas, como réplica ativa” (ROJO e MELO, 2014, p. 16).

Não é possível rastrear a origem do *meme* na Figura 3, mas presume-se que o autor-criador possa ser o proprietário da página da qual ele foi compartilhado (nomeada *Burguesia fede*). A produção do humor se dá por meio de um discurso irônico. No entanto, para que o efeito de sentido pretendido seja efetivo, é necessário que o contemplador reconheça a intertextualidade entre o enunciado do deputado Bolsonaro no *meme* e seu histórico como uma figura política polêmica (xenofóbico, homofóbico).

O texto/enunciado ilustrado no *meme* aponta, conforme Rojo e Melo (2014), para duas arquitetônicas: da construída pelo autor-criador e da construída pelo contemplador-reprodutor. Este último, por um movimento de *reblogging*, se apropria do discurso do *meme*, tornando-se seu co-autor.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos textos/enunciados dessas figuras, por meio da Arquitetônica bakhtiniana, nos possibilitou identificar os elementos formais que compõem a rede social *online Facebook* e compreender como estes estão articulados às avaliações axiológicas dos usuários, construindo uma rede de sentidos, social, cultural e historicamente situada no tempo e no espaço. Observamos, também, como essa plataforma tem contribuído tanto para o aparecimento de novas formas de composição e/ou novos gêneros discursivos/digitais — a exemplo dos *posts*, comentários, *memes*, *live streaming* etc — como para mudanças no uso da linguagem e nas formas de interagir em sociedade, dentro e fora do espaço virtual.

Embora a análise das multissemioses e das práticas discursivas dos enunciados tenham contribuído para evidenciar certos posicionamentos ideológicos, ainda carecemos de pesquisas que tratem dos processos de *(des)reterritorialização* do (i)migrante e/ou refugiado, mediado pelas tecnologias digitais, no intuito de compreender seu impacto nas relações sociais e no ensino das *(trans)linguagens*, na contemporaneidade.

---

## REFERÊNCIAS

- ABL. Academia Brasileira de Letras. **Dicionário Escolar da Língua Portuguesa**. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 2008.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, [1979]2003.
- BAKHTIN, M. (VOLOCHINOV). **Marxismo e Filosofia da Linguagem**: problemas fundamentais do Método Sociológico na Ciência da Linguagem. [Trad. de Michel Lahud e Yara Frateschi]. 12<sup>a</sup>. ed. São Paulo: Hucitec, [1929]2006.
- BUZATO, M. El K. Três concepções para o estudo de redes sociais. In: ARAÚJO, J.; LEFFA, V. (Orgs.) **Redes sociais e ensino de línguas**: o que temos de aprender? São Paulo: Parábola Editorial, 2016. p. 33-49.
- COGO, Denise. **Cidadania comunicativa das migrações transnacionais**: usos de mídias e mobilização social de latino-americanos, 2012.
- FARACO, C. A. **Linguagem & diálogo**: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- GÊNERO textual reportagem. Disponível em: [www.todamateria.com.br/genero-textual-reportagem/](http://www.todamateria.com.br/genero-textual-reportagem/). Acesso em: 06 dez. 2017.
- JACQUEMET, M. Transidiomatic practices: language and power in the age of globalization. **Language & Communication**, n. 25, 2005, p. 257-277.
- JENKINS, H. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Ed. Aleph, 2009[2006].
- KNOBEL, M.; LANKSHEAR, C. (Orgs.) **A new literacies sampler**. NY: Peter Lang, 2007.
- LEMKE, J. Letramento metamidiático: transformando significados e mídias. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Vol. 49, nº 2, 2010. Campinas, SP: IEL/UNICAMP.

RECUERO, R. **Redes sociais na internet**. 2ª Ed. Porto Alegre: Sulina, 2011.

RECUERO, R. Discursos mediado por computador nas redes sociais. In: ARAÚJO, J.; LEFFA, V. (Orgs.) **Redes sociais e ensino de línguas: o que temos de aprender?** São Paulo: Parábola Editorial, 2016. p. 17-33.

ROJO, R. H. R.; MELO, R. de. **Contemporary literacies and Bakhtinian architectonics**, 2014. Disponível em: <[www.pt.scribd.com/document/244591887/ROJO-MELO-arquitetonica-teoria-bakhtiniana-final-docx](http://www.pt.scribd.com/document/244591887/ROJO-MELO-arquitetonica-teoria-bakhtiniana-final-docx)> . Acesso em: 02 nov. 2017.

ROJO, R. H. R.; MOURA, E. **Letramentos, mídias e linguagens**. São Paulo, SP: Parábola Editorial, em preparação.

SOUSA, C. As relações dialógicas na produção de ‘memes’ na internet. **Littera Online**, n.10, 2015. Disponível em: <[www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/littera/article/viewFile/3561/1597](http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/littera/article/viewFile/3561/1597)>. Acesso em 06 dez. 2017.

## MEMÓRIA E MAGIA: FELICIDADE INVOLUNTÁRIA EM MARCEL PROUST

Tarik Vivan Alexandre<sup>9</sup>

### RESUMO

O presente artigo pretende a partir dos textos de Marcel Proust compreender a proposta da extratemporalidade como uma busca pela felicidade, abordado em *O Tempo Redescoberto*. Para tal, investigamos este tema à luz da leitura de dois textos fundamentais: Walter Benjamin em *A Imagem de Proust* e Giorgio Agamben com *Magia e Felicidade*. A partir do processo da redescoberta proustiana pela memória involuntária, a extratemporalidade se torna o instante pelo qual é possível o acontecimento da redescoberta como causadora de uma felicidade. Considerando a felicidade como fim no pensamento rememorante de Proust e esta redescoberta como criadora vemos o novo, portanto, como parte deste movimento. Estabelece-se uma ponte entre a felicidade e a magia, suscitando uma dimensão comunicante para com a proposta de Proust auxiliando no esclarecimento na leitura do autor da *Recherche* uma vez que o estabelecimento de uma nova experiência narrativa propicia a formação de uma nova história. Podemos concluir que a tarefa da literatura para Proust, muito antes da descrição ou do registro de memórias, é, sobretudo, a demonstração da experiência do tempo que não se compõe pela linguagem no seu sentido mais estrito e sim como vivência, expressão de sentimentos e gestos que pertencem a esfera do tempo entrecruzado.

**Palavras-Chave:** Proust; Felicidade; Extratemporal; Magia; Involuntário.

### ABSTRACT

This paper intends to understand the proposal of the concept in Marcel Proust's book *Time Regained* - the extratemporal - like a search for happiness. The investigation uses two essential texts for help our understanding: Walter Benjamin's *Proust's Image* and Giorgio Agamben's *Magic and Happiness*. Starting with the process of Proust's regain

---

<sup>9</sup> Mestrando em Filosofia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), tarikalexandre@gmail.com.

through the involuntary memory, the extratemporal became the instant that is possible the regain, and the regain is responsible for happiness. Establishing happiness like a goal inside Proust's rememory thinking, the concept of regain is a creator of the novelty, then, a part of this movement, creating a link between happiness and magic. The happiness and magic do a communicating dimension with Proust's proposals, helping in the comprehension of Proust's *Remembrance of Things Past* once the creation of a new writing experience is a new forming history. We can conclude that the literature's goal for Proust, before a description or a memory's registration, it is, mainly, the demonstration of a time experience that is not made by language, yes of the living experience, feeling expression and gestures which belong to a crossed time.

**Key-Words:** Proust; Happiness; Extratemporal; Magic; Involuntary.

## INTRODUÇÃO

“Toda a minha vida esperei por algo. Toda minha vida me senti como se estivesse numa estação ferroviária. E sempre me senti como se eu não tivesse vivido, mas sempre esperando por uma vida...uma espera...algo real... algo importante!”

Andrei Tarkovsky

A asma de Proust era desesperadora. Essa condição patológica de Proust causa interesse na medida em que podemos observar em seu texto um sintoma de sua própria doença. A frase proustiana, como um todo, é constituída de longos períodos, com grande quantidade de detalhes e descrições sobre os eventos da narrativa, como se houvesse uma necessidade de aproveitar todo o fôlego possível para se escrever antes que se acabe o ar. A dificuldade de falar era tanta que suas frases são rebuscadas e complexas para aproveitar cada momento de respiração disponível, criando uma oração totalizante e, em alguns momentos, beirando o fútil ou o desnecessário. Podemos observar como exemplo este bilhete enviado por Proust, em que o versar do palavreado, seguindo essa tendência asmática, é sempre prolixa e engenhosa sem necessariamente ser pertinente:

Distinta, respeitada senhora: chamo a sua atenção para o fato de haver esquecido ontem à noite em sua casa a minha bengala. Queira, por favor,

entregá-la ao portador desta. P.S.: Perdão pelo incômodo, mas acabo de encontrá-la<sup>10</sup>

É curioso que através desse pequeno texto, podemos ver em Proust uma incapacidade de conter a ansiedade em uma necessidade involuntária de “um momento a mais”, de forma afobada. É como se com essa afobação, ou a ironia do papel ridículo que Proust faz em solicitar uma bengala que já foi encontrada, ele pudesse manter um pouco mais de atenção de seu interlocutor para que sua respiração curta tivesse um instante de que a espera findasse, em que tivesse para si a atenção e pudesse ser devidamente compreendido. Esses episódios de angústia, assolados por esse desespero asmático, são bastante frequentes ao longo dos trabalhos de Proust, sendo o mais emblemático o caso de desespero do narrador da *Recherche* porque sua mãe não o colocou para dormir dando beijos de boa noite quando criança: depois de uma angústia incontrolável que se estende por toda a ausência da mãe, o narrador é salvo de seu desespero quando ela após o jantar, já exausta do comportamento do menino, finalmente o leva para dormir com ele (o dá atenção) com o consentimento do pai para que o garoto se acalme<sup>11</sup>. Esse comportamento é possível de ser observado nas cartas: Proust costuma inserir ressalvas, detalhes, algum complemento que pudesse justificar e prender ao seu leitor com mais atenção, essa pequena dedicação de atenção, corroborando essa atitude desesperada de quem precisa dizer tudo antes que, efetivamente, o ar acabe:

Elas [cartas] têm esse quê de delicada clandestinidade, de permissividade, a que por fim se entrega o amante desesperado de qualquer resposta ou sinal por parte do ser amado, e que resolve se fazer notar ou mesmo atender: uma

---

<sup>10</sup> CANÇADO, J. M. *PROUST – As intermitências do coração e outros ensaios*, Ed. UFMG, 2008, p. 17.

<sup>11</sup> A cena referida encontra-se em *No Caminho de Swann*, em que o narrador, ao recordar enquanto criança da angústia que a ausência do beijo de sua mãe antes de dormir o levavam ao desespero: “Eu não desviava os olhos de minha mãe; sabia que, quando estivessem à mesa, não me seria permitido ficar até o fim da refeição, e que, para não contrariar meu pai, mamãe não me deixaria beijá-la várias vezes diante dos outros, como se fosse em meu quarto. De modo que me prometia a mim mesmo, quando comessem a jantar, e eu visse aproximar-se a hora, tirar antecipadamente daquele beijo, que seria tão breve e furtivo, tudo o que eu lhe pudesse tirar sozinho: escolher com o olhar o ponto da face que beijaria, preparar o pensamento para que pudesse, graças a esse começo mental do beijo, consagrar todo o minuto que mamãe me concederia sentir sua face contra meus lábios, como um pintor que só pode obter curtas sessões de pose, prepara a palheta e faz de memória, antecipadamente, tudo aquilo para o qual em rigor pode prescindir do modelo.” PROUST, M. *No Caminho de Swann*. Trad. Mario Quintana. São Paulo: Ed Globo, 2012, p. 50.

pedrinha, imponderável quase, jogada contra a janela de um segundo andar, ainda com a luz acesa.<sup>12</sup>

É possível conceber que o incômodo de Proust em tentar falar o máximo possível em uma frase tenha uma correlação imediata com o Tempo. Constantemente Proust nota que a passagem do tempo, que poderíamos entender como o encontrar a bengala pelo acaso, o conduz a um fim, um término de algo que pudesse ser a experiência de determinado acontecimento, em que o encanto de genialidade que lhe acomete, como as madeleines com chá, que são rapidamente se dissipadas em sua experiência de rememoração em função da passagem do Tempo. Preservar na linguagem o máximo possível da experiência antes que ela se acabe é como podemos entender esse acesso de asma que o texto proustiano possui, pois uma vez que o tempo é finito e limitado, é necessário experimentá-lo antes que efetivamente se acabe (ou se destrua): a linguagem precisa guardar em si um tempo passado que não se perdeu/se destruiu. É nesse sentido que o aspecto da velhice, tratado mais amplamente no último volume, *Temps Retrouvé*, é de suma importância, pois o tempo modifica os corpos e os seres, no curioso paradoxo de serem, sempre, os mesmos: os salões de Guermantes ainda eram povoados pelos mesmos personagens da juventude e que de repente são travestidos em seres diferentes. O comentário da Catherine Malabou em *Ontologia do Acidente* é bastante contundente em sua análise do texto proustiano, pois pondera que ao longo da velhice, o tempo passa e nos destrói, mas, ao mesmo tempo, consegue preservar no corpo algo do passado:

Proust não cessou de insistir nessa ambiguidade plástica do tempo. A progressão, a evolução, a inflexão, a repetição, mas também o instantâneo, o infinitamente rápido, o choque, o acidente, que parecem escapar da duração, ou ao menos introduzir na espessura da sucessão a bifurcação indatável da destruição, fustigante como uma garra, imprevisível, palpitante e magnífica.<sup>13</sup>

O Tempo é Terrível: da mesma forma que garante ao corpo, e por sua vez a memória, a possibilidade de preservar o passado em si como ao mesmo tempo de destruí-lo e modificá-lo através dessa destruição. A velhice é emblemática sob esse aspecto, pois nela se conserva todo um passado nos indivíduos, mas, ao mesmo tempo, os atrai para a

<sup>12</sup> CANÇADO, J. M. *PROUST – As intermitências do coração e outros ensaios*, Ed. UFMG, 2008, p. 19.

<sup>13</sup> MALABOU, C., *Ontologia do Acidente – Ensaio sobre a plasticidade destrutiva.*, Trad. Fernando Scheibe. Ed. Cultura e Barbárie. Florianópolis: 2014, p. 46.

morte. É nesse ambiente de destruição, a saber, no *Temps Perdu* que Proust não cessa de vasculhar, revisar e revisitar para que pudesse armazenar em um lugar seguro, tal como um amuleto, manter próximo de si o tempo que se destruiu de forma cativa antes que ele pudesse ser esquecido ou findado. Sob este aspecto, há uma semelhança entre Proust e Monet no que diz respeito ao tratamento do instante: capturá-lo é uma necessidade e que, uma vez perdido, pode diluir-se diante do passado como um esquecimento. Para Monet, aprisionar ou reter o instante de luz era primordial em seus quadros, para Proust, reter o instante do Tempo é de idêntica pertinência. Assim é muito notória como a asma proustiana, a saber, o grande fôlego dos períodos repletos de detalhes, sejam esse desespero em relação a destruição. Essa angústia do narrador asmático é muito bem explicitada através dos problemas amorosos, como o romance fracassado com Albertine em que a incompreensão da realidade que o rodeava sobre sua companheira, especialmente de sua orientação sexual e de suas relações com outras mulheres, só foi descoberto muito tardiamente, quando ela já havia morrido. Antes disso, o narrador possui grande sofrimento em relação a sua amada, pois não consegue compreender o que aparentemente se esconde em Albertine. O seguinte trecho de *A Fugitiva* é bastante elucidador dessa questão:

Minhas dúvidas! Ai de mim, acreditara que me seria indiferente, e mesmo agradável, não ver mais Albertine — até que sua partida revelou meu erro. [...] Assim também, ao receber a carta de Aimé, compreendi que, se até então não havia sofrido demasiado cruelmente com minhas dúvidas sobre a virtude de Albertine, é que, na realidade, não eram absolutamente dúvidas. Minha felicidade e minha vida necessitavam que Albertine fosse virtuosa e estabeleceram de uma vez por todas que ela o era. Munido dessa crença preservadora, eu podia, sem perigo, deixar meu espírito jogar tristemente com suposições a que ele dava forma, porém a que não atribuía fé. [...] Para compreender até que profundidade estas palavras penetravam em mim, convém lembrar que as questões que eu formulara a mim mesmo a respeito de Albertine não eram questões acessórias, indiferentes, questões de pormenor, únicas, na realidade, que formulamos a respeito de todos os seres que não são nós mesmos, o que nos permite caminhar, revestidos de um pensamento impermeável, no meio do sofrimento, da mentira, do vício ou da morte. Não. Com referência a Albertine, eram questões de essência: no fundo, quem era ela? Em que pensava? De que é que gostava? Mentia para mim? Minha vida fora tão lamentável quanto a de Swann com Odette? Por isso, o que a resposta de Aimé atingia, se bem que não fosse uma resposta geral, mas particular — e justamente por causa disso —, era de fato, em Albertine e em mim, a

profundidade. [...] É um dos poderes do ciúme revelar-nos como a realidade dos fatos exteriores e os sentimentos da alma são algo desconhecido, que se presta a mil suposições. Acreditamos saber exatamente o que são as coisas, e o que pensam as pessoas, pela simples razão de que isto não nos preocupa. Mas eis que nos assalta o desejo de saber, como sucede ao ciumento, e então é um verdadeiro caleidoscópio, onde não distinguimos mais nada (PROUST, 2012, p. 130-135).

É possível observar a partir desse trecho que só será no momento da separação de ambos, em que o narrador constata, de forma bastante grave, a sua solidão em função do desconhecimento da relação que possuía com a parceira: desconhecer é propriamente perder, deixar por destruir. Há a quebra do paradigma de que o ser amado possa nos contemplar e completar as nossas carências, sobretudo no anseio de Marcel em possuir Albertine de forma intensa e possessiva para si: conclui ele, assim como em Rilke, que o amor é a incompreensão do outro que não nos traz a salvação<sup>14</sup> e que nos conduz a destruição e, conseqüentemente, ao passado como aquilo que se perdeu. Não se pode possuir o outro bem como não se pode possuir o Tempo. Logo, Albertine e sua dupla-vida, os encontros escusos com Andrée, as estranhas atitudes e o amor que nunca consegue efetivamente ser entendido são momentos da asma do narrador, em seu desespero carente, de tentar compreender o que lhe sucede. O conceito de signo de Gilles Deleuze consegue, com grande pertinência, corroborar com a nossa concepção de desespero asmático, pois o aprendizado de Marcel é aquele que visa compreender os signos que o rodeiam e deles retirar uma compreensão clara sobre o que rodeia o narrador de forma completa. Porém, no caso dos signos do amor, Marcel é colocado em uma posição passiva em relação ao amado já que não consegue compreendê-la de forma clara:

O amado implica, aprisiona um mundo, que é preciso decifrar, isto é, interpretar. Trata-se mesmo de uma pluralidade de mundos, o pluralismo do amor não diz respeito apenas à multiplicidade dos seres amados, mas também à multiplicidade das almas ou dos mundos contidos em cada um deles. [...] Há, portanto, uma contradição no amor. Não podemos interpretar os signos de um ser amado sem desembocar em mundos que se formaram sem nós, que se formaram com pessoas, onde não somos, de início, senão um objeto como os

---

<sup>14</sup> “A hostilidade/aguarda, muito perto. Os amantes/não hesitam, sem cessar,/ entre limites – eles que aspiravam refúgio, espaço, busca? [...] Quem/ desconhece a angustiosa espera diante/ do palco sombrio do próprio coração?” RILKE, R. M., *Elegias de Duíno*, Trad. Dora Ferreira da Silva. Ed. Globo. São Paulo: 2013, p. 35-37.

outros. [...] os gestos do amado, no mesmo instante em que se dirigem a nós e nos são dedicados, exprimem ainda o mundo desconhecido que nos exclui.<sup>15</sup>

Amar em Proust, como bem afirma Deleuze, nos coloca em um plano de que o universo do amado é vetado a nós e que nossa passividade é semelhante a uma espera, a saber, aguardar um momento em que pudéssemos finalmente nos lançar para o interior do mundo do amado e conhecê-lo propriamente dito, dando a possibilidade de resgate da bengala que, supostamente, nunca foi perdida: ter uma brecha para que pudéssemos decifrar os signos do amado e deixar efetivamente de sofrer por conta deles. Contudo, este momento nunca acontece. O amor em Proust e a asma ganham essa dimensão de aproximação já que o esperar passivamente é uma condição inescapável da interpretação do amado, e, concomitantemente, há a grande necessidade de se poder guardar/armazenar tudo que se refere ao amado. A escrita a respeito do Tempo, por sua vez, vive relação semelhante: decifrar os signos e, com eles, armazenar algo que, aparentemente, é impossível constatar se verdadeiramente o conhecemos ou não. Podemos compreender que, é neste aspecto, que podemos encontrar o ponto de partida para essa escrita de Proust.

Levando em consideração a compreensão de que vida escoia através do Tempo, a saber, de que o tempo perdido é aquele que destrói, o narrador se sente na necessidade de encontrar uma resposta, algum esclarecimento em relação a seu próprio objetivo de vida, tal como ele opera com a relação amorosa. Escrever sobre o tempo, para Proust, não pretende se resumir a tratar dos problemas sentimentais causados pela asma e do desespero de Marcel com sua relação amorosa malsucedida. A busca de Marcel se torna relevante na medida em que este dá para si o objetivo de escrever um romance que faz análise a respeito do Tempo, se fazendo necessária a busca de um motivo relevante para a empreitada. É demanda revisitar o passado que se perdeu, este que tanto afligiu pelo fato de não ter sido devidamente capturado e que assola o presente na medida em que é rememorado: a *Recherche* se faz com o objetivo de compreender os signos que, aparentemente, são incompreensíveis, a saber, os signos dados pelo tempo. Compreender o tempo possui essa ambiguidade que cativava Proust pelas *Mil e Uma Noites*: todos os dias é necessário que se conte uma nova história que envolva a história anterior para que Scherazade jamais seja morta pelo sultão. Proust teme, da mesma forma que Scherazade,

---

<sup>15</sup> DELEUZE, G. *Proust e os Signos*. 2. ed. trad. Antonio Piquet e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003, p. 7-8.

ser conduzido ao passado que se destrói, acarretando ao esquecimento e, por sua vez, a morte. Logo, é necessário formular uma narrativa que consiga preservar e analisar o passado através de uma narrativa que trata sobre o Tempo, evitando que ele se destrua. Não por acaso que é necessário que se conte uma história que se perpetue, o que causa o profundo interesse de Walter Benjamin por Proust. No texto *Walter Benjamin ou a história aberta*, Jeanne Marie Gagnebin aponta o interesse de Benjamin por Proust na medida em que o literato narra a história como esta experiência do Tempo que se perpetua e nos agracia com uma redescoberta, pois esta experiência ocorre a partir desta

memória infinita cuja figura moderna e individual será a imensa tentativa proustiana, tão decisiva para Benjamin. Cada história é o ensejo de uma nova história, que desencadeia uma outra, que traz uma quarta, etc.<sup>16</sup>

A escrita de Proust é a retomada do passado pelo presente, de tal forma que a experiência do tempo pode ser revivida, como Scherazade a prolongar a mesma história através do tempo, em narrativas dentro de narrativas. Essa capacidade do texto proustiano em sua análise dos signos de remorar infinitas vezes o passado e com ele produzir infinitas narrativas é o elemento constituinte do *Temps Retrouvé*: a busca pela experiência do passado, retida nos recônditos da memória e que pudesse, por um instante, ser trazida ainda mais uma vez de forma outra, inovadora:

Ora, essa causa, eu a adivinhava confrontando entre si as diversas impressões bem-aventuradas, que tinham em comum a faculdade de serem sentidas simultaneamente no momento atual e no pretérito, o ruído da colher no prato, a desigualdade das pedras, o sabor da madeleine fazendo o passado permear o presente a ponto de tornar hesitante, sem saber em qual dos dois me encontrava; na verdade, o ser que em mim então gozava dessa impressão e lhe desfrutava o conteúdo extratemporal, repartido entre o antigo e o atual, entre o passado e o presente, se conseguia situar no único meio onde poderia viver, gozar a essência das coisas, isto é, fora do tempo.<sup>17</sup>

---

<sup>16</sup> GAGNEBIN, M. J. *Walter Benjamin ou a história aberta*, In: Obras Escolhidas I – Magia e Técnica, Arte e Política - Ensaios sobre literatura e história da cultura. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. Ed. Brasiliense. São Paulo: 2014, p. 12-13.

<sup>17</sup> PROUST, M. *O Tempo Redescoberto*. trad. Lúcia Miguel Pereira. São Paulo: Editora Globo, 2009, p. 151.

O encontro com a redescoberta, essa capacidade de rememorar o passado, momento no qual o desespero e o arroubo asmático de Proust agem como o esforço de retomada, a saber, o constante prolongamento do detalhe que produza uma rememoração coincidente entre passado e presente é que assegura o alívio proustiano: encontrar a alegria de ter a experiência do tempo passado no presente na extratemporalidade, fora do tempo. A redescoberta do tempo e sua extratemporalidade, para Proust, estão longe de qualquer ausência de finalidade, pois elas têm como característica garantir o cumprimento do objetivo do narrador em se tornar um escritor, em obter o entendimento a respeito dos signos do tempo. Compreender a vida diante do presente unida ao passado, no aprendizado dilatado sobre os signos, aliviado, que o tempo que se acabou ainda ocorre, noutra forma, no presente. Nesse sentido, o comentário de Benjamin a respeito das impressões de Cocteau sobre Proust é ilustrativo do nosso pensamento:

Cocteau percebeu aquilo que deveria preocupar, em altíssimo grau, todo leitor de Proust: ele viu o desejo de felicidade — cego, insensato e frenético — que habitava esse homem. Ele irradiava de seus olhos. Não eram olhos felizes. Mas a felicidade estava presente neles, como no jogo ou no amor. Tampouco é difícil compreender por que esse dilacerante e explosivo impulso de felicidade que atravessa toda a obra de Proust passou em geral despercebido por seus leitores.<sup>18</sup>

Opera-se dentro da rememoração proustiana uma espécie de magia que faz a escrita um processo de manipulação do passado que conduz a produção do romance, “pois a matéria da obra literária era, afinal, minha vida passada”<sup>19</sup>. Rememorar é o processo de produção da literatura através da escrita em que o redescobrir é a oportunidade fortuita, breve, do qual essa memória involuntária age e nos permite sentir como em nós mesmos a magia da felicidade causada pelo tempo redescoberto. Ora, a memória involuntária nada mais é do que um estopim súbito em que uma lembrança acomete o narrador com grande intensidade e o introduz a reviver a experiência do passado no presente, como na célebre cena das madeleines com chá, do qual

---

<sup>18</sup> BENJAMIN, W., *A Imagem de Proust*, In: *Obras Escolhidas I – Magia e Técnica, Arte e Política – Ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. Ed. Brasiliense. São Paulo: 2014, p. 39.

<sup>19</sup> PROUST, M. *O Tempo Redescoberto*. trad. Lúcia Miguel Pereira. São Paulo: Editora Globo, 2012, p. 244.

No mesmo instante em que aquele gole, de envolta com as migalhas do bolo, tocou meu paladar, estremei, atento ao que se passava de extraordinário em mim. Invadira-me um prazer delicioso, isolado, sem noção de sua causa.<sup>20</sup>

Assim, o processo de rememoração age como uma pedra de toque entre os objetos, uma crença de que as almas permanecem cativas nos objetos e nos trazem as lembranças intensas das experiências do passado. Agamben descreve de forma pertinente a concepção de magia em seu livro *Profanações*, concebendo a magia como um processo de sorte e acaso do qual ninguém é devidamente merecedor, porém eventualmente somos portadores dessa sorte. Da mesma forma que somos portadores de sorte quando ganhamos na loteria, a memória involuntária proustiana age sob circunstâncias semelhantes, nos levando a crer que recordar é um golpe de sorte na medida que ocorre fora do controle do narrador.

Magia significa, precisamente, que ninguém pode ser digno da felicidade que, conforme os antigos sabiam, a felicidade à medida do homem é sempre *hybris*, é sempre prepotência e excesso. Mas se alguém conseguir dobrar a sorte com o engano, se a felicidade depender não do que ele é, mas de uma noz encantada ou de um ‘abre-te-sésamo’, então, e só então, pode realmente considerar-se bem-aventurado.<sup>21</sup>

Podemos compreender, tendo em vista a perspectiva agambeniana sobre magia, em que medida Proust gosta dos abre-te-sésamos da memória em seus delírios com as pratarias, os quadros e os tropeços que sofre e, como um ganhador da loteria, alcança a compreensão extratemporal. O comentário de Maurice Blanchot sobre Michaux no conceito de mágica nos permite estabelecer uma semelhança com o conceito mágico de Agamben na medida em que o pondera como um estopim mágico, impossível de ser determinado de forma racional:

É por ser o produto direto da emoção que o mundo de Michaux é um mundo mágico. Na emoção, tentamos abrir para nós um caminho para um mundo que não seja mais regulado por relações razoáveis e inteiramente determinadas, mas pela magia. A fúria, por exemplo, é um comportamento mágico que tende a abater com um só golpe um ser ou um objeto que não temos tempo de combater realmente. O mundo real é difícil demais, lento demais. A fúria não

<sup>20</sup> PROUST, M. *No Caminho de Swann*. Trad. Mario Quintana. São Paulo: Ed Globo, 2012, p. 71.

<sup>21</sup> AGAMBEN, G., *Magia e Felicidade*, In: *Profanações*. Trad. Selvino J. Assmann. Ed. Boitempo. São Paulo: 2007, p. 20.

quer esperar, não tem a paciência de seguir as vias sinuosas que a ela se oferecem para uma ação verdadeira. Ela apagará, portanto, todos os dados práticos, e substituirá a ação concreta da vingança por uma ação simbólica, uma ação mágica por gestos, ameaças, palavras nas quais, fora do tempo, ela se realizará em todo o furor de seu desejo.<sup>22</sup>

O comentário de Blanchot dialoga diretamente com o sentido de Proust dá a memória involuntária, pois é da narrativa proustiana “deslizar célere” sobre suas impressões, em busca de compreender a redescoberta. Seria a magia de Agamben e Michaux cambiantes, a saber, os golpes de sorte seriam igualmente momentos de fúria? Sendo assim, Proust ao notar estes momentos involuntários da sorte, como as tintilar das pratarias, o tropeço, estivesse furiosamente se valendo de seu golpe de sorte e encontrando a felicidade como um ímpeto incontrolável e furioso. Eis a espera de Proust: aguardar a involuntariedade da magia para alcançar essa felicidade velada pelo Tempo. Torna-se evidente, portanto, que é o contato com os objetos, entre as banalidades da vida ordinária que se efetiva a escrita sobre o tempo: a felicidade reside num golpe de sorte de encontrar na rememoração o contato com a arte, a saber, a literatura. Proust salienta que:

Acho muito razoável a crença céltica de que as almas daqueles a quem perdemos se acham cativas em algum ser inferior, um vegetal, uma coisa inanimada efetivamente perdidas para nós até o dia, que para muitos nunca chega, em que nos sucede passar por perto da árvore, entrar na posse do objeto que lhe serve de prisão. Então elas palpitam, nos chamam, e que logo que as reconhecemos, está quebrado o encanto. [...] É assim com nosso passado. Trabalho perdido procurar evocá-lo, todos os esforços de nossa inteligência permanecem inúteis. Está ele oculto, fora de seu domínio e de seu alcance, em algum objeto material (na sensação que nos daria esse objeto material) que nós nem suspeitamos.<sup>23</sup>

Dessa forma, contato mágico para Proust com a realidade é de suma importância, pois opera tal como uma pedra de toque para que a escrita se produza e conduza a experiência do tempo. A magia e a sorte se tornam alicerces para a redescoberta na escrita de Proust, a saber, ambas ocorrem como involuntariedade que gera felicidade. Uma vez

---

<sup>22</sup> BLANCHOT, M. *A Experiência Mágica de Henri Michaux*, Trad. Marcelo Jacques de Moraes, disponível em [www.scielo.br/pdf/alea/v12n1/v12n1a13.pdf](http://www.scielo.br/pdf/alea/v12n1/v12n1a13.pdf), último acesso em 20/07/2017.

<sup>23</sup> PROUST, M. *No Caminho de Swann*. Trad. Mario Quintana. São Paulo: Ed Globo, 2012, p. 70- 71.

desveladas nos objetos, elas são responsáveis pela libertação dessa experiência de felicidade da redescoberta. Cabe destacar a compreensão de Benjamin a respeito da felicidade proustiana:

[...] Existe uma dupla vontade de felicidade, uma dialética da felicidade. Uma forma de felicidade em hino, outra em elegia. A felicidade como hino é o inaudito, o sem precedentes, o auge da beatitude. A felicidade como elegia é o eterno mais uma vez, a eterna restauração da felicidade primeira e originária. É essa ideia elegíaca da felicidade, que também podemos chamar de eleática, que para Proust transforma a existência em uma floresta encantada da rememoração.<sup>24</sup>

Esta simultaneidade entre o hino e a elegia, o *Temps Perdu* e *Temps Retrouvé* é que promovem ao narrador a experiência fora do tempo. A mágica suscitada pelo contato com seus amuletos/objetos de lembrança é que permitem a formação da vocação da escrita. É possível afirmar que, em Proust, felicidade eleática é a felicidade da rememoração uma vez que se comporta como um júbilo nostálgico: nostalgia, pois somente através da narrativa em que podemos efetivá-la enquanto experiência:

A verdadeira vida, a vida enfim descoberta e tornada clara, a única vida, por conseguinte, realmente vivida é a literatura. Essa vida que, em certo sentido, está sempre presente em todos os homens e não apenas nos artistas. [...] Captar nossa vida; e também a dos outros; pois o estilo para o escritor como a cor para o pintor é um problema não de técnica, mas de visão. [...] Em suma, esta arte, tão complicada, é justamente a única viva. Só ela exprime para os outros e a nós mesmos mostra nossa própria vida, essa vida que não pode ser ‘observada’, cujas aparências observáveis precisam ser traduzidas, frequentemente lidas às avessas, e a custo decifradas.<sup>25</sup>

Não se trata, portanto, de que a redescoberta proustiana de alguma forma aniquile o tempo perdido, ou ainda o tempo que se destrói seja desprezado pela redescoberta. Contrariamente, o que foi perdido, destruído, a quem poderíamos conceber como dado a tristeza já que se trata da lembrança de algo acabado é que, por um efeito mágico, nos

---

<sup>24</sup> BENJAMIN, W., *A Imagem de Proust*, In: Obras Escolhidas I – Magia e Técnica, Arte e Política – Ensaios sobre literatura e história da cultura. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. Ed. Brasiliense. São Paulo: 2014, p. 40.

<sup>25</sup> PROUST, M. *O Tempo Redescoberto*. trad. Lúcia Miguel Pereira. São Paulo: Editora Globo, 2009, p. 240-241.

retorna através da memória involuntária e nos conduz a felicidade numa perpetuidade que extrapola os tempos. Mais uma vez estamos em contato com o passado: tal como na elegia e que, na alegria de um hino — algo como um solavanco violento entre memória e acontecimento (ou passado e presente), cria o entrecruzamento entre os dois pontos, muito bem apontado por Benjamin, proporcionando que uma taça de chá seja capaz de trazer a lembrança do que se perdeu de volta, em certa espécie de sonho lúcido. O tempo redescoberto acaba por fundar um instante de alívio desse arroubo asmático proustiano tendo em vista que ele se expande pela história nesse passado mesclado ao presente. A felicidade ocorre tal como em um limiar:

A eternidade que Proust nos faz vislumbrar não é a do tempo infinito, e sim a do tempo entrecruzado. Seu verdadeiro interesse é consagrado ao fluxo do tempo sob sua forma mais real, e por isso mesmo mais entrecruzada, que se manifesta da maneira mais direta na rememoração (internamente) e no envelhecimento (externamente). Acompanhar a interação entre envelhecimento e rememoração significa penetrar no coração do mundo proustiano, o universo do entrecruzamento. [...] É esta a obra da *mémoire involontaire*, da força rejuvenescedora capaz de enfrentar o implacável envelhecimento.<sup>26</sup>

Como o momento extratemporal, a felicidade arrebatada célere o narrador, causando a experiência de estar fora do tempo em um acontecimento, a saber, em um instante do qual o sentido do tempo (ou ainda da experiência) se dá para o narrador de forma plena. Em outras palavras, estar fora do tempo é o instante pelo qual o tempo que se perde e se redescobre são unidos através da involuntariedade. Logo, quando entrecruzam os tempos, a história passada com o presente, por um breve instante, se faz como felicidade através da mudança, de um emergir de novidade latente e fecunda já que a experiência do passado e do presente são modificadas pelo seu entrecruzamento. Eis o fôlego asmático da escrita de Proust: a busca pelo sonho no tempo entrecruzado, ou ainda o paradoxo entre o perdido e o redescoberto simultaneamente e que nos conduz aos golpes de sorte, aos acontecimentos da memória involuntária, o sonho da felicidade no interior da extratemporalidade:

---

<sup>26</sup> BENJAMIN, W., *A Imagem de Proust*, In: *Obras Escolhidas I – Magia e Técnica, Arte e Política – Ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. Ed. Brasiliense. São Paulo: 2014, p. 46-47.

A desigualdade entre os dois ladrilhos no pátio; o ruído da colher esbarrando no prato; a curta frase da Sonata de Vinteuil; a nesga de muro amarelo “como um toldo”, na tela de Vermeer (A Vista de Delft); o roçar áspero, puro, salino do guardanapo engomado nos lábios; os seios de uma camponesa vistos entre duas mudas de roupa. Essas sensações se multiplicam ao longo de todo o romance, adensando o enigma da felicidade de que são mensageiras<sup>27</sup>.

A felicidade e a memória involuntária se encontram, entrecruzam-se em sua relação de dependência em que a crença céltica das almas presas aos objetos se comporta como uma fagulha para a rememoração, pois eis que a sorte atua: a mágica lhe recobre e age como o beijo de dormir da mãe, o conduzindo pela floresta da rememoração através de um alívio de felicidade, o fazendo seguir pelas veredas das impressões dos passeios de Combray, demonstrando o mundo como cativo do espírito prestes a ser desvelado pelo amor às coisas e aos seres de modo a encontrar o tempo do hino como por um acaso. Mas, se há felicidade, certamente cabe a compreensão, o cuidado, a atenção para o belo, no meticoloso da beleza que Marcel pretende descobrir, pois

sem dúvida era porque imaginavam os méritos estéticos como objetos materiais que um olhar atilado não pode deixar de perceber, sem necessidade de amadurecer seus equivalentes dentro do coração.<sup>28</sup>

Entender a felicidade depende da percepção da beleza, de compreender os belos livros, as belas paisagens e, ao mesmo tempo, compreender que a fagulha fortuita da memória poderia surgir desse esforço, mesmo que da forma involuntária que garante a experiência. É neste compreender da experiência mágica que vemos enfim que “o golpe de gênio de Proust está em não ter escrito ‘memórias, mas, justamente, uma ‘busca’”<sup>29</sup> e esta busca não é “simplesmente relembrar os acontecimentos, mas ‘subtraí-los às contingências do tempo em uma metáfora’” (Ibid). Sendo assim, o aspecto investigativo e dedicado, próprio do texto proustiano, é que garante a plenitude da felicidade dada pela rememoração.

---

<sup>27</sup> CANÇADO, J. M. *PROUST – As intermitências do coração e outros ensaios*, Ed. UFMG, 2008, p. 60-61.

<sup>28</sup> PROUST, M. *No Caminho de Swann*. Trad. Mario Quintana. São Paulo: Ed Globo, 2012, p.190.

<sup>29</sup> GAGNEBIN, M. J. *Walter Benjamin ou a história aberta*, In: *Obras Escolhidas I – Magia e Técnica, Arte e Política - Ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. Ed. Brasiliense. São Paulo: 2014, p. 15.

Torna-se evidente, portanto, o arroubo asmático da escrita de Proust como uma necessidade de contemplação e amor por aquilo que rememora: apreciar a beleza da natureza era também amar, transfigurar a paixão pelo inanimado pela força do corpo que se debruça nesta paixão, pois o amor se torna essa investigação dos signos do Tempo que o recobrem. O desespero asmático se torna, assim, detalhe, um tratamento zeloso ao mundo uma vez que ele é o signo que necessita ser decifrado:

Parecia-me que a beleza das árvores era sua beleza e que a alma daqueles horizontes, da aldeia de Roussainville, dos livros que eu estava lendo, seu beijo me revelaria e como minha imaginação recobrava forças ao contato de minha sensualidade, e minha sensualidade se expandia por todos os domínios da minha imaginação, meu desejo não tinha mais limites. É que também — como acontece nesses momentos de cisma no seio da natureza, em que, suspensa a ação dos hábitos e relegadas as noções abstratas que temos das coisas, cremos então com uma profunda fé na originalidade e na vida individual do lugar onde nos achamos — a passante que meu desejo chamava afigurava-se-me não um mero exemplar desse tipo geral, a mulher, mas um produto necessário e natural daquele solo. Pois naquele tempo, tudo que não fosse eu próprio, a terra e os seres, parecia-me mais precioso, mais importante, dotado de uma existência mais real do que se apresenta aos homens feitos. E a terra e os seres, eu não os separava absolutamente.<sup>30</sup>

Tudo o que era do propriamente sentimental interessava a Proust, pois só por eles alcançava a magia livre dos hábitos, das repetições dadas pela inteligência que obnubilam o pensamento, afastando da compreensão da redescoberta. No seio do sentir, como afirma Proust, há a magia da extratemporalidade como um acontecimento, como aquele que funda um novo percurso das *Mil e Uma Noites*. E eis que diante do original, o distante da razão, Marcel realiza sua magia do coração. Marcel diz em *Contre Sainte-Beuve* que cada dia dava menos valor à inteligência<sup>31</sup> uma vez que o impossibilitava a compreender a originalidade do tempo, da redescoberta e da extratemporalidade. Entretanto, para além da compreensão do tempo, para Proust a felicidade era o mote da arte e do tempo, pois

---

<sup>30</sup> PROUST, M. *No Caminho de Swann*. Trad. Mario Quintana. São Paulo: Ed Globo, 2012, p. 201.

<sup>31</sup> PROUST, M. *Contre Sainte-Beuve – Notas sobre crítica e literatura*, Trad. Haroldo Ramanzini, Ed. Iluminuras, 1988, p. 39.

logo que consegue, logo que inventa um novo nome, ela ostentará entre as mãos o passaporte que encaminha à felicidade. Ter um nome é a culpa. A justiça é sem nome, assim como a magia. Livre de nome, bem-aventurada, a criatura bate à porta da aldeia dos magos, onde só se fala por gestos.<sup>32</sup>

O amor pelas árvores, como se nelas o aguardasse uma amante, são afetos que percorrem investigação do tempo. A experiência do tempo entrecruzado (e, por sua vez, da felicidade), ocorre na tentativa de expressão desse amor nos períodos afobados e asmáticos: a escrita de Proust se dá como a tentativa de expressão de gestos impronunciáveis que adquirem a forma de um desespero da linguagem afobada e detalhista, de expressão da experiência do passado hipotético do narrador. *Em Busca do Tempo Perdido* nada mais é do que a escrita sobre a experiência da felicidade a partir de um tempo entrecruzado ocasiado por um golpe de sorte. Felicidade é um amor, uma nostalgia do receio da morte que se alia ao viver enquanto presente uma vez que é inchado com a redescoberta.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos concluir que a tarefa da literatura para Proust, muito antes da descrição ou do registro de memórias, é, sobretudo, a demonstração da experiência do tempo que se compõe pela linguagem no seu sentido mais estrito, sendo expressão dessa experiência do tempo através de sentimentos e gestos que pertencem a esfera deste tempo entrecruzado. Podemos conceber a busca pelo tempo antes como uma busca pelo sentido da arte — a experiência de amor ao passado que se torna arte —, encontrando no processo de escrita sua expressão mais fecunda e proveitosa a partir do contato fortuito com o banal. Podemos dizer que é da vida que se desperdiça e se destrói pelo decorrer do tempo que encontramos os verdadeiros paraísos perdidos, pois neles somos arrebatados pelo encontro fortuito com a sorte, concebendo o a experiência da arte enquanto sentido de uma experiência no tempo.

---

<sup>32</sup> AGAMBEN, G., *Magia e Felicidade*, In: Profanações. Trad. Selvino J. Assmann. Ed. Boitempo. São Paulo: 2007, p. 22.

---

**REFERÊNCIAS**

- AGAMBEN, G. **Profanações**. Trad. Selvino J. Assmann. Ed. Boitempo. São Paulo: 2007.
- BENJAMIN, W. **Obras Escolhidas I** – Magia e Técnica, Arte e Política – Ensaio sobre literatura e história da cultura. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. Ed. Brasiliense. São Paulo: 2014.
- BLANCHOT, M. **A Experiência Mágica de Henri Michaux**, Trad. Marcelo Jacques de Moraes, disponível em [www.scielo.br/pdf/alea/v12n1/v12n1a13.pdf](http://www.scielo.br/pdf/alea/v12n1/v12n1a13.pdf). Acesso em 20/07/2017.
- CANÇADO, J. M. **PROUST – As intermitências do coração e outros ensaios**, Ed. UFMG, 2008.
- DELEUZE, G. **Proust e os Signos**. 2. ed. trad. Antonio Piquet e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.
- MALABOU, C. **Ontologia do Acidente – Ensaio sobre a plasticidade destrutiva.**, Trad. Fernando Scheibe. Ed. Cultura e Barbárie. Florianópolis: 2014.
- PROUST, M. **Contre Sainte-Beuve – Notas sobre crítica e literatura**, Trad. Haroldo Ramanzini, Ed. Iluminuras, 1988.
- PROUST, M. **Correspondências Proust/Gallimard**. Trad. Helena Bonito Couto Pereira. Ed. EDUSP. São Paulo: 1993.
- PROUST, M. **No Caminho de Swann**. Trad. Mario Quintana. São Paulo: Ed Globo, 2012.
- PROUST, M. **O Tempo Redescoberto**. 15. ed. trad. Lúcia Miguel Pereira. São Paulo: Editora Globo, 2009.
- RILKE, R. M. **Elegias de Duíno**, Trad. Dora Ferreira da Silva. Ed. Globo. São Paulo: 2013.
- O SACRIFÍCIO. Direção: Andrei Tarkovsky. [S.l]: 1986, 1 DVD (148 minutos).

## O ESTADO SOCIAL E O REGIME POLÍTICO DEMOCRÁTICO EM TOCQUEVILLE

Robson Francisco da Costa<sup>33</sup>

### Introdução

As discussões a seguir buscam em primeiro lugar apresentar a concepção de estado social e democracia de Alexis de Tocqueville, prioritariamente na obra *A Democracia na América*, e diz respeito à investigação sobre em que medida o estado social de uma nação determina o surgimento de sua democracia. Em outros termos, dispomo-nos a indagar as características tidas como imprescindíveis para que o estado social americano, naquele contexto e época, inaugurasse uma democracia efetiva.

Em seguida, procurar-se esclarecer as hipóteses causais sobre a conjuntura sociopolítica que tem como pressuposto a igualdade de condições para o processo-regime democrático. A questão é poderíamos afirmar que, para Tocqueville, um estado social capaz de gestar uma democracia já dispõe em certa medida de uma base democrática? Se determinados aspectos de um estado social podem definir a noção de democracia, na ausência desses aspectos, um estado “dito democrático” pode, então, ser definido como não democrático?

Tocqueville aponta que essas particularidades são de modo geral aquilo que engendra o tecido social de forma orgânica, tendo como “função” dar forma a essa sociedade. Estes aspectos não só emolduram o corpo político social, mas também são a essência de sua composição. Para o autor alguns dos principais aspectos da formação da sociedade americana daquele contexto são, conforme cita Aron:

a situação geográfica e histórica, o sistema moral-religioso dos fundadores da nação e dos imigrantes, os hábitos e costumes, a religião, e, principalmente as boas leis”<sup>34</sup>.

Embora Tocqueville enfatize a realidade dos americanos como um estado social igualitário, ao final da obra *Democracia na América*, Livro I, o autor descreve algumas considerações sobre o estado atual e o futuro das três raças que habitam o território dos

---

<sup>33</sup> Mestrando na Universidade Federal do Paraná (UFPR)

<sup>34</sup> ARON, 1999, pp. 201-257.

Estados Unidos. A respeito dessa passagem, interessa-nos saber se o filósofo trata ou traz em sua obra algum recurso ou, ao menos, sinaliza uma forma com que os americanos e conseqüentemente sua democracia serão capazes de resolver as desigualdades abissais que assolam as “duas raças” que o próprio autor aponta como “deixadas de fora” da sociedade daquele contexto.

Nesse panorama, nos interessa investigar se e como a democracia, a partir de um contexto desigual, pode ou não se fortalecer enquanto regime político que de fato caminha para uma sociedade mais igual. Se Tocqueville diz que a democracia germina em um estado igualitário, como pensa-la em contextos em que há desigualdade?

Já na primeira seção tentamos estabelecer um texto instrutivo de como autor observa e descreve o estado social americano e sua formação, naquele contexto e época, a ponto de enxergar ali um estado de igualdade de condições, mesmo que formal, um regime político, o qual ele denomina democrático. Interessa-nos saber como e por que os anglo-saxões arquitetaram essa sociedade de igual oportunidades? Quais leis, costumes, hábitos, sentimentos e opiniões, para seguir a terminologia do filósofo, deram base a essa engenharia social que de algum modo será para Tocqueville o devir da sociedade moderna no que concerne a regimes políticos?

Já no início da obra nos chama a atenção algumas características que parecem óbvias aos olhos de hoje e que sem dúvida foram basilares na sociedade americana do século XVIII e XIX. A educação básica universalizada, a mudança na lei de sucessão - a saída do formato de privilégios assegurados ao primogênito para a partilha equitativa entre os filhos — foi decisiva na composição da sociedade, sendo esta uma mudança brusca frente aos costumes aristocráticos ingleses.

Comprendemos também a necessidade de visitar a constituição da ideia de soberania do povo americano, pois essa é parte definitiva na formação da conduta política daquele povo, fator crucial na perspectiva de deliberação e participação social na coisa pública e de interesse coletivo.

Interessados em delimitar com profundidade esses elementos vamos desenvolver cada um deles em subitens dentro de suas seções.

Obviamente, as leis trazidas na bagagem, os costumes e a religião são bastante importantes. No entanto, é possível perceber que, para o francês, os três outros elementos é que deram a “nova” roupagem a essa sociedade, a saber, a educação, a lei de sucessão e a ideia de soberania do povo. Mas não somente.

Faremos aqui, uma leitura da obra sob a perspectiva da relação Sociedade e Estado, tentando mostrar como a formação social (estado social) e a participação dos sujeitos na vida pública (num sentido bem ampliado) formatam o regime político e suas instituições. Esta leitura está centrada no Livro I de *A Democracia na América, leis e costumes*.

A originalidade da obra tocquevilleana está no entendimento de que a participação dos indivíduos de forma ampla e coletiva foi o que arquitetou o regime político democrático americano. Essa singularidade do seu pensamento nos interessou exatamente por ter proximidade àquilo que acreditamos ser o modelo mais bem-sucedido na dinâmica pujante de uma democracia viva e robusta.

A compreensão de que a democracia se faz a partir da participação da sociedade nas mais diversificadas estruturas estatais (instituições) e em sua movimentação ordinária é peculiar às teorias antecedentes. Tocqueville é perspicaz ao fazer constar que esta atuação vem de algum modo dos elementos que formaram os indivíduos dessa sociedade, revelando então o porquê existe enorme diferença entre uma nação e outra, o que é evidente quando estudamos a história das suas fundações. A composição deste tecido social singular nos coloca perante os mais diversos formatos de sociedade, aquelas em que a participação é pulsante e aquelas em que a passividade perante os governos é mais notória.

O segundo caso, devido à não participação, coloca o Estado e conseqüentemente a sociedade em modo estático. A não ativa presença dos indivíduos nas esferas de discussão e deliberação da coisa pública que inviabiliza a vivacidade imperiosa da democracia. Isso por si só conduz as sociedades a diversos nivelamentos de suas democracias, pois um corpo social mais ativo tem um regime político mais fervoroso e força o Estado a caminhar, nesta mesma proporção um corpo social menos vigoroso detém a ação esperada de um organismo vivo conforme são as democracias.

Parece-nos que o desafio em sociedades cuja característica predominante é ser menos ativa na participação do bem coletivo seja inserir elementos culturais que possam romper com a anestesia social, processo esse que é função da própria democracia que se refaz paulatinamente. Mas essas ponderações são ainda precipitadas. E para formularmos quaisquer desdobramentos se faz necessário termos bastante claro o conceito de democracia que está em jogo.

O tema da democracia é recorrente em diversos contextos, sejam eles políticos, econômicos, sociais, etc. A democracia é tomada muitas vezes na forma com que é

reconhecida pelo senso comum, por vezes trivializada, o que a empobrece e esvazia. Esse enfraquecimento também é reforçado, em certa medida, pela dificuldade de reconhecer a operacionalização do conceito na prática, no cotidiano dos indivíduos, de tal modo que gera a sensação de que a democracia não possa ser posta em prática, sendo apenas passível de racionalização.

Para nós, a tarefa é dar esse conceito corriqueiramente entendido por todos uma inflexão empírica e tentar demonstrar como o conceito de democracia se dá no “mundo da vida”. De modo mais específico, compreender, sob a perspectiva toquevilliana, a partir da tensão entre Sociedade e Estado, se o conceito como percebido por todos é um ideal — um vir-a-ser — ou se já está posto e real.

Partindo desses pressupostos, podemos tentar esboçar alguns elementos que produzem tal percepção do conceito de democracia, noções essas que fazem parte do vocabulário não só acadêmico, mas que de modo amplo permeia também a linguagem da sociedade, e que desenha nossa retórica, pois é na palavra, escrita ou falada, que se dão os debates com os quais se arquitetam um regime político democrático.

O diálogo é, portanto, uma das maiores “ferramentas” de trabalho no exercício fazedor de sujeitos políticos. Sujeitos esses que conhecem seus direitos e deveres, ou seja, sujeitos políticos capazes de diálogo — debatedores de ideias que argumentam sobre seus interesses individuais e interesses públicos, e que fundamentalmente são capazes da convivência ética em sociedade, por meio da participação direta na coisa pública e não apenas por meio do voto.

O vocabulário que permeia e dá forma a concepção de democracia tem em seu escopo conceitos estruturantes deste regime político, tais como: (1) a ideia de governo do povo ou de soberania popular, ideia esta que traz consigo a expressão da vontade política na figura de um governo/legislador que exerce e efetiva a vontade geral da sociedade; (2) o direito de associar-se, talvez um dos mais importantes mecanismos de um regime político democrático, (3) eleições livres e periódicas, elemento fundamental, pois é na possibilidade de alternância de governo que o povo escolhe e delibera sobre o formato de sociedade; (4) e o direito de expressão, etc. Todos esses princípios surgem de modo espontâneo quando se fala de democracia. Discorre-se abertamente sobre ela, mas sua definição nem sempre é explícita.

Para muitas teorias, a democracia está na presença das eleições. Para outras, há democracia quando a maioria decide o que é verdadeiro e fundamental, no entanto a

democracia não se resume a isso. A ideia mais difundida é talvez a que a democracia é o governo do povo. Mas esta ideia tampouco esgota o sentido desse regime político.

Desse modo há muitas concepções de democracia que tentam caracterizar e descrever os sistemas democráticos.

Um exemplo que pode ser apresentado, é o oferecido pelo teórico político Robert Dahl<sup>35</sup>, modelo moderno que elenca as condições necessárias para que os processos de escolha representem ao máximo a vontade das pessoas. Ele apresenta um sistema que traz todas essas condições e foi intitulado de poliarquia, um “governo de muitos”. Para Dahl as características da poliarquia são:

- Liberdade de formar e aderir a organizações;
- Liberdade de expressão;
- Direito de voto;
- Elegibilidade para cargos públicos;
- Direito de líderes políticos disputarem apoio e, conseqüentemente, conquistarem votos;
- Garantia de acesso a fontes alternativas de informação;
- Eleições livres, frequentes e idôneas;
- Instituições para fazer com que as políticas governamentais dependam de eleições e de outras manifestações de preferência do eleitorado.

Atualmente, essa maneira de se pensar a democracia parece ser a mais difundida, pois está posto por meio de instituições formais do regime político, essas instituições regimentam o fazer da democracia e tem a aparente chancela das sociedades. Porém, temos de considerar que as democracias se anunciam em níveis diferentes de desenvolvimento, desde aquelas com características autoritárias até as mais desenvolvidas. Para agravar a possibilidade de uma definição, a concepção de democracia muda continuamente no seu processo histórico.

Exposto isso, de modo breve, nos lançamos agora a investigar a perspectiva de Tocqueville sobre qual seria sua definição de democracia, de que modo o filósofo desenhou sua visão e quais elementos compunham essa figura. O autor não nos parece

---

<sup>35</sup> DAHL, Robert. **Poliarquia**. Tradução Celso Mauro Paciornik. São Paulo: EDUSP, 2012.

deixar de fora as estruturas tais como as estipuladas por Dahl, mas é enfático na radical necessidade da participação do indivíduo na construção da coisa pública e de modo direto.

Tocqueville explicita que a organização política dos americanos daquele contexto é guiada e vigiada de perto pela sociedade, em geral estes concebem, traçam, idealizam e projetam os caminhos nos quais se deve seguir, e cumprem esse papel participativo com uma proximidade impar a todas as outras sociedades. Os governos e as estruturas agem forçosamente sob este olhar atento, que tem em si a enraizada ideia de soberania do povo e faz valer sua vontade. Daí o porquê Tocqueville afirma que o estado social dos americanos se forma, “ora como um produto de fatos, ora como um produto de leis.”<sup>36</sup>

Essa afirmação é sem dúvida uma das mais fortes e significativas na tensão entre sociedade e Estado, pois é nessa relação que se dão os elos, as potencialidades e também se desconstroem as barreiras para o fazer do Estado e para a normatização da vontade do povo. É nessa instância que se debatem e arquitetam as leis baseadas nos costumes e hábitos do tecido social. É nela que se regimentam as estruturas estatais a fim de dar conta dos direitos sociais.

Se o debate, a participação e, principalmente, o reconhecer-se sujeito de direitos é um dos meios mais eficazes de estabelecer-se cidadão, então podemos concordar que, quanto mais equânime o acesso aos direitos sociais, mais fortalece e produz a maximização de escolhas e oportunidades na decisão do futuro do indivíduo numa democracia. Logo, é importante enfatizar que a noção tocquevilliana é um processo histórico. Assim, pensar a política como ação coletiva, com objetivos e direitos comuns a todos, um estado social mais abrangente e igual é uma concepção de democracia que encontra respaldo e pode ser fundamentada a partir da definição de estado social que apresenta Tocqueville. Nota-se que aspectos como igualdade e liberdade seriam necessários, mas não suficientes, para a promoção de uma real democracia, pois, segundo o autor, esta é a forma de governo à qual as sociedades modernas estariam destinadas.

No entanto, seria preciso ponderar, conforme sustenta Tocqueville, que “a grande obra da sociedade realiza-se dia a dia sob os seus olhos e, por assim dizer, entre suas mãos” <sup>37</sup>, ou seja, um dos pilares mais relevantes do processo democrático são as transformações que a democracia opera também nos seus integrantes a partir de instituições políticas fundamentais capazes de criar leis e oportunidades, assim como

---

<sup>36</sup> TOCQUEVILLE, 2001, p. 55.

<sup>37</sup> TOCQUEVILLE, 2001, p. 358.

instituições educacionais capazes de estimular novos hábitos de cidadania em sentido concreto.

De acordo com esse raciocínio, seria pertinente ter presente que, de acordo com o pensamento tocquevilleano, um estado social concreto — estabelecido numa certa região geográfica com indivíduos, leis, hábitos e costumes — se faz soberano ao possibilitar que seus integrantes participem na escolha de seus governantes, que se candidatem ao exercício do poder. Além disso, esse estado social apresentaria uma certa equivalência de oportunidades que promoveria o desempenho profissional e intelectual de seus indivíduos. E é justamente a partir de um tal estado social concreto que Tocqueville evidencia uma democracia efetiva, mas que não pode ser expressa num conceito fixo, visto que a observa enquanto um processo em curso naquele tecido social.

Ora, analisar a relação entre estado social e democracia no pensamento político tocquevilleano, tal como nos propomos aqui, pressupõe abarcar, em certa medida, a fluidez dessas noções, visto que uma interfere na outra, isto é, o pensador francês teria buscado definir sua noção de democracia a partir da ideia de um estado social sempre sujeito a mudanças, estas que têm consequências no processo democrático, restando uma noção de democracia em processo. Por isso, o autor não deixa de apontar os vícios e as virtudes de um sistema democrático, assim como aquilo que podemos esperar ou temer dele.

Em certa medida, poderíamos compreender que a democracia não se limita apenas a um regime político, mas pode ser considerada também uma forma social de “existência coletiva” por meio da qual se institui uma sociedade plural e igualitária.

## **O ESTADO SOCIAL**

O estado social dos americanos no contexto em que Tocqueville elabora sua obra é específico e retrata de algum modo a estrutura social posta nos seus mais diversos espaços geográficos. O francês descreve de maneira habilidosa, com riqueza de detalhes, a chegada dos anglo-saxões no novo mundo. A bagagem trazida por eles tem ideias rígidas oriundas de uma moral religiosa dogmática e vontade de liberdade e igualdade.

O retrato revelado por Tocqueville da emigração traz na sua feitura um grupo bastante diverso de indivíduos e muitos costumes, ideias e opiniões, cada qual levado para uma região da extensa área territorial dos EUA. Nessa numerosa quantidade de

emigrantes há uma diversidade do que podemos chamar de “valores”, nos quais continham em sua raiz princípios não aristocráticos, que somados aos valores de liberdade e igualdade fez revelar ali um regime político democrático.

A insistência do autor em mostrar que a condição inicial ou ponto de partida da sociedade americana é sem dúvida crucial ao que ela virá a ser ou já é na época de sua estadia é justificável, pois com isso ele esboça como construir sua teoria e entende a questão da igualdade de condições.

As bases religiosas dogmáticas, o espírito livre para a política são características que se complementam sob a ótica de Tocqueville, esses elementos dão corpo às ideias democráticas que a sociedade americana tem presente em seus hábitos, atos e deliberações, sejam essas características conscientes ou não, elas entremeiam o tecido social e estruturam o estado social americano.

A forma de governo aplicada na Nova Inglaterra é original em sua implementação. A forma de concepção e aplicação das leis austeras resultado do puritanismo religioso trazido da Inglaterra — que tinha como uma das bases o texto bíblico na formulação das leis — em conjunto com o poder soberano das comunas apresentaram resultados muito diferentes dos já vistos até então. Além desses elementos há também enraizada na sociedade ainda em fase inaugural um aspecto bastante significativo, a saber a educação de todos os membros da sociedade. A ignorância é combatida de modo severo a ponto de o Estado assumir o papel da família quando essa não supre as suas crianças a educação. Os magistrados têm como obrigação e, portanto, podem multar os indivíduos, tributar e construir escolas em todas as comunas,

considerando que a educação das crianças é um dos primeiros interesses do Estado, [...] seguem-se as disposições que criam escolas em todas as comunas e obrigam os habitantes, sob pena de fortes multas, a tributar-se para sustentá-las. Escolas superiores são fundadas da mesma maneira nos distritos mais populosos. 38

Para corroborar com essa ideia, Tocqueville também afirma que o estado social quase sempre é o efeito ou o resultado de duas causas (fatos e leis) concomitantemente. Desse modo, para o pensador francês, um estado social concreto, ao mesmo tempo em

---

<sup>38</sup> TOCQUEVILLE, 2001, p. 49.

que se vale de leis para se constituir também se torna gerador delas, assim como é capaz de modificá-las.

Tal concepção de estado social poderia ser ilustrada pela imagem de uma via de mão dupla, visto que ele é um produto de fatos e leis, mas também é gerador dos mesmos, ou melhor, um efeito que se volta para suas causas quer modificando-as, quer produzindo-as. Como afirma o filósofo,

[o estado social] uma vez que existe, podemos considerar ele mesmo como a causa primeira da maioria das leis, costumes e ideias que regem a conduta das nações; o que ele não produz, ele modifica. 39

É importante observar desde já que essa noção de estado social tocquevilleana foi elaborada a partir de um contexto concreto e com o seguinte propósito: analisar a gênese da democracia na América do Norte. Foi, sobretudo, a partir da análise do estado social dos anglo-americanos que o pensador recolheu exemplos e argumentos que contribuíram para definir, em certa medida, a sua noção de democracia no interior de sua filosofia política:

Poderíamos fazer várias observações importantes acerca do estado social dos anglo-americanos, mas há uma que domina todas as demais. O estado social dos americanos é eminentemente democrático. Teve esse caráter desde o nascimento das colônias e o tem mais ainda nos dias de hoje. 40

A análise de Tocqueville sobre o estado social dos anglo-americanos coincide com o seu interesse em estudar a eficácia da democracia. Em *Democracia na América* — obra que baliza nossa pesquisa —, a principal tese de Tocqueville é a de que a democracia é efetiva quando tem como origem um estado social igualitário que se constitua de forma “espontânea” no processo de formação da sociedade a partir de leis e costumes ou das duas causas, simultaneamente.

Desse modo, o pensador francês se refere à atividade política como ações coletivas e objetivos comuns que possibilitam um estado social mais igual, abrangente. Em certa medida, a análise tocquevilliana do estado social que promove uma democracia real pode ser definida pela igualdade de condições entre os integrantes desse estado. Aliás, como salienta o autor,

---

<sup>39</sup> TOCQUEVILLE, 2001, p. 55, colchete nosso.

<sup>40</sup> TOCQUEVILLE, 2001, p. 55.

entre os novos objetos que me chamaram a atenção durante minha permanência nos Estados Unidos nenhum me impressionou mais do que a igualdade de condições. Descobri sem custo a influência prodigiosa que exerce esse primeiro fato sobre o andamento da sociedade; ele proporciona ao espírito público certa direção, certos aspectos às leis; aos governantes, novas máximas e hábitos particulares aos governados <sup>41</sup>.

Compreendemos que Tocqueville se refere à igualdade de condições como um fato por tê-la observado na sociedade norte-americana. Ou seja, não se trata de um princípio que fundamentaria um ideal de democracia, mas uma realidade social constatada a partir de seu método filosófico-sociológico <sup>42</sup>.

Com isso, o pensador francês percebe que existe uma tendência à igualdade entre os homens que os destina<sup>43</sup> ao regime democrático, pois este consiste na continuidade do nivelamento das condições. Desse modo, os aspectos descritivos<sup>44</sup> do estado social americano são evidenciados por Tocqueville sempre em consonância com uma igualdade social que não significa apenas a ausência de diferenças hereditárias de condições, mas que todos os cargos, as profissões, títulos, privilégios estão disponíveis a todos. Neste caso, pensar um governo democrático, a partir da filosofia tocquevilleana, é descrever uma sociedade mais igualitária, que por não possuir uma desigualdade essencial entre os membros da coletividade, permite que a soberania desta sociedade passe naturalmente a pertencer a seus indivíduos.

Desse modo, como o estado social também é produtor de legislação, a igualdade social, ao se constituir como lei, promove direitos que permitem a participação dos indivíduos na eleição de seus governantes e no exercício do poder.

Dessa perspectiva, consideramos que estado social e democracia são noções correlatas que não podem ser analisadas dissociadamente. Mais que isso, poderíamos

---

<sup>41</sup> TOCQUEVILLE, 2001, p. 7.

<sup>42</sup> Segundo Claude Lefort, Tocqueville não pode ser acusado de historicismo ou de sociologismo por ter averiguado a eficácia de uma ideia, quando inserida numa época e contextos definidos, pois, “o que é justo não é relativo a um dado tempo ou uma dada forma de sociedade; a verdade que advém põe os homens em condições de pensar o que antes era impensável” (LEFORT, 1999, pp. 59-60).

<sup>43</sup> De acordo com Helena Esser dos Reis, Tocqueville assume, em certa medida, uma perspectiva providencialista em sua obra *Democracia na América*, visto que defende “uma inevitabilidade do vir-a-ser da igualdade de condições e considera condição social como o ‘fait générateur’ de tudo o mais, inclusive das relações políticas” (REIS, 2009, p. 99). Sobre o tema da providência em Tocqueville conferir também Jasmin (2005).

<sup>44</sup> Tocqueville descreve diversos aspectos do estado social americano que contribuíram para que igualdade de condições se desenvolvesse, como a situação geográfica e histórica, o sistema moral-religioso dos fundadores da nação e dos imigrantes, os hábitos e costumes, a religião, e, principalmente as boas leis. Cf. Aron (1999).

considerar a nossa hipótese segundo a qual o estado social que propicia o nascimento de uma democracia pressuporia, em certa medida, uma base democrática tendo como premissas fundamentais a igualdade e a liberdade. E isso implica afirmar que quando Tocqueville dirige seu olhar para o corpo social americano, já percebe nele uma democracia. Nas palavras do pensador,

confesso que vi na América mais que a América; procurei nela uma imagem própria de democracia, de suas propensões, de seu caráter, de seus preconceitos, de suas paixões; quis conhecê-la, ainda que só para saber pelo menos o que devíamos dela esperar ou temer. <sup>45</sup>

Um dos nossos interesses é estabelecer como que, para Tocqueville, e se possível de qual maneira os aspectos descritivos, a saber, situação geográfica, histórica, sistema moral-religioso dos fundadores da nação e dos imigrantes, os hábitos e costumes, a religião, e, principalmente as boas leis, foram fundamentais para o estabelecimento do estado social conforme descreve o filósofo.

Para o autor, uma das principais características para a formação de um estado social igualitário é a educação que propicia um “nivelamento” intelectual, mas é também a lei de sucessão que dá um caráter substancial às peculiaridades da formação deste, pois

O povo, em nome da qual se tinha combatido, o povo, que se tornara potência, concebeu o desejo de agir por conta própria; os instintos democráticos despertaram; rompendo o jugo da metrópole, tomou-se gosto por toda espécie de independência; as influências individuais cessaram pouco a pouco de se fazerem sentir; os hábitos, assim como as leis, começaram a caminhar concordes em direção ao mesmo objetivo, *em acordo com a vontade do povo*. Mas a lei de sucessões é que fez a igualdade dar seu último passo <sup>46</sup>.

O conjunto de elementos que compõem a estrutura do estado social são fatores que definiram o sucesso do nascimento de um regime político democrático, disso não se segue que em outro contexto a democracia não seja capaz de se fazer, afinal é ela um processo histórico. No entanto, a situação encontrada pelo autor favoreceu enormemente a realização da democracia daquele Estado-nação. Os imigrantes trouxeram consigo mais que a vontade de um mundo novo conforme era a promessa da América. Levaram

---

<sup>45</sup> TOCQUEVILLE, 2001, p. 20.

<sup>46</sup> TOCQUEVILLE, 1998, pp. 56, 57, grifos nossos.

consigo, noções de igualdade, de liberdade e logo na chegada entenderam que deveriam se reunir na coletividade para poder formar uma sociedade. É óbvio que essa decisão de se apoiar em conjunto não surge de modo espontâneo, mas sim da necessidade de agrupar-se a fim de conquistar objetivos que beneficiariam a todos.

A dura moral religiosa em conjunto com a vontade de liberdade individual fez com que fossem elaboradas leis e regras rígidas com punições firmes, mas também ampliou a participação na vida da coisa pública. Ao mesmo tempo que se constituía uma sociedade moral de regras fundamentadas na religião, também se constituía em outra medida uma sociedade participativa, com desejo de liberdade civil e política, ao ponto de gerar ali uma democracia até então não vista na Europa. Além dessas duas características, o espaço geográfico foi também determinante na gestação desse regime político, pois as grandes distâncias fizeram com que houvesse a necessidade de descentralização dos poderes, logo esse atributo “natural” colaborou com a aptidão do indivíduo americano tomado pela ideia de soberania do povo em participar de todos os aspectos da vida política da sociedade, fosse ele candidatando-se aos cargos e funções públicas, ou deliberando sobre quem o ocupa.

Contudo, como já mencionamos, para o autor três elementos agiram ou de forma mais significativa na formatação do modelo de estado social americano e que se tornou o fator inicial do como o francês o encontrou na ocasião de sua visita, foram eles: a *lei de sucessão*, a *educação* e a ideia de *soberania do povo*. Ambos os aspectos desenvolveremos nas seções a seguir.

## **A LEI DE SUCESSÃO**

Para Tocqueville, a grande e basilar mudança na estrutura social americana e que deu cabo às discrepâncias naquele contexto foi, sem dúvida, a lei de sucessões, pois com seu caráter “distributivo” ela redesenha a faceta econômica das famílias e dos grandes proprietários, diferentemente da lei que estabelece o direito de herança ao primogênito, que era o modelo europeu via de regra.

A lei conforme estabelecida na sociedade americana, distribui de forma igual os bens entre os filhos, e estes com maior ou menor virtude os conserva ou deles se desfaz. O traço mais marcante dessa estrutura de lei é que ela, em pouco tempo, é capaz de

estabelecer na sociedade certa igualdade de condições entre os indivíduos, pois sua característica principal é a ação sobre a estrutura das famílias e das propriedades:

a lei da partilha igual não exerce sua influência apenas sobre a sorte dos bens; ela também age sobre a própria alma dos proprietários e chama as paixões deles em seu auxílio. Seus efeitos indiretos é que destroem rapidamente as grandes fortunas e, sobretudo, as grandes propriedades fundiárias”.

Assim, como já afirmado anteriormente as leis e os fatos sociais permeiam e formatam a sociedade dissociadamente, um é premissa para o outro e vice versa, cabe reforçar que a mudança no formato da lei de sucessão causou também o desmembramento paradigmático das famílias conforme se via nas aristocracias, a manutenção do grupo social denominado família em torno das grandes propriedades e latifúndios rompem-se, com isso se desfaz também os laços e costumes mantidos pela lei do primogênito, o que exponencia ainda mais a mudança no corpo social americano.

Esse formato diferenciado na lei de sucessão é uma das primeiras leis através das quais os anglo-americanos fizeram valer sua vontade frente aos costumes da terra por eles deixada.

Essa alteração tem por si só grande força sobre a estrutura socioeconômica, e apresenta também grande influência sobre as tradições no formato do espírito da família. Por motivo evidente, segundo Tocqueville, às famílias abastadas de posse de grandes latifúndios, têm por costume manter-se unida por gerações no molde de sucessão de herança do primogênito. Contudo no modelo em que a herança é distribuída de igual modo e quantidade entre os filhos essa unidade não permanece. Com o recebimento da herança, os descendentes, têm condições de não ser menos ricos que o genitor, em outros casos, não raramente, sem a mesma sorte, estes tendem a se desfazer das terras a fim de atender necessidades outras, pondo fim na propriedade fundiária.

Essa prática, além de desfigurar a dimensão das fortunas em torno de uma única família, rompe também com a ideia do espírito de família, pois a manutenção da honra e do nome em torno da terra que a representava já não existe mais. Sendo assim já não há mais a necessidade de se perpetuar a família por esses laços — origem, glória, potência e virtude — ou ao menos isso não se faz mais pela propriedade fundiária.

Assim, não apenas a lei de sucessões torna difícil para as famílias conservar intactas as mesmas terras, como tira-lhes o desejo de tenta-lo e leva-as, de certa forma, a cooperar com essa lei para a sua própria ruína. [...] A lei da partilha igual procede por dois caminhos: agindo sobre a coisa, ela age sobre o homem; agindo sobre o homem, ela chega à coisa. [...] Das duas maneiras, ela consegue atacar profundamente a propriedade fundiária e fazer desaparecer com rapidez tanto as famílias como as fortunas. <sup>47</sup>

O resultado dessa lei é a reestruturação do corpo social e das posses no território americano. A lei de sucessão se estabeleceu sobre a maioria dos Estados americanos e num intervalo de apenas sessenta anos o aspecto da sociedade é totalmente outro, a condição das famílias e dos grandes latifúndios é outra e quase todos têm agora funções sociais muito próximas da grande massa. São eles agora comerciantes, advogados, médicos, etc. o que nos conduz novamente ao elemento da igualdade de condições do estado social americano.

## A EDUCAÇÃO

Em paralelo à lei de sucessão — referente à transferência de bens e propriedades - Tocqueville demonstra que o aspecto intelectual dos americanos naquele contexto social tem semelhanças:

não só as fortunas são iguais: a igualdade se estende até certo ponto às próprias inteligências. Não creio que haja país no mundo em que, guardada a proporção com a população, encontremos tão poucos ignorantes e menos sábios do que na América. <sup>48</sup>

Este aspecto está estabelecido na sociedade americana daquela época e já é um valor evidente. Logo, ressalta Tocqueville, devido à disponibilidade de recursos, os americanos em sua maioria podem ter acesso a uma educação básica sem muito esforço. Tal possibilidade esbarra na necessidade de se obter ainda na idade juvenil uma colocação profissional, o que faz com que os indivíduos deixem de lado a possibilidade de um estudo mais avançado e ingressam de maneira prematura na vida laboral. Essa condição fez com que a sociedade americana estabelecesse um nível médio de conhecimentos humanos,

---

<sup>47</sup> TOCQUEVILLE, 1998, p. 59.

<sup>48</sup> TOCQUEVILLE, 1998, p. 61.

pois todos se dedicam de forma mais dispendiosa a um ofício e, quando se interessam por uma ciência, têm em mente aquela cuja utilidade é mais reconhecida ou que demonstra maior possibilidade lucrativa.

É manifesto o interesse pela educação da sociedade americana do contexto da visita do francês conforme citamos na introdução desse trabalho,

considerando que a educação das crianças é um dos primeiros interesses do Estado, [...] seguem-se as disposições que criam escolas em todas as comunas e obrigam os habitantes, sob pena de fortes multas, a tributar-se para sustentá-las. Escolas superiores são fundadas da mesma maneira nos distritos mais populosos. <sup>49</sup>

As disposições de fundação de escolas em todos os níveis e comunas torna indubitável que a educação para os americanos era um valor social. Parece-nos que a falta de dedicação a uma vida de estudos está entrelaçada à necessidade de trabalho, logo na medida em que se atinge certa idade e se desenvolve capacidade laborativa, os estudos acadêmicos são postos de lado e na idade avançada já não há mais interesse por essa atividade. Essa peculiaridade da sociedade não fez nascer ali a cultura da necessidade ou incentivo da transmissão dos prazeres dos estudos da cultura e da ciência, nem certo apreço pelos gostos dos trabalhos da inteligência. Toda essa conduta fez com que se estabelecesse no que tange aos conhecimentos humanos certo nível mediano. Todos têm aproximadamente os mesmos conhecimentos.

Estabeleceu-se na América, nos conhecimentos humanos, certo nível mediano. [...] encontramos assim uma imensa multidão de indivíduos que tem mais ou menos a mesma quantidade de noções em matéria de religião, história, ciências, economia política, legislação, governo. <sup>50</sup>

Sem demora, resgatando as duas dimensões mais evidenciadas pelo autor até então quanto à estrutura do estado social americano, a primeira é o padrão econômico estabelecido pela lei de sucessão, de acordo com a qual os homens demonstram certa similaridade em suas fortunas, o que os impele a encontrar e desenvolver meios de sobrevivência inserindo-os nas funções e responsabilidades da sociedade, como a grande maioria das pessoas. Sejam esses cargos públicos ou as demais formas de trabalhos a

---

<sup>49</sup> TOCQUEVILLE, 2001, p. 49.

<sup>50</sup> TOCQUEVILLE, 2001, p. 62.

disposição na sociedade, a segunda é a educação que confere aos indivíduos certo nivelamento dos conhecimentos oferecidos nas instituições de ensino à disposição da sociedade. Este nivelamento pode ser entendido como consequência da lei de sucessões, pois esta implica diretamente na permanência ou não destes indivíduos nos “trabalhos da inteligência” (permanência na vida acadêmica), mesmo que isso se dê pela não vontade de se dedicar a essa dimensão. Em vista disso é possível entender como Tocqueville entende o estado social que ele denomina de igualdade de condições. Vale lembrar também que isso se dava na maioria dos Estados americanos, mas não em sua totalidade geográfica nem para todos os povos que ali habitavam, como os negros e índios.

Essas duas características estruturantes da base do estado social americano são para o filósofo, em conjunto com a ideia de soberania do povo, tópicos que possibilitaram a arquitetura da democracia, pois:

o tempo, os acontecimentos e as leis, ao contrário, tornaram o elemento democrático ali não apenas preponderante, mas por assim dizer único. Nenhuma influência de família nem de corpo se deixa perceber; muitas vezes até não seríamos capazes de lá descobrir uma influência um tanto duradoura. A América apresenta, pois, em seu estado social, o mais estranho fenômeno. Lá os homens se mostram mais iguais por sua fortuna e por sua inteligência, ou, em outras palavras, mais igualmente fortes do que são em qualquer outro país do mundo e do que foram em qualquer outro século de que a história conserve lembrança. <sup>51</sup>

Desta maneira, nos parece que os aspectos apresentados por Tocqueville, ao menos no terceiro capítulo de *A Democracia na América*, esboçam a estrutura básica de formação do estado social americano naquele contexto. Obviamente, não se pode deixar de lado as outras e importantes características, no entanto, o autor enfatiza essas duas causas e mostra também como elas influenciam na engenharia política-social daquela nação.

Se essa base social igualitária é premissa para a instituição e fortalecimento de um regime democrático, é também justificada pela vontade de igualdade e liberdade individual dos americanos. Essa vontade e busca por igualdade permeia as relações postas, sejam elas entre indivíduos, seja entre indivíduos e instituições. Isso deu aos americanos a clareza de que para se manter o estado de igualdade era necessário a

---

<sup>51</sup> TOCQUEVILLE, 1998, pp. 62-63.

articulação e união da sociedade, o que fez com que se unissem nos mais diversos tipos de associações e filiações políticas. Essa condição de associativismos dos mais diversificados amplia de modo significativo a abertura para tomadas de decisão coletivas, e de certo modo, para o bem comum.

A descrição de como se dá a formação do estado social americano naquela época e em um contexto específico, não deixados de lado os aspectos descritivos de formação daquele país, parece engendrar os elementos de um regime democrático. Disso não se segue que estado social e democracia estão um para outro na mesma proporcionalidade. Neste caso, sendo uma premissa e causa da outra.

Ainda que pareça frágil pressupor esses dois aspectos como base estruturante de uma sociedade, não nos parece inviável, pois ambos condicionam o comportamento e o tecido social a buscar formas coletivas de deliberação da coisa pública, sempre resguardando a igualdade de oportunidades em seus mais diversos caminhos e de forma ainda mais acentuada a liberdade individual de cada um. Se esse desenho engendra um regime político democrático, certamente isso se dá na medida em que os primeiros ingleses chegaram na América, não deixando que ali se implementassem os ideais aristocráticos, mesmo que possa ainda ter sido mantida muitas das nuances desse regime.

Quaisquer que sejam as mudanças sociais através de seus fatos, novos ou antigos, estes propiciam a forma participativa, na perspectiva de fortalecer e garantir as liberdades e igualdades — gerar novas leis e costumes é incumbência do corpo social através do tensionamento do Estado. Isso tem efeito similar nas esferas administrativas do Estado. Quando este produz normativas, leis e regimentos a fim de conduzir o corpo social, ele também produz e modifica o comportamento da sociedade, e assim o é nas gerações subsequentes, pois os novos sujeitos que aportam na nação se encontram submetidos não só ao padrão social, cultural, moral estabelecido nos costumes, mas também às leis e normativas estatais.

Logo podemos reiterar que o corpo social em relação ao Estado é o elo sintetizador da vontade, dos costumes e hábitos da sociedade e que estes têm papel fundamental na organização e produção de novos mundos possíveis, a partir das leis e fatos que produz cotidianamente. Desse enfoque é lícito afirmar que Tocqueville pensa o Estado a partir da sociedade.

Não parece óbvio, mas o pano de fundo não arraigado aos paradigmas aristocráticos pôde estabelecer, nos Estados Unidos daquele contexto e época, condições para tal organismo vivo como é um regime democrático. Quaisquer outros elementos que

não estes constituídos pela participação da sociedade e formatação de suas leis impediriam o seu avanço.

Uma conjuntura menos favorável à formação de uma sociedade democrática — a partir do colonizador, bem como o não nivelamento intelectual, econômico, e sem dúvida a conseqüente não participação efetiva da sociedade no corpo político, parece ser mesmo que circunstancialmente a realidade de sociedades que tiveram em sua gênese outros aspectos basilares, situação essa que gera como resultado os mesmos aspectos que a formam, a saber, mais desigualdade. Este efeito é de muita importância, é um resultado de proporções excessivas, que faz com que essa desigualdade seja lentamente exponenciada por ela mesma. A busca por igualdade e liberdade é dirimida por necessidades mais imediatas, como por exemplo, a auto conservação.

Os mecanismos de mudanças e os fatos sociais para reverter essa situação não estão contemplados no desenho da via de mão dupla de Tocqueville. Essa normatização jurídica-política é unilateral, mesmo que reflexo do modelo representativo — logo não reverbera, não produz novas oportunidades, novos hábitos, nem padrões que possam corroborar para o avançar e a conquista da igualdade, que é premissa para a democracia.

Resgatando Tocqueville:

[o estado social] uma vez que existe, podemos considerar ele mesmo como a causa primeira da maioria das leis, costumes e ideias que regem a conduta das nações; o que ele não produz, ele modifica.<sup>52</sup>

Com isso, se o regime democrático se faz eminentemente pela participação ativa da sociedade que está radicada nas suas leis, costumes, sentimentos e opiniões, como pode esta sociedade romper com aquilo que lhe dá forma?

Parece paradoxal, pois, para ser o que se espera dela, a democracia deverá simplesmente se refazer paulatinamente. Esta situação instiga e torna necessário o entendimento sobre como está definida a questão da igualdade social. Como a partir de condições tão diversas daquelas descritas por Tocqueville pode-se inserir os marginalizados? Como a democracia deverá dar conta dessa equação?

Se a democracia se faz da igualdade de condições e com a participação da sociedade nas esferas estatais, bem como na sua movimentação cotidiana tendo como base seus aspectos descritivos de formação — o que por si só já mostraria o porquê da

---

<sup>52</sup> TOCQUEVILLE, 2001, p. 55, colchete nosso.

separação dos sujeitos em suas condições sociais específicas — o desafio seria encontrar ou inserir outros aspectos que pudessem romper com os anteriores sem destitui-los em sua totalidade a fim de ao menos nivelar tal desproporção nas condições de partida.

Se a hipótese de que um estado social de igualdade de oportunidades para todos, mesmo que mínimas, é premissa básica para o desenvolvimento da democracia conforme observado por Tocqueville, não basta que numa sociedade de desigualdades produzidas tenha condutas, hábitos, ideais e leis democráticas. É preciso tencionar o Estado a efetivar certo nivelamento social, seja a partir de políticas afirmativas, seja por medidas de inserção do sujeito na vida intelectual e subsequente na produtiva, já que é observado que na estrutura social latifundiária, a imensa maioria não será beneficiada pela lei de partilha, mesmo que em proporções idênticas entre os filhos dos proprietários das terras.

A partir do que foi observado, os ideais político-representativos desse Estado-nação não produzem fatos sociais, ao menos não de forma rápida e significativa, nem novas leis capazes de fazer tal nivelamento de condições, a ponto de se encontrar nesse caso apenas os elementos burocráticos, normativos e administrativos da arquitetura necessária de um regime democrático básico. Porém quando se trata do esforço da sociedade em fazer parte da vida coletiva, da coisa pública e dos mecanismos de deliberação do Estado, por vezes, se vislumbra talvez a possibilidade do que se espera de um regime, mesmo que na sua perspectiva ideal de equalização social, pois com a inserção do povo a partir no debate na vida pública, criam-se novas vivências, perspectivas, leis, direitos e assim, novos mundos possíveis.

## **CONSTITUIÇÃO DA SOBERANIA DO POVO**

É pertinente entender como se desenha o tecido social americano a fim de elucidar como operava o princípio da soberania daquele povo no contexto de 1830. A ideia de soberania do povo não é naquele contexto apenas uma perspectiva ideal a se realizar, ela permeia fortemente os indivíduos em suas mais diversas camadas sociais. O povo faz valer sua vontade nacional nas mais diversas instituições públicas, nas leis, nos costumes e conseqüentemente nas ações tomadas por seus representantes eleitos.

Na América o princípio da soberania do povo não é oculto ou estéril, como em certas nações; ele é reconhecido pelos costumes, proclamado pelas leis; estende-se como liberdade e chega sem obstáculos às últimas consequências. <sup>53</sup>

Ainda não há o voto universal, mas alguns Estados já instituíram esse direito e inseriram no seu governo formas de representação da vontade do seu povo;

O Estado de Maryland, que fora fundado por grandes senhores, foi o primeiro a proclamar o voto universal e introduziu no conjunto de seu governo as formas mais democráticas. <sup>54</sup>

O poder social gerado pelo reconhecimento e o sentir-se pertencente nas decisões da coisa pública e nos caminhos que o Estado-nação deve seguir é uma marcha que não recua, é nas palavras de Tocqueville “providencial”. O fato de que a soberania do povo rege as normas, as leis e os costumes sociais são irreversíveis no Estado americano. Essa força social está tão arraigada no tecido social que ninguém sequer conjura outra possibilidade. O povo participa de todos os níveis de decisão e nas escolhas de seus representantes e os investiga de perto e a todo o momento, podendo dizer até que governa a si mesmo;

O povo participa da composição das leis pela escolha dos agentes do poder executivo; [...] a tal ponto ela é marcada por sua origem popular e obedece ao poder de que emana. O povo reina sobre o mundo político americano como Deus sobre o universo. Ele é a causa e o fim de todas as coisas. Tudo provem dele e tudo nele se absorve (H). <sup>55</sup>

O autor é recidivo em seus exemplos para demonstrar a aproximação entre o percurso histórico da democracia e a apropriação da ideia de soberania do povo na sociedade americana ao ponto de enfatizar a sua força de modo tão evidente que não há contramedida que possa conter esse percurso. Logo escreve o autor,

---

<sup>53</sup> TOCQUEVILLE, 1998, p. 65.

<sup>54</sup> TOCQUEVILLE, 1998, p. 67.

<sup>55</sup> TOCQUEVILLE, 1998, p. 68.

As altas classes submeteram-se, pois sem murmúrio e sem combate a um mal dali em diante inevitável [...] como não podiam mais arrancar a força das mãos do povo [...] não pensaram em outra coisa que não conquistar a qualquer preço o seu beneplácito. <sup>56</sup>

Presumir que a questão do estado social de igualdade de oportunidades formalizado na obra por Alexis de Tocqueville se espelha no modo como a sociedade americana se vê perante os organismos estatais nos seus mais diversificados aspectos não nos parece um equívoco. No entanto cabe ressaltar que essa situação pode e certamente é fruto da via de mão dupla<sup>57</sup> da constituição da sociedade em questão, logo se pode imaginar que uma opera na composição da outra de forma recíproca.

Se o povo americano tem na sua constituição de governança a máxima de que o povo deve exercer sua vontade, seja de forma direta ou através de seus representantes, isso se deve à formatação do seu corpo social, à força que o conjunto de indivíduos tem nas deliberações da cidade e da vida coletiva, mas também na alicerçada convicção de que se não respeitada a soberania do povo, destitui-se seus representantes.

Com a mesma dinâmica que a ideia de soberania do povo e seguindo padrões parecidos deu-se o nascimento e a constituição das comunas no território americano. Elas são a base do corpo político, tudo é discutido e deliberado nessa instância pela maioria dos habitantes, tudo que compreende a atuação do Estado passa antes pelas assembleias comunais: as decisões, as indicações e destituição de seus representantes — magistrados — a nomeação dos cargos que serão ocupados nas responsabilidades do governo local, etc. Antes de qualquer ato, são objeto de discussão e decisão do povo. Mesmo que composta pelos mais diversos componentes e que estes possam por vezes não compartilhar dos mesmos anseios, a comuna é soberana na coisa pública.

Dotada de enorme liberdade as deliberações desta quase nunca sofrem interferência de instâncias outras, tais como; o Condado, o Estado ou a União. Estas últimas só instituem

---

<sup>56</sup> TOCQUEVILLE, 1998, p. 67.

<sup>57</sup> A análise da forma com que tecido social americano se estruturou feita por Tocqueville no contexto de sua visita é por ele associada a imagem de uma via de mão dupla. Essa forma de movimentação na sociedade pode ser entendida como uma das características fundamentais e tem papel cumpridor na arquitetura não só as instituições daquele Estado-nação, mas, como pode se imaginar no seu inverso, a ação do Estado em direção a sociedade e na sua dinâmica cotidiana a altera de modo significativo, pois um é criado pelo outro na mesma proporção, o que se modifica em uma esfera reverbera na outra e vice-versa. Ainda a fim de esclarecer essa expressão tão significativa de Tocqueville, posto que sob o prisma do autor é a causalidade social uma via de mão dupla; a democracia é consequência do estado social que se encontra ao ponto que um estado social ativo e participante da coisa pública só é possível em uma democracia — logo todo ato social materializa-se no Estado e todo ato Estatal tende a ganhar corpo no tecido social, por vezes, como é no caso das leis, modifica os hábitos e costumes daquele povo.

diretrizes a serem seguidas, mas quando a execução se volta para a comuna, essa tem poder de instituir as regras de como se fará o cumprimento do bem que vamos aqui chamar de “*social*“. No caso de uma nova estrada, por exemplo, essa por ser de interesse coletivo, não pode ser “proibida” sua execução pelo poder comunal. Uma escola segue o mesmo roteiro, entretanto, é na comuna que se discutirá a localidade, as formas de tributação para construção e manutenção destas instituições.

A ideia é que a coisa pública, o bem coletivo e as deliberações do destino da comuna são tão íntimas aos costumes e hábitos dos seus moradores que vigiam de perto tudo o que ocorre. O povo faz cumprir sua vontade de modo particular e sem necessidades de representantes, esse mesmo delibera sobre os caminhos da sociedade em que está inserido,

na comuna, como em tudo mais, o povo é a fonte dos poderes sociais, mas em nenhuma outra parte ele exerceu seu poder de maneira mais imediata.<sup>58</sup>

Parece redundante enfatizar tanto a formatação e configuração da organização da sociedade daquele contexto, mas não o é, pois um pujante e pulsante regime político democrático se faz perante bases fortes com elementos dos costumes e concepções firmes, o que para Tocqueville, no caso dos EUA, pode ser constatado na forma orgânica das comunas, no seu advento quase que espontâneo. Ela se faz, não se pode dizer que os indivíduos a planejaram para ser o que é, mas agora que é, faz parte da cultura, do imaginário, ideias e sobretudo dos costumes e leis que regem esta sociedade. Com isso é circular que o poder do povo impere sobre suas instituições, posto que é assim que está determinado sob a ideia de soberania do povo.

As comunas são acima de tudo soberanas, logo instituídas de autoridade que é acima de tudo a lei. Com relação à pergunta recorrente — como fazer com que os moradores e funcionários da comuna obedeçam? — a estratégia aplicada na Nova Inglaterra é sobretudo perspicaz, embora passível de críticas, segundo o autor. O sistema de hierarquias praticamente inexistente, posta a condição de soberania comunal. Logo, instituiu-se regras para conservar a liberdade e a ordem social, o sistema judiciário e punitivo na esfera administrativa é efetivado pela corte das sessões, quase sempre na forma de multa.

Os juízes de paz são nomeados a fiscalizar, e se for o caso, punir os atos fora do esperado na conduta do indivíduo, do funcionário e do político, cada uma na sua esfera,

---

<sup>58</sup> TOCQUEVILLE, 1998, p. 72.

respeitada a forma do delito. No caso do indivíduo, aplica-se a pena de multa ou de prisão, caso este não obedeça a lei. Quando o funcionário e o político não desempenha com dedicação ou zelo a função para qual foi eleito conforme prevê a lei ou por fazer o contrário do que diz a lei, e se a infração é constatada, são multados, em outras vezes, sofrem, apenas a pena da não reeleição ao cargo, que ocorre anualmente, sendo a última a forma de punição da comuna exercer sua vontade.

O que nos parece importante ressaltar sobre essa forma de administração da Nova Inglaterra é que acima de tudo a lei é a forma de autoridade maior, que não tem um agente central e menos ainda hierarquizado, pois o poder está no povo, soberano e detentor dos costumes acerca dos quais se faz a lei.

A forma descritiva nessa obra e a quantidade de exemplos que ele dá sobre o poder comunal perante as outras esferas federativas, mostra o quão isso é significativo na estrutura social, e como isso reverberou em todas as instituições administrativas do Estado, sem deixar de lado a necessidade de uma regra que coaja a todas a obedecer às leis respeitando o coletivo em detrimento do interesse particular.

Em análise secundária, Tocqueville se volta para outros Estados americanos e neles percebe pequena diferença na aptidão de participação dos indivíduos na coisa pública. Essa atividade moderada não faz da realidade social destes Estados algo muito diferente da estrutura organizacional política da Nova Inglaterra, mas, muda um pouco a configuração no exercício das funções. De modo geral, a constituição da comuna se dá na mesma forma mencionada anteriormente. O povo ainda elege seus representantes e acompanha a execução das tarefas, mas também delega a deputados e magistrados a administração como um todo.

O modo diversificado da configuração político administrativa destes Estados não altera a ideia de soberania do povo nem destitui as não hierarquias entre os cargos e funções. O magistrado e os deputados assumem papel importante na administração e aplicam multas e sanções administrativas. No entanto, é o povo que tem o poder de exoneração por meio das eleições.

Essa situação americana encanta Tocqueville, que a vê como modelo. Embora não esteja ele preocupado em levar o exemplo americano para a França, ele demonstra apreço pelo formato do estado social americano e como este se deu. Sobretudo ele dá ênfase aos “valores” conservados, aplicados, transformados e ressignificados por esta sociedade. Suas leis, seus costumes e seus hábitos são estruturantes de um governo descentralizado e democrático sob o prisma desenhado pelo autor. Pensar a sociedade americana sob a

ótica toquevilliana é sem dúvida considerar as ações da sociedade como modeladora de um Estado-nação.

O fato social transforma a realidade em que se dá, modifica os agentes que o vivenciam e deixa um legado às gerações futuras. Por mais perigoso que pareça ser esta afirmação, o fato social é também a força motriz de um Estado democrático. Os fatos sociais são o pulsar de um regime fluido como é a democracia, conseqüentemente emolduram a sociedade e o Estado.

O Estado por sua vez é um gerador de fatos sociais de forma institucionalizada. Ele elabora num conjunto de determinados instrumentos, tais como: a educação, as leis, as normativas e outras regras, que assim que inseridas no tecido social dão novas formas ao estado social atual. Retomar aqui a questão da lei de sucessão, da educação e da ideia de soberania do povo como fatos sociais que, na medida em que foram sendo implementados, acabaram por modificar a realidade posta, nos parece pertinente, pois isso transforma o tecido social de forma significativa. Essa intervenção se torna parte dos costumes e hábitos ao ponto de não ser mais sentida como uma ação solta, mas se torna um bem que faz parte da cultura da sociedade.

A educação nessa perspectiva aqui apresentada vai além do letramento e da incorporação dos conhecimentos humanos produzidos e sistematizados, ela passa por aspectos da vida em sociedade, da necessidade de interação e ação na coisa pública e nos interesses coletivos. Esta atividade é executada pelo povo americano por meio da sua característica associativa. Este dispositivo tem caráter relevante na estrutura social e política daquele país, pois além de ser um fato coletivo, os americanos se associam de modo a agir em prol da coletividade. Isso deu aos americanos a clareza de que para se manter o estado de igualdade era necessário a articulação e união da sociedade, o que fez com que se juntassem nos mais diversos tipos de associações e filiações políticas. Essa condição de associativismo dos mais diversificados amplia de modo significativo a abertura para tomadas de decisão coletivas e de certo modo, voltadas para o bem comum. Parece pertinente apresentar aqui de forma breve que Tocqueville não deixa de evidenciar as virtudes e os vícios do sistema democrático, no sentido de que observa a importância das atividades associativas dos americanos, que foram fundamentais para o nascimento, fortalecimento e enraizamento da democracia naquele contexto. Para tanto, Tocqueville fornece vários exemplos de como os cidadãos americanos, apesar de seu caráter individualista, teriam sido capazes de ações coletivas com as quais deliberaram sobre a

coisa pública, uma prática que no interior de um estado social certamente fortalece a democracia:

Os americanos de todas as idades, de todas as condições, de todos os espíritos, estão constantemente a se unir. Não só possuem associações comerciais e industriais, nas quais tomam parte, como ainda existem mil outras espécies: religiosas, morais, graves, fúteis, muito gerais e muito pequenas. Os americanos associam-se para dar festas, fundar seminários, construir hotéis, edifícios, igrejas, distribuir livros, enviar missionários aos antípodas; assim também criam hospitais, prisões, escolas.<sup>59</sup>

À vista disso é que se faz necessário entender como os fatos sociais, na medida em que são institucionalizados, sejam ele na perspectiva civil ou na estatal tem influência no corpo social e o modificam. Este será trabalho para outro momento.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Compreendidas as características do estado social, seus elementos principais, mas não únicos, o papel dos fatos e leis na estruturação do tecido social americano e de suas instituições é oportuno concluir que, as democracias estão fortemente associadas as suas bases de nascimento, seus hábitos e costumes. Fato que não interdita as mudanças destes aspectos, pois a movimentação da sociedade impulsiona as instituições e resultado disso, o seu regime político, logo é categórico afirmar que a sociedade que conquistar o mais alto grau de democracia em seu regime político seja por meio da participação e representação, atingirá semelhantemente a igualdade e liberdade para seus indivíduos, suprimindo assim, quaisquer exclusões.

---

<sup>59</sup> TOCQUEVILLE, Livro II, 2014, p. 131.

---

## REFERÊNCIAS

- ARON, Raymond. **As etapas do pensamento sociológico**. Tradução Sérgio Bath. São Paulo, Martins Fontes, 1999.
- JASMIM, Gantus Marcelo. **Alexis de Tocqueville: a historiografia como ciência da política**. Belo Horizonte: UFMG/IUPERJ, 2005.
- LEFORT, Claude. **Desafios da escrita política**. Tradução Eliana de Melo Souza. São Paulo: Discurso, 1999.
- QUIRINO, Galvão Célia. Tocqueville: a realidade da democracia e a liberdade ideal. BRANDÃO, Gildo; QUIRINO, Célia Galvão; VOUGA, Claudio (Orgs.). In: **Clássicos do pensamento político**. São Paulo: EDUSP, 2004.
- \_\_\_\_\_. Tocqueville: Sobre a liberdade e a igualdade. WEFFORT, C Francisco (Org.). In: **Os clássicos da política**. São Paulo: Ática, 1999.
- \_\_\_\_\_. **Tocqueville: a realidade da democracia e a liberdade ideal**. Instituto de Estudos Avançados (USP). São Paulo, 2013
- REIS, Esser Helena. A democracia como processo: política e educação no pensamento de Tocqueville. **Contexto & Educação** (UNIJUÍ). Ijuí/ RS, Vol. 24, Nº 82, 2009, pp. 97-110.
- \_\_\_\_\_. Virtudes e vícios da Democracia. **Philosophos** (UFG). Goiânia, 2006, Vol. 11, pp. 115-128.
- \_\_\_\_\_. A verdade provisória da democracia: uma análise do pensamento ético-político de Alexis de Tocqueville. **Polietica** (PUCSP). São Paulo, 2012, Vol. 1, Nº 1, pp. 5-24.
- TOCQUEVILLE, de Alexis. **A democracia na América: leis e costumes**. Tradução: Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2001a.
- \_\_\_\_\_. **A democracia na América: sentimentos e opiniões**. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2001b.
- \_\_\_\_\_. Igualdade social e liberdade política: uma introdução a obra de Tocqueville. Tradução Cícero Araújo. GILBERT, Pierre In: **Textos selecionados e apresentados**. (Org.) São Paulo: Neuman, 1988.
- \_\_\_\_\_. **O Antigo regime e a Revolução**. Tradução: Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

---

**BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR**

DAHL, Robert. **Poliarquia**. Tradução Celso Mauro Paciornik. São Paulo: EDUSP, 2012.

\_\_\_\_\_. **Sobre a democracia**. Tradução Beatriz Sidou. Brasília: Ed. UNB, 2001.

JEFFERSON, Thomas. **Escritos políticos**. Tradução Leonidas Gontijo de Carvalho. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

SARTORI, Giovanni. **A teoria da democracia revisitada: as questões clássicas**. Tradução Dinah de Abreu Azevedo. São Paulo: Ática, 1994a.

SARTORI, Giovanni. **A teoria da democracia revisitada: o debate contemporâneo**. Tradução Dinah de Abreu Azevedo. São Paulo: Ática, 1994b.

## ENSINO MÉDIO INTEGRADO: ESPAÇO DE APRENDIZAGENS E FAZERES PEDAGÓGICOS DIVERSIFICADOS

Flávia Heloísa da Silva<sup>60</sup>

Silvia Renata Sakalauskas<sup>61</sup>

Mércia Freire Rocha Cordeiro Machado<sup>62</sup>

### RESUMO

Este artigo apresenta uma pesquisa qualitativa do tipo exploratória realizada com estudantes de oito turmas de terceiros anos dos cursos técnicos integrados de uma instituição de ensino técnico e tecnológico de Curitiba. Objetiva analisar as percepções desses estudantes quanto ensino médio integrado como espaço de aprendizagens e fazeres pedagógicos diversificados. Os dados derivam da convergência entre a revisão de literatura e a Análise de Conteúdo na perspectiva de Bardin (2011) realizada nos questionários aplicados aos 208 participantes. Os resultados permitiram identificar que a maioria dos futuros técnicos escolheram o curso técnico que está cursando e consideram que: i) a escola é um espaço importante para o seu futuro; ii) os fazeres pedagógicos dos professores considerados ótimos e bons, no que se refere aos conhecimentos teóricos e práticos da sua área de formação técnica, atendem as expectativas quanto ao curso escolhido; e iii) o curso técnico integrado ao ensino médio escolhido, promove aprendizagens diversificadas. Contudo, a maioria dos entrevistados ressaltam também que, não pretendem trabalhar na área técnica em que vão se formar, apesar de indicar o curso técnico integrado ao ensino para outras pessoas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ensino médio integrado. Conhecimentos teóricos e práticos. Espaço de diversidade.

---

<sup>60</sup>Mestranda em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT) em Rede. Instituição Associada: Instituto Federal do Paraná (IFPR). E-mail [flavia.silva@ifpr.edu.br](mailto:flavia.silva@ifpr.edu.br).

<sup>61</sup>Mestranda em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT) em Rede. Instituição Associada: Instituto Federal do Paraná (IFPR). E-mail [silvia.sakalauskas@ifpr.edu.br](mailto:silvia.sakalauskas@ifpr.edu.br).

<sup>62</sup>Doutora em Educação e professora do Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT) em Rede. Instituição Associada: Instituto Federal do Paraná (IFPR). E-mail [mercia.machado@ifpr.edu.br](mailto:mercia.machado@ifpr.edu.br).

## ABSTRACT

This article presents a qualitative research of the exploratory type carried out with students from eight classes attending the third year of High School of the integrated technical courses of a technical and technological teaching institution of Curitiba. It aims to analyze the perceptions of these students as integrated high school as a space for learning and diversified pedagogical practices. The data derive from the convergence between the literature review and the Content Analysis from Bardin's (2011) perspective in the questionnaires applied to the 208 participants. The results allowed to identify that most of the future technicians chose the technical course that they are taking and consider that: i) the school is an important space for their future; ii) the pedagogical tasks of the teachers considered to be great and good, as far as the theoretical and practical knowledge of their area of technical training, meet the expectations regarding the chosen course; and iii) the technical course integrated to the chosen high school, promotes diversified learning. However, most of the interviewees also point out that they do not intend to work in the technical area in which they will graduate, despite indicating the technical course integrated to teaching to other people.

**KEY WORDS:** Integrated High School. Theoretical and practical knowledge. Space of diversity.

## INTRODUÇÃO

A educação brasileira sempre foi uma temática muito controversa e para discutí-la é necessário um desdobramento político, social e econômico e o entrelaçar desses fatores está presente na história do Brasil e nas constantes mudanças no cenário educacional. Nesse contexto, analisando a trajetória da educação brasileira no âmbito do ensino profissionalizante observamos que as escolas voltadas para essa finalidade, inicialmente constituídas com o intuito de realizar uma função assistencialista, atendiam os desvalidos, abandonados e órfãos com o objetivo de promover uma ocupação e conseqüentemente diminuir a criminalidade, caminhando para objetivos mercadológicos na revolução industrial (MOURA, 2007).

Observa-se também que a relação entre a educação básica e a profissional sempre foi marcada pela dualidade, pois até o século XIX não são apontadas iniciativas pertinentes à esfera da educação profissional. O que se percebe é que a educação no Brasil caracterizava-se por uma resistente divisão, onde, de um lado o ensino era voltado para os membros das classes trabalhadoras e de outro, apresentava um caráter totalmente elitista pois “privilegiava o acesso aos nobres, aos proprietários de terras e a uma camada intermediária surgida da ampliação dos quadros administrativos e burocráticos” (ARANHA, 2006, p. 226). Nessa dualidade educacional, enquanto as elites recebiam uma educação direcionada para a criação e administração dos processos (saber-pensar), a classe trabalhadora era preparada para a operacionalização das funções (saber-fazer). Atualmente a educação profissional integrada ao ensino médio tem a finalidade de formar o ser humano na sua integralidade, apto à leitura do mundo e atuação cidadã, tornando-o capaz de analisar globalmente o que antes era lido proposto em fragmentos, ser crítico, de forma a não enxergar o trabalho de forma reducionista e utilitarista, mas também no seu sentido ontológico.

Para alcançar a quebra desse paradigma que permeia a dicotômica relação entre trabalho e educação, a abordagem trazida pelo ensino médio integrado à educação profissional deve contemplar conhecimentos gerais e específicos, teóricos e práticos, integrando o currículo escolar como um todo, com práticas pedagógicas que ultrapassam suas áreas, motivados pela pesquisa, ensino e extensão.

A unidade entre a teoria e a prática, característica da educação tecnológica, coloca em destaque a omnilateralidade que caracteriza o homem, marcada pela oposição da divisão entre trabalho manual e intelectual, ainda vista atualmente e permite “a possibilidade de uma plena e total manifestação de si mesmo, independentemente das ocupações específicas da pessoa” (MANACORDA, citado por SAVIANI, 2007, p.162). A formação omnilateral compreende uma formação humana, que supera o interesse capitalista de formação para o mercado de trabalho, compreende a conexão entre os saberes, permitindo uma visão ampla de vários aspectos que compõem o mesmo ponto central, a integração interdisciplinar que compreende componentes curriculares de núcleo específico e comum, entre conhecimentos teóricos e práticos, que proporcionam uma educação unitária.

Portanto, a articulação entre a educação básica e a educação profissional, de forma integrada, pressupõe que o seu planejamento, organização, objetivos e métodos estejam fundamentados por um projeto unitário, com o foco na formação omnilateral, pois caso

contrário, será um amontoado de conceitos fragmentados e autônomos pertencentes a mesma grade curricular, no entanto sem diálogo ou sintonia, impossibilitando a formação integral humana.

A integração entre a técnica (conhecimento prático) e a ciência (conhecimento teórico) une também o trabalho intelectual e o trabalho produtivo, dando a eles o mesmo grau de importância, sendo, portanto, a base de uma educação que visa romper com a divisão social do trabalho (ARAÚJO E RODRIGUES, 2010).

A proposta unitária entre teoria e prática, que proporciona o desenvolvimento cultural do indivíduo, é o resultado de uma prática pedagógica significativa que estimula a reflexão sobre o que permeia o mundo do trabalho, sua cultura, correlações de forças, de saberes e relações sociais existentes na produção, no qual os indivíduos compreendem, através da ação educativa concomitante à vivência, a construção da sua própria formação, a partir desta construção/formação coletiva se transforma a existência humana. Desta forma, encontra-se o princípio educativo do trabalho (MOURA, 2007).

O ensino técnico integrado é um processo que vai além da construção do conhecimento, pois apresenta como principal característica uma formação continuada e de escolarização profissional, formando o indivíduo para a cidadania e preparando-o também para a sua inserção no mundo do trabalho. Ramos (2009) esclarece que essa integração permite uma formação omnilateral, pois envolve as dimensões fundamentais da vida (trabalho, ciência e cultura) que contribuem para a estruturação da vida em sociedade.

É preciso considerar ainda que ao discorrer sobre o ensino médio, última etapa da educação básica onde uma significativa parcela de seu público é composta por jovens e adolescentes, essa concepção de integração deve atender também de forma específica as necessidades e anseios desses sujeitos. Segundo Ramos (2009), esse propósito pode ser alcançado quando os objetivos formativos são delineados em prol das necessidades socioculturais e econômicas desses sujeitos, dando-lhes a oportunidade de exercerem seus direitos enquanto cidadãos e trabalhadores.

Dentro da prática educativa integrada, cuja finalidade é unificar a educação geral com o ensino técnico, deve-se buscar a indissociabilidade desses saberes em todos os aspectos onde ocorre a preparação para o trabalho, garantindo ao educando “uma formação completa para a leitura do mundo e para a atuação como cidadão pertencente a um país, integrado dignamente à sua sociedade política” (CIAVATTA, 2005, p. 2-3).

Para a constituição de um ensino médio integrado como política educacional que vise o desenvolvimento social é preciso ir além do conhecimento que prepara para o exercício do trabalho e, segundo Frigotto (2005), deve-se buscar principalmente o avanço da educação unitária e não dualista que promova a associação entre conhecimento, cultura, ciência e trabalho, condições básicas para o exercício da cidadania, direito de todos os indivíduos que compõem a sociedade humana. Para uma formação profissional efetiva deve-se priorizar a articulação entre uma educação básica de qualidade com a mudança dos processos produtivos, alinhando-os com a realidade dos jovens que cada vez mais cedo buscam inserção no mercado de trabalho, a fim de garantir sua subsistência. Sendo assim, este estudo buscou averiguar, do ponto de vista do discente, as percepções acerca do curso escolhido, a relevância da escola para a qualificação profissional e também sobre o fazer pedagógico docente, onde o aluno pode avaliar os conhecimentos teóricos e práticos ministrados em sala de aula.

## **PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

Para atingir o objetivo proposto, optamos por uma metodologia de abordagem qualitativa do tipo exploratória, para a compreensão e a interpretação do fenômeno pesquisado. Para a coleta de dados, decidimos pela pesquisa documental, pelo questionário e pela revisão bibliográfica para o suporte teórico.

A pesquisa documental foi realizada para a coleta inicial de informações nos: i) Artigos; ii) documentos acessados na internet e; iii) teses e dissertações disponíveis na web.

O questionário foi o instrumento utilizado para a coleta de dados e constituiu-se por meio de três fases: i) a elaboração do roteiro; ii) aplicação do questionário propriamente dito, e iii) tabulação dos dados.

Foi composto pelas seguintes questões: i) de quem foi a decisão para estudar na Instituição?; ii) se você pudesse você faria... iii) como avalia os conhecimentos teóricos recebidos?; vi) como avalia os conhecimentos práticos recebidos?; v) quais as suas expectativas sobre o curso?; vi) você indicaria ou não o curso realizado?; vii) qual a importância da escola para o seu futuro?; viii) na sua opinião, como foi o seu aprendizado durante o curso?; ix) você pretende trabalhar na área técnica em que vai se formar?; x)

após a conclusão do seu curso técnico, você pretende fazer outro curso técnico?; e xi) como avalia a qualificação de seus professores?.

O questionário foi aplicado presencialmente, no período de maio e junho de 2017, para 208 estudantes concluintes dos cursos Técnicos Integrados em: Administração, Contabilidade, Informática, Petróleo e Gás, Jogos Digitais, Eletrônica, Processos Fotográficos e Mecânica, de uma instituição de ensino técnico e tecnológico de Curitiba. Para a análise de dados, a opção foi realizar a análise documental nos documentos coletados e a análise do conteúdo nos questionários respondidos pelos estudantes.

A análise documental objetivou: i) constituir o campo de estudo da pesquisa; ii) fundamentar teoricamente a pesquisa; iii) fundamentar os questionários aplicados aos estudantes dos cursos; iv) fundamentar a análise e discussão dos dados.

A análise de conteúdo com base em Bardin (2011) foi o método utilizado para analisar as respostas dos questionários, obedecendo às fases de coleta de dados, preparação dos dados, codificação, categorização e análise do conteúdo.

Essa análise, para Machado (2016), não pode ser rígida, com regras preestabelecidas ou etapas estanques, mas, ao contrário, deve ser orientada para uma direção flexível, com etapas integradas, que só se separam para fins de estudo, permitindo que o pesquisador encontre o melhor caminho para a compreensão do processo e dos fenômenos estudados com vistas a atender ao objetivo que se propôs esta pesquisa.

Conhecidas as respostas dos estudantes, estas passaram a constituir-se como indicadores para a criação das categorias de análises, unidades de registro comparáveis e com o mesmo conteúdo semântico. Dessa forma, a categorização das respostas dos estudantes foi empreendida após a: i) leitura cuidadosa das respostas; ii) reflexão dos pesquisadores a partir de cada resposta; iii) identificação e criação de grupos com pontos de convergência entre as respostas para consolidar um significado; e iv) criação das categorias de análise.

Para apresentar a análise e discussão dos dados, foram desconsideradas as casas decimais, aplicando o arredondamento de valores, pois consideramos que essa prática além de simplificar os dados, contribui para a sua assimilação.

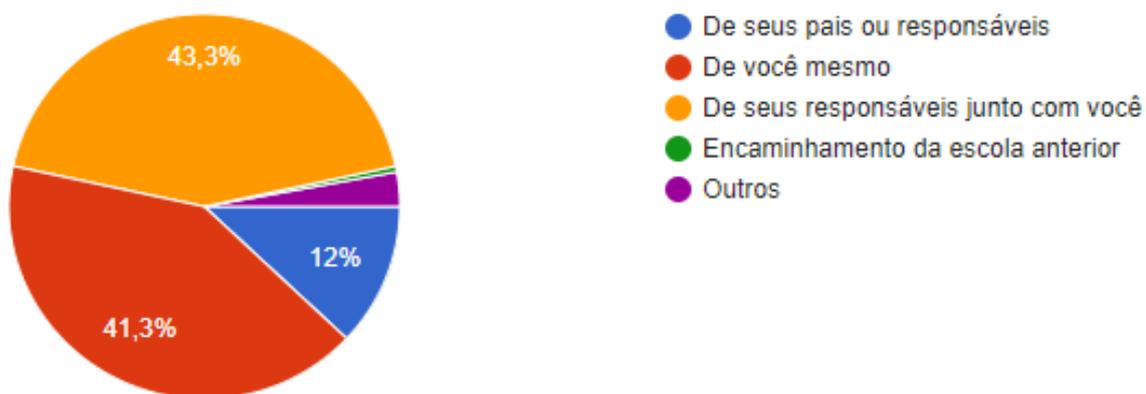
## ANÁLISE E DISCUSSÃO DE DADOS

A partir da Análise de Conteúdo realizada nas respostas dos 208 questionários, emergiram três conjuntos de códigos e constituíram-se como indicadores. Por meio desses, compreendeu-se a identificação de incidências por semelhança nas respostas dos participantes, as quais evidenciaram suas percepções quanto ao ensino médio integrado, como espaço de aprendizagens e fazeres pedagógicos diversificados. Os códigos que apresentaram maior incidência foram:

### A PERCEPÇÃO SOBRE O CURSO

Para este código foram consideradas as respostas para as questões: i) de quem foi a decisão para estudar na Instituição; ii) se você pudesse você faria... iii) como avalia os conhecimentos teóricos recebidos; vi) como avalia os conhecimentos os conhecimentos práticos recebidos; v) quais as suas expectativas sobre o curso; e vi) você indicaria ou não o curso realizado.

**Gráfico 1 – Decisão para estudar na Instituição.**



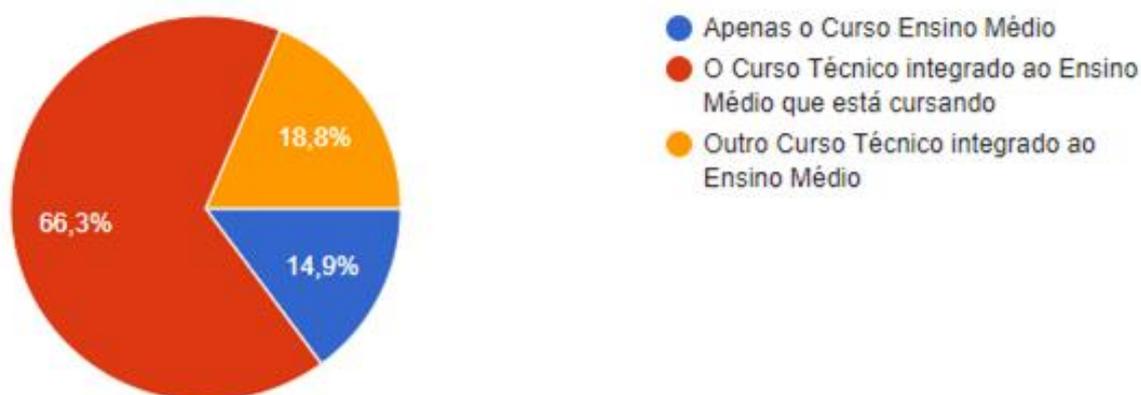
O Gráfico 1 apresenta os resultados do questionamento sobre a decisão de estudar na Instituição, onde segundo as respostas, 41% afirmaram que os próprios estudantes fizeram a escolha pela Instituição. Ao somarmos as respostas dos estudantes que escolheram estudar na Instituição juntamente com seus responsáveis, teremos um total de

85% de respostas, demonstrando que a maioria dos entrevistados optaram em estudar na instituição.

Este dado é relevante para a instituição, pois os jovens que buscam, pesquisam e escolhem a instituição escolar que mais atende suas expectativas para o futuro, estão amparados pela perspectiva de emancipação e autonomia, de acordo com Frigotto, citado por Araújo e Rodrigues (2010, p.60). Para eles,

a educação profissional emancipadora, no campo educativo, orienta-se por uma educação omnilateral, formadora de sujeitos autônomos e protagonistas de cidadania ativa e articulada a um projeto de Estado radicalmente democrático e a um projeto de desenvolvimento sustentável.

O Gráfico 2 nos traz os resultados do questionamento sobre: se você pudesse você faria... e segundo as respostas, observamos que 85% dos entrevistados escolheriam o curso técnico que já está cursando para sua formação de nível médio, sendo distribuídos em 66% para o curso no qual já está matriculado e 19% em outro curso técnico.

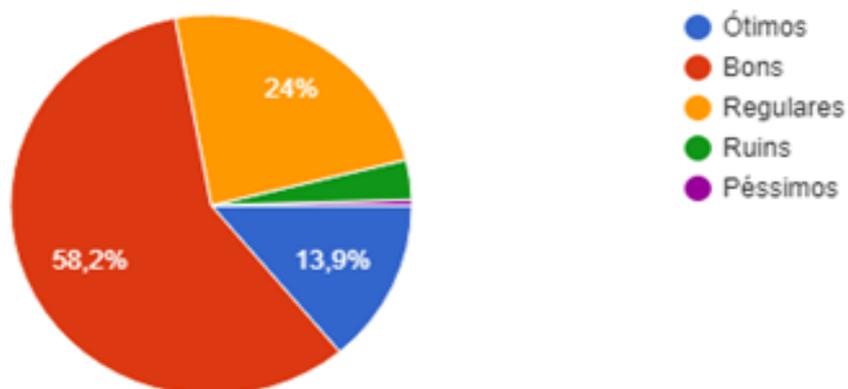


**Gráfico 2 – Escolha do Curso.**

Estes dados nos mostram que com a escolha pelo curso integrado estão buscando uma formação para além da básica e com perspectiva de continuidade verticalizada nos estudos, que também possibilite a inserção na carreira profissional.

O Gráfico 3 nos traz os resultados do questionamento: como avalia os conhecimentos teóricos recebidos? Na avaliação do ensino recebido 72% dos estudantes consideram que os conhecimentos teóricos recebidos são ótimos e bons, ratificando que

a proposta institucional de ofertar uma formação técnica sólida e de qualidade tem se concretizado.

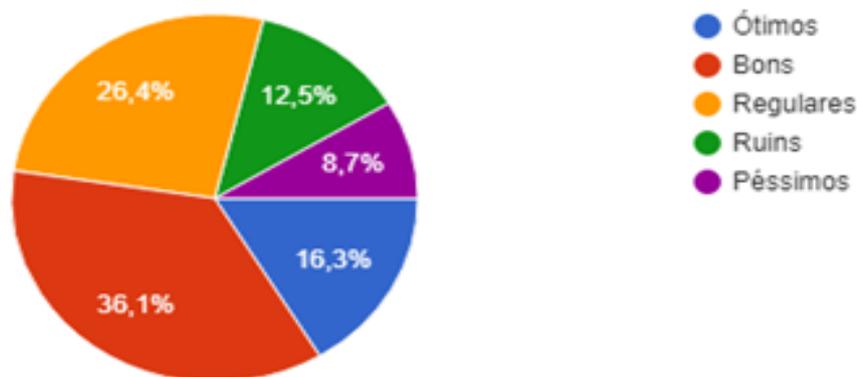


**Gráfico 3 – Avaliação de Conhecimentos Teóricos**

É importante destacar, com essa informação atendemos o defendido por Ramos (2007, p.03) dos dois pilares conceituais da educação integrada atendidos: “um tipo de escola que não seja dual, ao contrário, seja unitária, garantindo a todos o direito ao conhecimento; e uma educação politécnica, que possibilita o acesso à cultura, a ciência, ao trabalho, por meio de uma educação básica e profissional”.

Assentindo com a explanação semântica, política e histórica retratada por Nosella (2007) sobre o termo educação politécnica, entendemos que a expressão se mostra equivalente a expressão educação tecnológica, portanto, a substituição dos termos se mostra “sem prejuízo algum para a concepção pedagógica” conforme Saviani (2007).

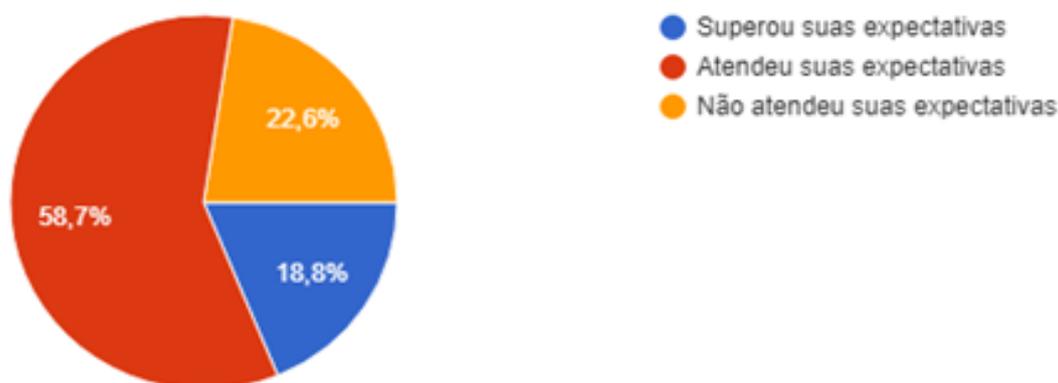
Quanto aos conhecimentos práticos, de acordo com o Gráfico 4, somente 52% dos estudantes consideram ótima ou boa a formação recebida, sinalizando a atenção para este item.



**Gráfico 4 – Avaliação de Conhecimentos Práticos**

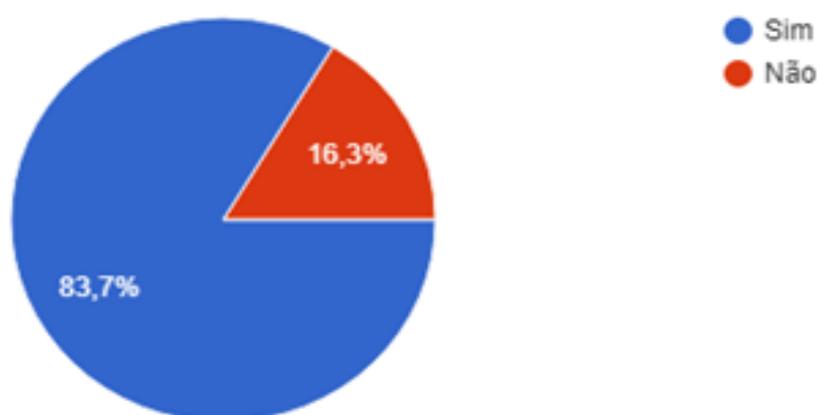
Embora a educação unitária, segundo Ramos (2007, p.9), vise “a práticas curriculares e pedagógicas que levem à formação plena do educando e possibilitem construções intelectuais elevadas, mediante a apropriação de conceitos necessários à intervenção consciente na realidade” a instituição de ensino pesquisada galga o seu espaço na produção deste conhecimento, por ser uma instituição relativamente nova, caminha a passos largos para esta conquista. Ou seja, ainda que 16% dos entrevistados tenham avaliado com ótimo os conhecimentos práticos recebidos e 14% como ótimo os conhecimentos teóricos, esse é um indicador que fundamenta o estabelecimento urgente de estratégias para melhorar à oferta de atividades práticas como estágios, projetos de intervenção e outros, que garantam aos estudantes um maior contato com a realidade profissional do seu curso.

O que concerne ao questionamento sobre as expectativas em relação ao curso, 59% dos estudantes estão satisfeitos e 19% deles apontaram que o curso superou suas expectativas iniciais. Contudo, é necessária uma investigação mais aprofundada nos dados apresentados pelo Gráfico 5, especialmente em relação aos 22% que consideram que o curso não atendeu às suas expectativas.



**Gráfico 5 – Avaliação de Curso**

O Gráfico 6 nos mostra que 84% dos estudantes indicariam o curso realizado a outras pessoas, demonstrando coerência com os dados anteriormente apresentados e evidenciando, portanto, a satisfação com a Instituição, com os professores e com os conhecimentos ofertados, ainda que permaneçam 16% de insatisfeitos.



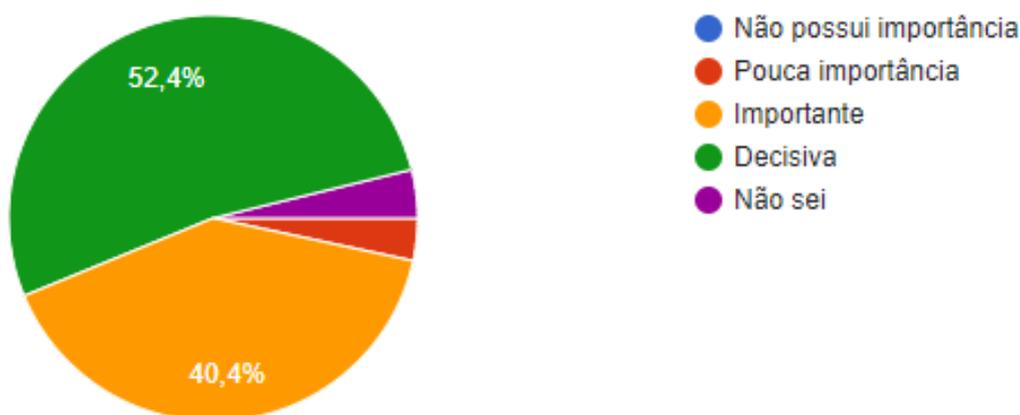
**Gráfico 6 – Indicação do Curso**

### **Percepção sobre formação técnica para atuação profissional**

Para este código foram consideradas as respostas para as questões: i) qual a importância da escola para o seu futuro?; ii) na sua opinião, como foi o seu aprendizado durante o curso?; iii) você pretende trabalhar na área técnica em que vai se formar?; e iv)

após a conclusão do seu curso técnico, você pretende fazer outro curso técnico? das quais obtivemos os seguintes resultados.

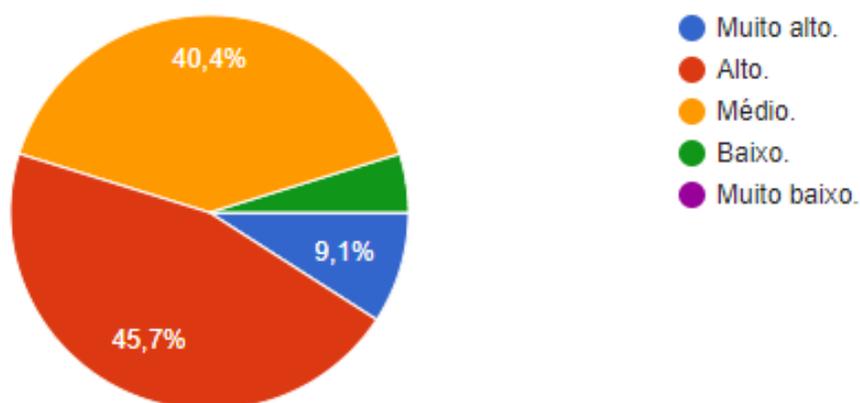
O Gráfico 7 nos traz os resultados do questionamento sobre a importância da escola para o futuro do estudante e segundo as respostas, observamos que 93% dos entrevistados consideram a escola importante ou decisiva para o seu futuro, em consonância com as respostas anteriores, nos quais: i) 85% dos jovens escolheram sozinhos ou com seus responsáveis a instituição de ensino no qual estudam; ii) 77% dos matriculados admitem que a instituição alcançou ou superou suas expectativas; e iii) 84% indicariam o curso para outras pessoas.



**Gráfico 7 – Importância da escola para a formação do estudante.**

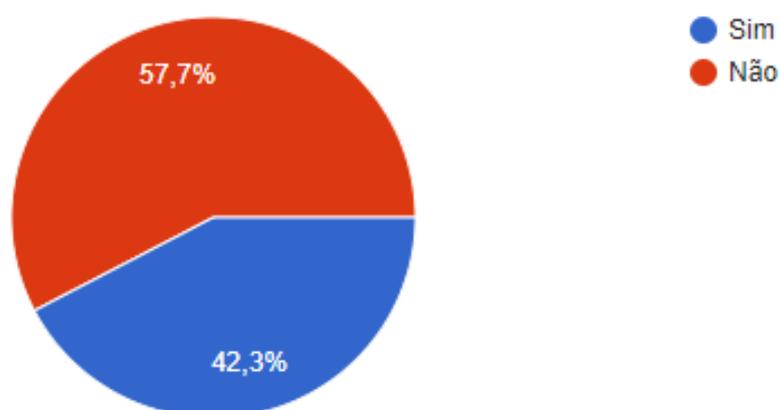
Com esses dados verificamos a manifestação clara de que os pressupostos de criação da Instituição estão sendo alcançados para estes jovens, onde é percebido que a escola oferece um ensino de qualidade, buscando a emancipação e a qualificação voltada para o mundo do trabalho em um trabalho unitário entre teoria e prática.

A qualidade do ensino ofertado, tem uma relação equivalente com a ampliação do conhecimento e da aprendizagem do estudante de forma omnilateral e os dados encontrados, no Gráfico 8, encorpam os resultados anteriores, onde 55% dos estudantes, conferem um grau de aprendizagem durante o curso muito alto ou alto e 95% do total de entrevistados, acreditam que seu aprendizado foi acima de médio.



**Gráfico 8 – Aprenderizado durante o curso.**

Quando ao questionamento sobre se pretende trabalhar na área técnica em que vai se formar? Verificamos que a maioria, ou seja, 58% dos estudantes, responderam que não irão trabalhar na área técnica de formação.



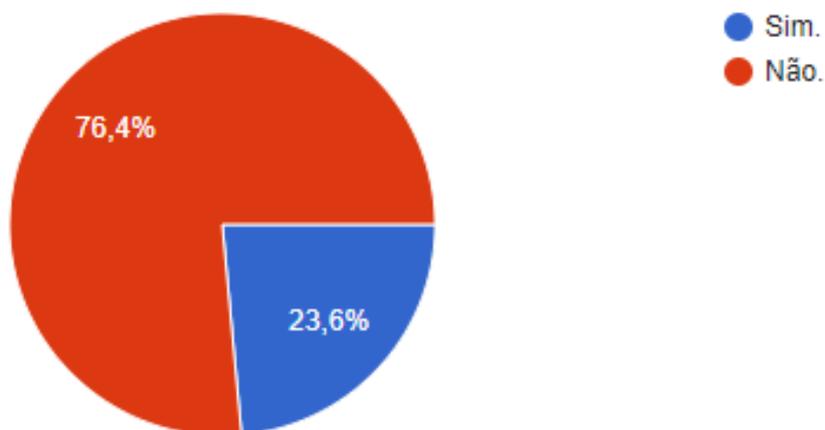
**Gráfico 9 – Trabalhar na mesma área de formação.**

Contudo, embora estes dados necessitem de uma investigação maior, arriscamos algumas hipóteses:

- Devido a instituição trabalhar com a tríade - ensino - pesquisa - extensão, os alunos se veem motivados a prosseguir seus estudos em cursos superiores, visando a continuidade acadêmica e a proximidade com a pesquisa.

- Alguns alunos entram na instituição pela qualidade do ensino, por indicação de outros, buscando a aprovação em ENEM e vestibulares para outros cursos, sem intencionalidade de permanência na área técnica.
- Durante o curso, o aluno observa maior compatibilidade de seu perfil com outro curso técnico, fazendo com que o mesmo sinta insatisfeito com o seu, em uma eminente predisposição à troca de curso.
- A instituição não oferta o curso desejado, desta forma, o estudante opta por entrar em outro curso, já sabendo que seu direcionamento acadêmico e profissional não é compatível com a proposta do curso

O Gráfico 10 nos traz os resultados do questionamento: após a conclusão do seu curso técnico, você pretende fazer outro curso técnico? e segundo as respostas, observamos que 24% dos entrevistados fariam outro curso técnico, após a conclusão do primeiro, resposta condizente com a satisfação do aluno com a instituição, ensino e encaminhamento curricular.

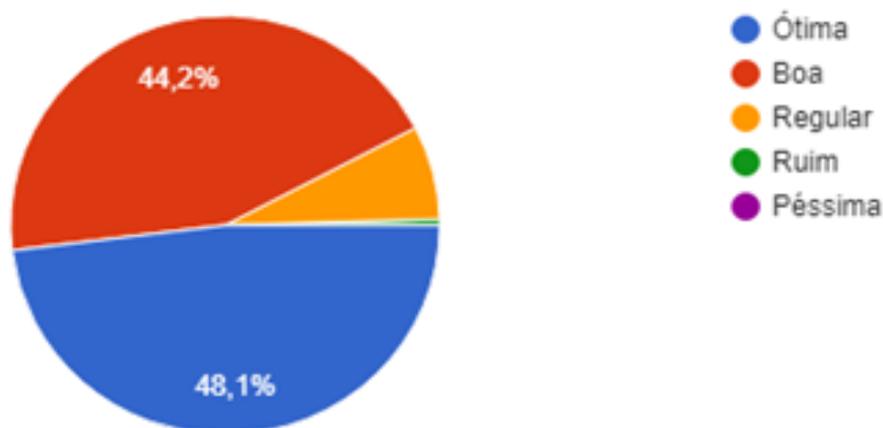


**Gráfico 10 – Opção por outro curso técnico.**

Estas informações ratificam a terceira hipótese destacada no item anterior. Contudo, o fato de 76% dos entrevistados responder negativamente ao início de um novo curso técnico só corrobora com a primeira e segunda hipóteses encontradas para as respostas expressas no gráfico anterior, sendo a instituição vista como promotora da verticalização do ensino.

### Percepção sobre o fazer pedagógico docente

Para este código foram consideradas as respostas para a questão: i) como avalia a qualificação de seus professores.



**Gráfico 11 – Avaliação de Qualificação Docente**

Na avaliação dos respondentes, 92% dos professores possuem qualificação considerada boa e ótima, e desses 48% a consideram como ótima. Esse dado apresentado pelo Gráfico 11 é muito importante pois, apesar das dificuldades já retratadas, os estudantes destacam a qualificação dos docentes como um fator positivo na avaliação final do curso.

Essa avaliação positiva indica um aspecto que merece uma investigação mais aprofundada, buscando identificar quais aspectos da docência poderiam ser melhorados a fim de garantir a efetividade do ensino integrado.

Diante da análise das respostas dos estudantes, os resultados permitiram identificar que a maioria dos futuros técnicos: i) escolheram o curso técnico que está cursando; ii) consideram os fazeres pedagógicos dos professores ótimos e bons no que se refere aos conhecimentos teóricos e práticos da sua área de formação técnica atendendo as expectativas quanto ao curso escolhido; e iii) o curso técnico integrado ao ensino médio escolhido promove aprendizagens diversificadas.

Contudo, a maioria dos entrevistados ressaltam também que, não pretendem trabalhar na área técnica em que vão se formar, apesar de indicar o curso técnico integrado ao ensino para outras pessoas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Existem modelos pedagógicos sendo desenvolvidos, com experiências exitosas, que precisam ser pesquisados, pois essas podem ter ensinamentos preciosos para a construção de uma proposta pedagógica de educação profissional consistente.

Para isso faz-se necessário reconhecer a necessidade de se articular os projetos de educação profissional a diferentes estratégias de escolarização, de modo a buscar a superação de estratégias fragmentadas e instrumentais durante a formação, assim, o aprendizado diversificado será bem-sucedido se tiver intencionalidade e reciprocidade e significado.

O fazer pedagógico diversificado está relacionado a princípios planejados e podem gerar diferentes tipos de aprendizagens exigindo do professor: respeito pelo saber do estudante; criticidade; ética; reflexão crítica sobre a sua prática; respeito a autonomia do estudante; disponibilidade para o diálogo; aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação.

Por fim, é importante destacar as dificuldades encontradas para tornar possível este estudo, pois apesar ensino médio integrado ser uma área em expansão, o número de pesquisas publicadas ainda é muito reduzido, indicando o seu potencial de demanda.

---

## REFERÊNCIAS

- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. História da educação e da pedagogia: geral e Brasil. São Paulo: Moderna, 2006
- ARAÚJO, R. M. L.; RODRIGUES, D. S. Referências sobre práticas formativas em Educação Profissional: o velho travestido de novo ante o efetivamente novo. **Boletim Técnico do Senac**, Rio de Janeiro, v.36, n.2, maio/ago. 2010. Disponível em: <http://www.bts.senac.br/index.php/bts/article/view/218/201>
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- CIAVATTA, M. A formação integrada: a escola e o trabalho como lugares de memória e de identidade. **Trabalho Necessário**, v.3, n.3, 2005. Disponível em: [http://www.uff.br/trabalhonecessario/images/TN\\_03/TN3\\_CIAVATTA.pdf](http://www.uff.br/trabalhonecessario/images/TN_03/TN3_CIAVATTA.pdf).
- FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria; RAMOS, Marise (org.). **Ensino Médio Integrado: concepção e contradições**. São Paulo: Cortez, 2005.
- MACHADO, Mércia Freire Rocha Cordeiro. **As contribuições e implicações da mediação pedagógica na formação continuada de professores da Educação Profissional e Tecnológica a Distância**. 2016. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2016.
- MOURA, Dante Henrique. Educação básica e educação profissional e tecnológica: dualidade histórica e perspectiva de integração. **Holos**, Natal, v.2, p.1-27, 2007. Disponível em: <http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/viewFile/11/110>.
- NOSELLA, Paolo. Trabalho e perspectivas de formação dos trabalhadores: para além da formação politécnica. **Revista Brasileira de Educação**, v.12, n.34 jan./abr. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v12n34/a11v1234.pdf>
- RAMOS, M. N. Concepção do Ensino Médio Integrado à Educação Profissional. In: Secretaria de Estado da Educação do Paraná. (Org.). **O ensino médio integrado a educação profissional: concepções e construções a partir da implantação na rede pública do Paraná**. 1ed.Curitiba: SEED-PR, 2009, v. 1, p. 23-37.
- SAVIANI, D. Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos. **Revista Brasileira de Educação**, Campinas, v.12, n.32, p. 52-180, jan./abr. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v12n34/a12v1234.pdf>